UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

DAVID EDSON FARAH

Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: Os conectores causais da língua alemã

Versão Corrigida

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: Os conectores causais da língua alemã

David Edson Farah

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora:
Profa. Dra. Eliana Gabriela Fischer

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

F219c

FARAH, David E.
Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: Os conectores causais da língua alemã / David Edson Farah; orientadora Eliana Gabriela Fischer. – São Paulo, 2014. 139 f.

Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. Linguística Cognitiva. 2. Língua alemã. 3. Causalidade. 4. Conjunção coordenativa. 5. Conjunção subordinativa. I. Fischer, Eliana G., orient. II. Título.

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, curiosos,
ousam repetidamente perguntar sobre o porquê das coisas.

Agradecimentos

Àquele que, havendo gerado tudo em si e de si, é a causa primeira de toda a existência.

Aos meus amados pais, Jamil e Leda, cujo amor, carinho e incentivo me trouxeram até aqui. Muito obrigado por me ensinarem a ser responsável e por terem sempre me permitido fazer minhas próprias escolhas, ainda que isso tenha me levado para longe de casa. Sem o carinho e a confiança de vocês, nada disso teria sido possível.

À minha tia Edlaini cuja generosidade e confiança permitiram que o caminho até aqui fosse trilhado em segurança, a minha eterna gratidão e amor.

Aos meus amigos de longa data, Ana Claudia, Guilherme, José Antonio, Raíssa, Stênio, pelos momentos de confraternização (mesmo quando as agendas estavam cheias e as viagens eram longas), as discussões, os concertos e pelo simples fato de existirem. A vocês, o meu muito obrigado por terem feito da minha vida escolar uma boa lembrança e por me acompanharem em muitos momentos da minha vida adulta.

Aos amigos que a vida me trouxe: Flora Bonatto, Bianca Ferrari, Marina Grilli, Vinicius Guidini, sem cujo incentivo constante, críticas sempre construtivas e discussões sobre os mais diversos assuntos, a vida seria um lugar menos interessante. Agradeço por me mostrarem que o respeito às diferenças, a confiança e o companheirismo são a base de toda grande amizade; que nas idas e vindas da vida sempre há alguém com quem se pode contar; que não há teoria sem prática e que na vida há riscos que valem a pena corrermos; e que a vida precisa ser levada com leveza de espírito e amor ao que se faz.

À minha orientadora, Eliana Fischer, pela confiança desde os tempos de graduação, pelos incentivos e oportunidades de crescer e me aprimorar, por perdoar os e-mails respondidos com atraso e por acreditar que todo o caminho até aqui seria digno de ser realizado. Muito obrigado pelas reuniões, pelos conselhos, pela leitura de meus textos, por permitir que eu mesmo encontrasse o caminho mais seguro, e por me mostrar que, apesar das formalidades e da seriedade daquilo que fazemos, é sempre possível encontrar algo novo e inesperado na pesquisa.

A todos os professores da Área de Alemão que participaram da minha formação acadêmica ao longo da graduação e das disciplinas de pós-graduação, eu agradeço por ter a oportunidade de aprender, conversar e conviver com vocês ao longo desses anos. Obrigado por me inspirarem, incentivarem e me corrigirem ao longo dessa jornada.

À Universidade de São Paulo (USP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por terem acolhido e financiado meu projeto de pesquisa.

Manopubbaṅgamā dhammā, manoseṭṭhā manomayā.

Toda experiência é precedida pela mente,

guiada pela mente, criada pela mente.

(Dhammapada 1.1)

Resumo

O presente trabalho apresenta e desenvolve conceitos oriundos da Linguística Cognitiva para investigar os aspectos cognitivos da codificação das relações causais introduzidas por conectores oracionais da língua alemã: *da*, *denn* e *weil*. Para tanto, este trabalho apropriou-se do aparato teórico e metodológico desenvolvido por Pander Maat & Degand (2001) e que concebe a causalidade não como uma relação única, mas como uma categoria gradual que engloba diferentes níveis de conexão. Diante disso, desenvolveram-se duas atividades elementares ao longo do trabalho. Em primeiro lugar, o levantamento bibliográfico da teoria em torno de diferentes abordagens à temática da causalidade que serviram de base para a discussão entretida nos dois capítulos iniciais. Em segundo lugar, a análise empírica de ocorrências de cada um dos conectores a partir dos métodos desenvolvidos por Pander Maat & Degand (2001), a fim de replicar seu estudo e investigar de que maneira o gradiente de relações causais pode contribuir para o estudo da causalidade na língua alemã.

Ao contrapor as abordagens desenvolvidas nas tradições formalista e funcionalista de análise linguística, o presente trabalho procurou argumentar que a investigação adequada dos fenômenos relacionados à causalidade seja desenvolvidas no escopo da Linguística Cognitiva e, no caso específico desta pesquisa, no aparato teórico da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987, 1991, 2008), já que se trata de pesquisa envolvendo aspectos da codificação gramatical da causalidade. Numa segunda etapa da discussão teórica, estabeleceram-se as bases para a pesquisa da causalidade no escopo da Gramática Cognitiva. Argumentou-se que, para o estudo bem-sucedido da causalidade, são necessários três componentes básicos: uma base conceitual sobre a qual se definem os parâmetros essenciais da experiência causal, um sujeito de consciência, ou seja, um conceituador capaz de estabelecer relações de causa a partir da base, e um conjunto de operações de perspectivação conceitual (*construal operations*) que determinam as formas de acesso à base conceitual. A interação entre esses três componentes determinam as diferentes categorias relacionais que compõem o gradiente causal. São elas: relação causal involuntária, relação causal voluntária, relação epistêmica causal, relação epistêmica não causal, relação de motivação entre atos de fala e relação de paráfrase entre atos de fala.

A realização da parte prática do trabalho desenvolveu-se a partir da aplicação do teste de paráfrases proposto pelos autores do estudo original. As paráfrases foram adaptadas para servirem à língua alemã e suas particularidades. Do teste de paráfrase resultou que os conectores *da* e *weil* concorrem no âmbito das relações causais voluntárias. As relações epistêmicas causais são codificadas por todos os três conectores e seus usos se diferenciam a partir de diferentes organizações da estrutura informacional e do gerenciamento comunicativo. As relações epistêmicas não causais são introduzidas por *da* e *denn*, enquanto somente *denn* introduz relações de motivação entre atos de fala. As relações das extremidades do gradiente (causais involuntárias e paráfrase entre atos de fala) não são codificadas por meio dos conectores analisados.

Palavras-chaves: Semântica Cognitiva; conectores oracionais; causalidade; subjetividade.

Abstract

This master thesis introduces and develops concepts from Cognitive Linguistics to investigate the cognitive aspects of the encoding of causal relations introduced by the following sentence connectors in German: *da*, *denn* and *weil*. Therefore, this work took the theoretical and methodological apparatus developed by Pander Maat & Degand (2001), which conceive causality not as one single relation, but as a gradual category that encompasses different levels of connection. Thus, two basic research activities were established. Firstly, the literature survey of the theory around different approaches to the issue of causality that formed the basis for the discussion entertained in the first and second chapter. Secondly, the empirical analysis of occurrences of each of the connectors employed the methods developed by Pander Maat & Degand (2001) in order to replicate their study and thus to investigate how the gradient of causal relations might contribute to the study of causality in the German language.

By opposing the approaches developed in the formalist and functionalist traditions of linguistic analysis, this study sought to argue that the proper investigation of phenomena related to causality are developed in the scope of Cognitive Linguistics and, in the specific case of this research, the theoretical apparatus of Cognitive Grammar, by Langacker (1987, 1991, 2008), since it comes to research involving aspects of grammatical encoding of causality. On a second phase, the theoretical discussion set up the foundation for the research of causality in the scope of Cognitive Grammar. It was argued that three basic components are needed to the successful study of causality: a conceptual base on which the essential parameters of the causal experience are defined, a subject of consciousness, i.e., a conceptualizer capable of establishing causal relations, and set of construal operations which determine the forms of access to the conceptual base. The interaction between these three components determines the different relational categories that comprise the causal gradient. They are: nonvolitional causality, volitional causality, epistemic causal relations, noncausal epistemic relations, relations between speech acts I (motivation) and relations between speech acts II (paraphrase).

The empirical research was developed by means of a paraphrase test, which was proposed by the authors of the original study. Paraphrases were adapted to serve the German language and its peculiarities. The paraphrase test shown that the connectors *da* and *weil* compete under the voluntary causal relationships. Causal epistemic relations are encoded by all three connectors and their uses differ due to several possible organizations in the information structure and the communicative management strategies they mobilize in their usage events. The noncausal epistemic relations are only introduced by the *denn*. Moreover, *denn* also introduces relations between speech acts (motivation). The relations of the both ends of the gradient (nonvolitional causality and paraphrase of speech acts) are not encoded by means of the connectors analyzed.

Key-words: Cognitive Semantics; sentence connectives; causality; subjectivity.

Sumário

0 Introdução 10
0.1 Aspectos gerais 10
0.2 A causalidade como objeto da Linguística (Cognitiva) 13
0.3 Metodologia e princípios de análise 16
0.4 Hipóteses e objetivos da pesquisa 17

1 A causalidade e suas múltiplas facetas 19
1.1 Aspectos gerais 19
1.2 A tradição formalista e o realismo metafísico 21
1.2.1 Da matemática para o significado linguístico 21
1.2.2 Causalidade equiparada à contrafactualidade 23
1.2.3 Realismo metafísico, causalidade e linguagem 26
1.3 A tradição funcionalista e a interação humana 28
1.3.1 O aspecto sistêmico da organização linguística 28
1.3.2 A causalidade sob o prisma funcionalista 30
1.4 A empreitada cognitivista e a experiência humana 34
1.4.1 Da experiência humana para o conhecimento linguístico . 34
1.4.2 A Gramática Cognitiva e sua arquitetura básica 35
1.4.3 Abordagens cognitivas para a causalidade 43

2 Construindo a cena causal 48
2.1 Apectos gerais 48
2.2 A base conceitual da causalidade 50
2.2.1 Dinâmica de forças na linguagem e na cognição 50
2.2.2 Causa e condicionalidade 52
2.3 O gradiente causal e suas bases teóricas 53
2.3.1 O sujeito de consciência 53
2.3.2 O alinhamento subjetividade/objetividade 53
2.3.3 Relações causais e seus subtipos 60
2.3.3.1 Relações causais involuntárias 65
2.3.3.2 Relações causais voluntárias 66
2.3.3.3 Relações causais epistêmicas 67
2.3.3.4 Relações epistêmicas não-causais 67
2.3.3.5 Relações causais entre atos de fala 69

3 Fundamentos metodológicos 71

3.1 Aspectos gerais 71
3.2 Caracterização do objeto de estudo 72
3.3 Caracterização do *corpus* 74
3.4 Critérios de seleção 75
3.5 Procedimentos de coleta de dados relevantes 77

4 Análise dos dados 80
4.1 Aspectos gerais 80
4.2 Hipóteses e expectativas do trabalho 81
4.3 Exemplificação dos procedimentos de análise 85
4.4 Resultados 97
4.4.1 Panorama das relações codificadas pelos conectores . . 97
4.4.2 Relações introduzidas por *weil* 101
4.4.2.1 Relações causais voluntárias 101
4.4.2.2 Relações epistêmicas causais 102
4.4.3 Relações introduzidas por *da* 104
4.4.3.1 Relações causais voluntárias 104
4.4.3.2 Relações epistêmicas causais 105
4.4.3.3 Relações epistêmicas não causais 106
4.4.4 Relações introduzidas por *denn* 107
4.4.4.1 Relações epistêmicas causais e não causais . . . 108
4.4.4.2 Relações entre atos de fala: motivação 109
4.5 Considerações sobre o gradiente relacional da causalidade . . . 110

5 Considerações finais 112

Referências 118

ANEXO A Ocorrências dos conectores analisados 123
A.1 Ocorrências do conector *da* 123
A.2 Ocorrências do conector *denn* 129
A.3 Ocorrências do conector *weil* 135

0 Introdução

0.1 Aspectos gerais

A causalidade permeia muitas instâncias do cotidiano nas sociedades humanas e se manifesta não apenas na sua forma de ver e compreender o mundo objetivo, mas também em suas tradições científicas e em suas línguas.

Em primeiro lugar, compreender o mundo objetivo significa compreender as relações que se estabelecem entre os elementos nele presentes e fazer uso deste conhecimento de mundo em favor próprio. Portanto, compreender as relações causais no mundo objetivo é o que se procura fazer quando se empreende a tentativa de descobrir o porquê de o motor do carro não dar ignição em uma manhã fria; ou o porquê de certas culturas agrícolas desenvolverem-se melhor em uma determinada qualidade de solo, mas serem improdutivas quando semeadas em um solo de outra qualidade qualquer; ou, ainda, o porquê de um amigo ou colega estar particularmente feliz ou triste nesta manhã. A obtenção deste tipo de informação é relevante para as mais diversas atividades desenvolvidas dentro das sociedades humanas e guiam não apenas o comportamento dos indivíduos que a integram, mas também formam a base do conhecimento de mundo compartilhado entre estes indivíduos e as gerações anteriores e posteriores. A relação entre causalidade (e explicabilidade) e as diversas atividades do cotidiano humano é abordada por Woodward (2003), que a interpreta da seguinte maneira:

> [...] estas são atividades cotidianas difundidas em que se engaja a maioria dos seres humanos, incluindo pessoas em outras culturas diferentes da nossa própria. São, se você preferir, atividades humanas "naturais", ao invés de atividades em que se engajam apenas cientistas ou filósofos com um gosto para o extravagante. Poucas culturas desenvolveram procedimentos sistemáticos para investigar a natureza, que nós possamos considerar como ciência; mas todas as culturas, incluindo aquelas em um passado remoto, tinham curiosidade sobre relações causais e explanatórias e acumularam uma grande quantidade de algum tipo de conhecimento causal mundano [...][1](WOODWARD, 2003, p. 18) (Tradução minha)

Não se trata, portanto, de conhecimento científico no sentido estrito do conceito, mas de conhecimento de mundo, adquirido por meio da observação e experimentação ao longo das

[1] *No inglês:* [...] these are widespread, everyday activities in which most human beings, including people in other cultures different from our own, engange. They are, if you like, "natural" human activities, rather than activities that only scientists or philosophers with a taste for extravagant metaphysics engage in. Few cultures have developed the systematic procedures for investigating nature that we think of as science, but all cutures, including those in the distant past, have been curious about causal and explanatory relationships and have accumulated a great deal of causal knowlodge of a mundane sort[...]

gerações humanas e que permitem a interação do ser humano com o ambiente ao seu redor, como demonstram os exemplos acima: identificar causas para o não funcionamento de mecanismos (simples ou complexos), ponderar as condições de solo e climáticas ideais para cada tipo de cultivo, depreender e interpretar informações sobre o estado emocional de outros indivíduos no grupo e orientar o próprio comportamento de acordo com estas informações, permitindo assim a adequação do ser humano à vida em sociedade.

Em segundo lugar, a aquisição de conhecimento causal sobre mundo objetivo, por sua vez, não está presente apenas no cotidiano secular dos seres humanos, ela está presente também e, provavelmente de maneira mais consistente e sofisticada, nas Ciências e em suas tradições. Voltando-se para a forma de aquisição de conhecimento sobre o mundo objetivo na esteira dos procedimentos científicos contemporâneos, é possível ainda visualizar um reflexo desta preocupação em compreender as relações causais no mundo objetivo nas tradições científicas das diversas sociedades humanas. E, ainda segundo Woodward (2003, 19), "é de se esperar que haja uma certa continuidade entre as práticas do cotidiano e práticas mais elaboradas como as que caracterizam a ciência contemporânea", já que estas tradições desenvolveram-se a partir da percepção e organização da informação causal oriunda da vivência cotidiana e ganharam contornos mais sofisticados com a elaboração e a implementação de princípios metodológicos de observação dos fenômenos, e tratamento e análise dos dados coletados. A causalidade é, portanto, igualmente importante para os povos autóctones da Amazônia brasileira, que precisam compreender as relações entre os elementos da floresta tropical e como interagir com eles, quanto para os físicos quânticos do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (CERN) que investigam as causas do peculiar comportamento molecular do condensado de Bose-Einstein; o que diferenciaria, portanto, estes dois casos não é a qualificação destes como corretas e daquelas como falsas ou equivocadas, mas, sim, o grau de acuidade do aparato técnico e metodológico.

Em terceiro lugar e último lugar, a causalidade, como mencionado, também permeia a instância linguística das sociedades humanas, o que a torna um interessante objeto de estudo para as Ciências Cognitivas, em especial para a Linguística Cognitiva. Conforme aponta Shibatani (2002, 1) "todas as línguas humanas parecem dispor de meios de expressar a noção de causalidade, e esta ubiquidade, por sua vez, indica a natureza fundamental desta categoria cognitiva". Estas expressões que codificam informação causal ocorrem em diversos níveis da estrutura linguística, como afixos morfológicos, verbos causativos, preposições e conectores oracionais. E, para investigar o papel desempenhado por esta categoria cognitiva, é preciso voltar-se para questões linguísticas mais amplas, como as funções simbólica e comunicativa da língua para a compreensão do sistema cognitivo humano e de seus padrões de conceituação.

Não são recentes as tentativas de elaborar modelos que descrevam a conceituação das relações causais; diferentes pensadores debruçaram-se sobre o assunto e procuraram pelas bases da causalidade, fosse na constituição do mundo e nas leis da física que o regem, fosse nos fundamentos psicológicos que governam o funcionamento da mente humana. Dentre os que procuraram conceber a relação causal como um fenômeno mental e dependente da observação

do mundo por um indivíduo, pode-se destacar o filósofo escocês David Hume (1711-1776), autor de *Investigação acerca do conhecimento humano*, que expõe suas reflexões acerca da conexão causal entre eventos no mundo objetivo. Nesse contexto são apresentadas três definições para a relação de causa e efeito; e, mais especificamente, para aquilo que se chama comumente de *causa*:

> Podemos, portanto, em conformidade com essa experiência, definir uma causa como *um objeto, seguido de outro, tal que todos os objetos semelhantes ao primeiro são seguidos por objetos semelhantes ao segundo.* Em outras palavras, *tal que, se o primeiro não existisse, o segundo jamais teria existido.* O aparecimento de uma causa sempre conduz a mente, por uma transição habitual, à ideia do efeito; disso também temos experiência. Em conformidade com essa experiência, podemos, portanto, formular uma outra definição de causa e chamá-la *um objeto seguido de outro, e cujo aparecimento sempre conduz o pensamento aquele outro.*[2] (HUME, 2004, p. 115) (Grifos no original)

Tem-se aqui a percepção de que três elementos básicos envolvidos na conexão causal. A primeira definição formulada por Hume enfatiza a sequência temporal entre causa e efeito:*um objeto, seguido de outro, tal que todos os objetos semelhantes ao primeiro são seguidos por objetos semelhantes ao segundo*. A segunda definição proposta enfatiza a regularidade entre causa e consequência, de tal forma que, *se o primeiro não existisse, o segundo jamais teria existido*. E, por fim, a terceira definição enfatiza que a relação causal é, sobretudo, uma relação mental estabelecida pela razão por meio das memórias que constituem a experiência humana: *um objeto seguido de outro, e cujo aparecimento sempre conduz o pensamento aquele outro*. Assim, caracteriza-se a causalidade a partir da observação do mundo físico, segundo Hume. A partir das definições para a conexão causal propostas por Hume, desdobram-se diversas abordagens mais recentes que levam em consideração os aspectos da sucessão temporal, a regularidade e a experiência. Lewis (1973) investiga a causalidade tendo como base a segunda definição de Hume e constrói um modelo de análise baseado em sua teoria de contrafactuais, numa tentativa de elucidar a relação entre causa e efeito e a formação de cadeias de dependência causal. Por sua vez, Shoham (1990) parte da investigação do componente temporal da causalidade e da experiência como base formadora do conhecimento, para construir um modelo de processamento de informações causais no âmbito das pesquisas na área de Inteligência Artificial, tendo como substrato teórico a lógica temporal não-monotônica, que lida com o tratamento lógico-formal do conhecimento, tendo em vista como a sucessão temporal pode afetá-lo ao introduzir novas informações ou retirar aquelas que se mostrem irrelevantes ou contraditórias às informações já adquiridas e que se acreditava serem verdadeiras.

[2] *No inglês:* Suitably to this experience, therefore, we may define a cause to be *an object, followed by another, and where all the objects similar to the first are followed by objects similar to the second.* Or in other words where, *if the first object had not been, the second never had existed.*The appearance of a cause always conveys the mind, by a customary transition, to the idea of the effect. Of this also we have experience. We may, therefore, suitably to this experience, form another definition of cause, and call it, *an object followed by another, and whose appearance always conveys the thought to that other*. (HUME, 2007, p. 70)

0.2 A causalidade como objeto da Linguística (Cognitiva)

Alcançar uma compreensão mais aprofundada de como os seres humanos são capazes de articular relações causais por meio da linguagem é um dos objetivos de diferentes linhagens de pesquisa no campo da Linguística. Essas linhagens abordam a temática da causalidade a partir de diversas perspectivas e alicerçam suas teorias em diferentes fundamentos filosóficos acerca do funcionamento da mente humana. Em alguns casos, a pesquisa por meio de métodos introspectivos e baseados na tradição (também essencialmente introspectiva) tem mais destaque. Em outros casos, procura-se por uma base empírica relativamente estável a partir da qual se possa desenvolver a construção de uma teoria acerca da causalidade. Embora a causalidade seja singularizada aqui como objeto de análise, outros temas abordados nas diferentes linhagens de pesquisa estão sujeitos aos mesmos procedimentos de análise e fundamentação, já que, para chegar a uma descrição do que é a causalidade linguisticamente codificada, é preciso uma teoria sobre a mente, sobre a linguagem e a interação entre ambas.

O conjunto formado pelos capítulos 1 e 2 tem por objetivo caracterizar diferentes vertentes de pesquisa dentro da Linguística e apresentar as definições básicas de cada uma delas ao tratarem da causalidade. Trata-se de uma parte importante da construção do arcabouço teórico empregado posteriormente na análise, pois contribui para a compreensão acerca de como a causalidade integra o corpo teórico de cada linhagem de pesquisa e permite observar, por meio de contrastes, o que cada uma atribui como elementos constituintes da relação causal e qual seu estatuto no contexto da teoria que se constrói sobre a linguagem.

O capítulo 1 estabelece a relação entre os três grandes movimentos de pesquisa linguística que abordam a temática da causalidade. Dessa maneira, em 1.2 apresentam-se os fundamentos básicos da construção do significado linguístico no âmbito da Semântica Formal e caracteriza-se a relação causal a partir deste viés. Argumenta-se que, apesar de uma preocupação em determinar quais as proposições melhor descrevem as propriedades da relação causal a partir de uma perspectiva objetivista, a tradição formalista deixa de lado aspectos importantes da linguagem humana como, por exemplo, a constituição biológica do indivíduo, que determina a configuração de seu sistema cognitivo. Dessa forma, apesar de seus méritos em relação à descrição formalizada da causalidade, o autor do presente trabalho argumentará que, por não levar em conta importantes aspectos da cognição humana, a abordagem formalista não pode ser considerada um modelo adequado à descrição da codificação linguística da causalidade.

Em oposição à tradição formalista, a chamada tradição funcionalista, apresentada em 1.3, dispõe de meios mais adequados, embora insuficientes para a descrição da causalidade. Se, por um lado, a tradição funcionalista leva em consideração aspectos negligenciados pelo formalismo (enquadramento sócio-cultural do falante e aspectos relativos à interação linguística como atividade complexa), por outro lado, não se faz evidente uma preocupação por estabelecer os critérios básicos que delimitam a causalidade a partir de elementos cognitivos. Dessa forma, argumenta-se que a tradição funcionalista dá um passo importante no avanço do estudo da

causalidade ao incluir elementos antes considerados pouco significativos, mas deixa de lado justamente a definição do fenômeno: afinal, o que é causalidade?

A essa questão o conjunto formado pelas abordagens cognitivistas parecem ter uma resposta mais adequada. Ao levar em consideração a constituição cognitiva humana, os aspectos interativos da linguagem e a contextualização sócio-cultural dos usuários de uma língua, a Linguística Cognitiva lança as bases para uma compreensão mais profunda da faculdade linguística e, consequentemente, para um estudo mais complexo da causalidade em suas diversas facetas. Introduzida em 1.4, a Linguística Cognitiva alia pesquisa empírica de diferentes áreas das Ciências Cognitivas para explorar diferentes formas de interação entre o sistema conceitual humano e a faculdade linguística. São apresentadas nessa seção as premissas que pautam a pesquisa e alguns de seus desdobramentos; apresenta-se também a Gramática Cognitiva, de Langacker, uma das abordagens acerca do estudo da estrutura gramatical desenvolvida no âmbito dessa vertente teórica. É esta abordagem de Langacker que oferece os fundamentos analíticos e estruturais do presente trabalho e permite encontrar mecanismos cognitivos capazes de abordar a relação causal de maneira mais adequada e profunda ao demonstrar que os significados linguísticos são constituídos por uma base conceitual e operações de perspectivação que permite acessar a base a partir de diferentes ângulos e, assim, criar uma gama de possibilidades de graus de detalhe e pontos de vista conceituais.

O capítulo 2, por sua vez, apropria-se do aparato teórico desenvolvido pela Linguística Cognitiva e pela Gramática Cognitiva para elaborar a descrição de uma das abordagens cognitivas para a causalidade, a saber: o gradiente relacional postulado por Pander Maat & Degand (2001). Em primeira linha, o presente trabalho constitui-se como uma réplica desse estudo primeiramente idealizado para a descrição das possibilidades de conexão causal por meio de conectores oracionais adverbiais da língua neerlandesa. O presente trabalho diferencia-se, entretanto, ao aplicar o gradiente desenvolvido no estudo original aos conectores oracionais sintáticos da língua alemã e investigar de que maneira as relações introduzidas pelos conectores *da*, *denn* e *weil* podem ser categorizadas nos termos do gradiente relacional de Pander Maat & Degand (2001). Alguns pontos obscuros do estudo original são desenvolvidos com um grau maior de detalhe ao longo desse capítulo. É o caso da base relacional da causalidade, apresentada de forma muitíssimo breve e que necessita de uma elaboração mais explícita. Assim, a seção 2.2 descreve as possibilidades de constituição da base conceitual da causalidade como relação linguística e trata tanto da dinâmica de forças de Talmy (2000a) quanto da abordagem lógica de Mackie (1965). Embora esta seja a base preferida pelos autores do estudo original, inclui-se também a abordagem da dinâmica de forças pelo fato de que se apresenta como uma alternativa interessante e pautada em mecanismos cognitivos e padrões esquemáticos de interações de forças, sendo a definição abstrata de Mackie (1965), ainda que possível, difícil de ser analisada a partir dos princípios da Gramática Cognitiva, uma vez que tem base essencialmente algorítmica e não corporeada.

Por fim, a seção 2.3 descreve os mecanismos utilizados por Pander Maat & Degand

(2001) para a construção do gradiente relacional, bem como define quais as relações que o compõem. Parte-se da ideia de que a causalidade é um fenômeno essencialmente mental e de que há a necessidade de um **sujeito de consciência**, ou seja, um indivíduo dotado de habilidades cognitivas que o permitam assumir o papel de **conceituador** de uma dada **situação objetiva**, capaz de estabelecer a relação causal entre eventos e estados no mundo, a abordagem gradual da causalidade assume que os diferentes tipos de relação causal surgem a partir da manifestação desse sujeito de consciência na conceituação de uma determinada situação objetiva e de como essa parte da conceituação pode estar ou não diretamente identificada com o falante.

Três níveis de identificação são possíveis: em primeiro lugar estão as relações causais em que o sujeito de consciência e o falante não apresentam um vínculo direto ou simplesmente inexiste, estas são chamadas **relações causais involuntárias** e **voluntárias**. Essas relações descrevem situações objetivas em que a causalidade é ou inferida pelo ouvinte/leitor ou é atribuída a um sujeito de consciência integrado à situação objetiva, prototipicamente uma terceira pessoa. No caso das relações causais involuntárias, é provável que sua codificação se dê por meio de recursos sintáticos não marcados como a justaposição das orações, já que ao utilizar um conector oracional sintático, por exemplo, o falante necessariamente impõe uma determinada estrutura em que pode ser inferida o envolvimento de um sujeito de consciência. Por outro lado, as relações causais representam os casos em que a estrutura imposta pelo conector indica que um conceituador inclui na conceituação de uma determinada cena objetiva um sujeito de consciência que, estando ciente de determinadas disposições, estabelece um vínculo causal entre elas e age de acordo.

Em segundo lugar estão as relações em que o falante é identificado com o sujeito de consciência que estabelece a relação entre eventos e estados descritos na situação objetiva; elas podem ser **relações epistêmicas causais** ou **não causais**. O papel do falante enquanto sujeito de consciência é avaliar a situação objetiva construída ao longo de sua interação com o ouvinte e produzir relações que ele julgue vincular os eventos e estados ali contidos a partir de suas faculdades de raciocínio lógico. Quando a relação estabelecida segue os padrões da causalidade, têm-se relações epistêmicas causais, quando outros padrões são utilizados, como o abdutivo ou indutivo, têm-se, então, relações epistêmicas não causais.

Em terceiro lugar, estão as relações em que há identificação do falante com o sujeito de consciência, mas seu papel é o de agente ilocucional. Nesses casos, os meios de codificação da causalidade são utilizados em contextos em que estão em primeiro plano os aspectos interacionais da linguagem e o ouvinte é levado em consideração de maneira direta, ainda que não necessariamente esteja codificado explicitamente na forma linguística da conceituação da situação objetiva. Trata-se aqui de relações entre atos de fala, podendo ser relações de **motivação** ou de **paráfrase**.

Assim, o gradiente relacional proposto para a causalidade pode ser compreendido como uma reelaboração do modelo de análise desenvolvido por Sweetser (1990), em que se diferenciam

os níveis do conteúdo, epistêmico e dos atos de fala. A abordagem de Blühdorn (2008b) também representa uma alternativa baseada no modelo de Sweetser e mantém a estruturação dos domínios relacionais propostos pela autora. Fato é que diversas abordagens concorrentes servem-se de bases semelhantes para a descrição das relações causais. Que essas bases semelhantes tenham origem essencialmente nos trabalhos de Langacker (1987, 1991, 2008) e Talmy (2000a, 2000b), outros autores pioneiros da Linguística Cognitiva, demonstra o potencial descritivo do *framework* e abre espaço para novos desenvolvimentos e aplicação do modelo a outras línguas além do inglês.

0.3 Metodologia e princípios de análise

Por tratar-se essencialmente de uma réplica do estudo empreendido por Pander Maat & Degand (2001), procurou-se adaptar a metodologia empregrada pelos autores para análise de conectores oracionais adverbiais do neerlandês e do francês às configurações impostas a uma análise dos conectores oracionais causais da língua alemã. Os aspectos metodológicos são descritos ao longo do capítulo 3.

A seção 3.2 apresenta de maneira sucinta os três conectores analisados por este trabalho. São descritas as principais propriedades da estrutura sintática imposta por cada um dos conectores selecionados. Aponta-se para o fato de *da* e *weil* compartilharem de características sintáticas semelhantes, dado que ambos são subordinadores e, portanto, impõe sobre seu argumento interno a condição de que ele deve ser uma oração com ordem SOV. Esses conectores apresentam ambos grande mobilidade em sua oração-matriz (oração principal), de forma que orações introduzidas por *da* e *weil* podem ocorrer tanto antepostas quanto pospostas à oração a que servem de adjunto. Entretanto, apesar dessa possibilidade, as orações introduzidas por *weil* tendem à posposição, enquanto as orações introduzidas por *da* tendem à anteposição. O conector *denn*, por outro lado, classifica-se como coordenador e não impõe restrições à estrutura interna das orações que conecta. As propriedades semântico pragmáticas de cada conector são objeto de estudo do presente trabalho e serão elencadas no capítulo seguinte.

As seções 3.3 e 3.4 descrevem, respectivamente, a composição do corpus de pesquisa e os critérios de seleção empregados para formá-lo. Utilizou-se como ferramenta de busca e seleção das ocorrências o software Cosmas II, desenvolvido pelo *Institut für Deutsche Sprache*, de Mannheim. Por meio desse software é possível pesquisar um vasto acervo de textos jornalísticos publicados no espaço de língua alemã nas últimas décadas e que formam o chamado *Deutsches Referenzkorpus* (DeReKo). A pesquisa neste vasto corpus escrito é facilitada por meio de uma plataforma em que é possível criar algoritmos de busca refinados, sendo a seleção das ocorrências amplamente facilitada.

A seção 3.5, por fim, descreve os procedimentos de análise propriamente ditos e recria o teste de paráfrase elaborado por Pander Maat & Degand (2001). No teste aqui proposto são

empregadas paráfrases que possibilitam verificar em quais níveis de conexão causal os conectores *da*, *denn* e *weil* estabelecem relações entre orações. Para cada uma das relações do gradiente há uma respectiva paráfrase. Nessa seção também são descritas, em detalhe, de que maneira cada paráfrase contribui para determinar o tipo de relação introduzida.

0.4 Hipóteses e objetivos da pesquisa

Os objetivos e as hipóteses de trabalho da pesquisa aqui apresentada pautaram-se em diferentes aspectos do estudo dos conectores oracionais. Embora a pesquisa em si tenha objetivos práticos de análise e verificação da validade dos dados apresentados, ela também dispõe de objetivos teóricos e de cunho bibliográfico. Essencialmente, procurou-se estabelecer um aparato teórico que fosse além daquele apresentado por Pander Maat & Degand (2001), pois o autor acredita que o levantamento bibliográfico aprofundado de certas questões que envolvem a causalidade podem lançar luz sobre a forma como essa relação é conceituada e utilizada linguisticamente. Dessa maneira, o arcabouço teórico aqui apresentado compõe-se como uma amostra de como a causalidade tem sido trabalhada em outras vertentes da pesquisa linguística, além de apresentar o estudo de Pander Maat & Degand (2001) sobre o gradiente relacional proposto para a causalidade. Esse percurso teórico foi apresentado ao longo dos capítulos 1 e 2, já mencionados nas seções anteriores.

O capítulo 4, por sua vez, apresenta os aspectos práticos da pesquisa. São aplicados às ocorrências do *corpus* de pesquisa os teste de paráfrase elaborados por Pander Maat & Degand (2001), a partir de cujos resultados serão tecidos comentários sobre a proposta teórica. Por isso, é importante ressaltar que nem todos os aspectos teóricos introduzidos nos dois primeiros capítulos serão discutidos à exaustão. Antes, prefere-se que o leitor compreenda a primeira parte do trabalho como a apresentação de um novo *framework* de trabalho, enquanto a segunda parte, a prática, elabora e discute uma pequena parcela de um todo mais complexo. A aparente cisão entre teoria e prática nesse caso deve ser compreendida como parte do desenvolvimento da aplicação da teoria cognitivista, de forma que, pouco a pouco, os instrumentos metodológicos e investigativos sejam desenvolvidos e estabelecidos.

Quanto à estruturação do capítulo 4, pode-se dizer que a seção 4.2 apresenta as hipóteses e os objetivos gerais e específicos da análise dos conectores selecionados como objeto de pesquisa deste trabalho. Os objetivos concernem a averiguação de como o gradiente relacional proposto para a causalidade pode servir como meio eficiente de análise das relações causais introduzidas pelos conectores oracionais da língua alemã. Além disso, têm-se por hipóteses de trabalho que (i) os conectores *da*, *denn* e *weil* lexicalizam apenas uma parcela do gradiente relacional; que (ii) há sobreposições entre certos usos dos conectores, ou seja, eles estabelecem mais de um tipo de relação e estes usos podem ser compartilhados pelos outros conectores; e que (iii) sobreposições devem-se, entre outros, aos diferentes arranjos entre o sujeito de consciência e o papel do falante.

As seções 4.3 e 4.4 apresentam, respectivamente, uma exemplificação dos procedimentos de análise utilizados pela pesquisa e descreve seus resultados gerais. A seção 4.5, por sua vez, discorre sobre as vantagens e desvantagens do emprego do gradiente relacional da causalidade a partir do viés teórico e metodológico, refletindo sobre a funcionalidade do aparato teórico proposto.

1 A causalidade e suas múltiplas facetas

1.1 Aspectos gerais

Determinar os fundamentos da causalidade tem sido tarefa de diferentes áreas do conhecimento ao longo dos séculos. Diversas propostas iluminaram essa questão por inúmeros ângulos. Por um lado, encontra-se a investigação empreendida nas ciências naturais que oscila entre a afirmação de Russell (1913, p. 1) de que a causalidade seria um conceito obsoleto e preservado apenas por aparentemente não representar um mal, e a empreitada de filósofos e matemáticos (como Lewis (1973), Shoham (1990), Pearl (2000) e Woodward (2003), para citar apenas alguns) para depreender da natureza quais padrões representam cadeias causais e de que maneira este padrões podem ser traduzidos em estruturas probabilísticas que permitam determinar e prever como se comportaram eventos relacionados por causalidade. Não parece existir um consenso: entrar em contato com a causalidade significa, portanto, adentrar um campo de batalhas teóricas em torno de uma das temáticas mais controversas das Ciências, que, conforme aponta Woodward (2003, p. 3), desenrolam-se desde Platão e Aristóteles.

Entretanto, quando o escopo da pesquisa em torno da causalidade é reduzido para o âmbito da experiência humana, constata-se uma gama interessante de fenômenos que envolvem causalidade. Neste grupo encontram-se aqueles fenômenos pertencentes ao âmbito do uso e estruturação das línguas humanas. Conforme lembra Shibatani (2002, p. 1), virtualmente todas as línguas humanas dispõem de meios para a codificação de relações causais em seus mais diversos níveis de representação: de morfemas verbais, passando por conjunções, advérbios e preposições, até marcadores discursivos. É esta aparente ubiquidade do fenômeno causal que leva linguistas de diferentes linhagens teóricas a procurar modelos oriundos de outras ciências que também se ocupam da causalidade para alicerçar o desenvolvimento de abordagens capazes de descrever de que maneira as diferentes expressões de uma ou mais línguas articulam o conhecimento causal gerado pela experiência humana; e, em alguns casos, também procurem lançar luz sobre a natureza e origem deste conhecimento causal.

Um exemplo clássico de apropriação de modelos descritivos de outras ciências pode ser encontrado na tradição formalista. Na tentativa de definir a causalidade como relação entre entidades do mundo, a Semântica Formal apropriou-se de diferentes modelos matemáticos: ora utiliza-se a abordagem de contrafactuais, de Lewis (1973), ora preferem-se abordagens probabilísticas como as de Pearl (2000) e Woodward (2003), entre outros. Comum a esses modelos é a tentativa de capturar as propriedades da relação causal como uma relação diretamente verificável em um modelo de mundo que reflita a realidade objetiva e independa do observador humano.

Conforme poderá ser visto adiante, a equação entre a realidade objetiva e externa, independente do observador humano, e o modelo de mundo utilizado para a modelagem semântica na tradição formalista deixa muito a desejar exatamente por privilegiar o rigor do formalismo matemático em detrimento da inclusão e descrição de aspectos específicos da cognição humana.

A tradição funcionalista, por sua vez, a exemplo de Neves (1999) e Sweetser (1990), aponta para uma tendência alternativa: tratamento da relação causal como primitivo semântico, apelando ao conhecimento intuitivo acerca da causalidade para estabelecer a base sobre a qual se constrói a análise linguística do fenômeno. Enfatiza-se, dessa maneira, a forma como a relação causal exerce sua função conectiva em diferentes níveis representacionais do sistema linguístico. Se, por um lado, a ausência de uma definição de causalidade pode representar uma desvantagem perante as tentativas descritivas da tradição formalista. A tradição funcionalista, por outro lado, inclui elementos importantes para o estudo da causalidade no âmbito linguístico: a inclusão do falante como agente intencional na interação linguística e a consideração de diferentes níveis de análise. Essa diferenciação abre as portas para a investigação da causalidade em diferentes domínios funcionais como o nível do conteúdo, o epistêmico e o dos atos de fala.

A empreitada cognitivista reúne em si os pontos fortes de ambas as tradições anteriores. Por um lado, procura-se estabelecer a base conceitual — oriunda da experiência física humana ao estruturar suas interações com o mundo por meio dos sistemas sensorial e motor — sobre a qual se pode definir a relação causal; dessa maneira, incluem-se as funções cognitivas dos usuários da língua. Por outro lado, estabelece-se um estudo sistemático sobre como esta base pode ser ampliada e estendida para, então, servir à codificação de conceitos mais elaborados e complexos. Dessa forma, a causalidade é vista como categoria radial que pode ser estendida a partir de uma conceituação central para usos menos prototípicos e, assim, cobrir uma vasta gama de fenômenos em diferentes domínios, a fim de abarcar a conceituação de componentes não apenas subjetivos do falante, mas também intersubjetivos, enquadrando o falante e sua contraparte, o ouvinte, como agentes intencionais na interação comunicativa.

A partir deste breve levantamento, o presente capítulo estende a descrição dos principais aspectos considerados no estudo da causalidade em diferentes abordagens teóricas envolvidas na pesquisa linguística, e revisa algumas das principais abordagens acerca da causalidade e dá especial atenção ao tratamento dado aos conectores oracionais em diferentes tradições de pesquisa. A seção 1.2 apresenta as principais características do tratamento dado ao significado linguístico na tradição formalista e elabora uma breve crítica a essa abordagem quanto ao estudo da causalidade. Em seguida, a seção 1.3 explora alguns dos conceitos básicos da tradição funcionalista e expõe de maneira sucinta algumas abordagens funcionalista para a causalidade. Por fim, a seção 1.4 elabora os princípios que pautam a Linguística Cognitiva, descreve a arquitetura básica da Gramática Cognitiva, de Langacker, e expõe a perspectiva adotada pela Linguística Cognitiva no tratamento da causalidade.

1.2 A tradição formalista e o realismo metafísico

Antes de adentrar a questão da causalidade na tradição formalista, é preciso dar certa atenção à maneira como esta linhagem teórica veio a ser conhecida como formalista. A presente seção retoma aspectos históricos do desenvolvimento da tradição formalista — desde suas raízes na matemática e na lógica até a fixação de uma teoria formal do significado linguístico. Também são retomados alguns pontos teóricos que influem diretamente na análise da causalidade no contexto dessa tradição, o que será exemplificado com uma breve resenha do trabalho de Lohnstein (2004) acerca do conector causal *weil*. Por fim, discute-se brevemente aspectos filosóficos que subjazem à tradição formalista e que a inviabilizam como *framework* adequado a uma investigação da causalidade no âmbito linguístico. O presente levantamento baseia-se na crítica empreendida por Lakoff (1987) à semântica formal e pretende expor de maneira sucinta os principais aspectos da teoria e alguns de seus pontos fracos, sempre com vistas à causalidade e os conectores causais.

1.2.1 Da matemática para o significado linguístico

Conforme aponta Lakoff (1987, p. 228), o estudo formalista da linguagem baseia-se na equação metafórica entre a linguagem e o pensamento humano, e as "línguas formais" desenvolvidas na lógica matemática. Esta, por sua vez, tem origem na aplicação direta de métodos formais desenvolvidos por David Hilbert para a matemática como maneira de eliminar ambiguidades entre as formulações da geometria euclidiana e não euclidiana (KLEENE, 2002, Cap. IV). Para isso, Hilbert propôs um programa formalista a partir do qual a matemática deveria ser concebida como o estudo de cadeias simbólicas desprovidas de significado geradas por meio de regras de formação. Essas cadeias de símbolos não interpretados são empregadas na execução de provas matemáticas em que tais cadeias são relacionadas entre si por meio de regras de transformação. A partir daí, as cadeias simbólicas recebem um significado por meio daquilo que Hilbert denominou "metamatemática". Dessa forma, com os axiomas[1] da geometria reduzidos a cadeias de símbolos desprovidos de significado, as ambiguidades entre as geometrias euclidiana e não euclidiana estavam eliminados: os axiomas permanecem os mesmos, mas sua interpretação varia de acordo com o modelo matemático de interesse.

A lógica, ou seja, a disciplina que trata dos princípios do raciocínio válido, sofreu, a partir dos trabalhos de Frege, uma importante transformação: sua execução passou a ser realizada por meio de cálculos simbólicos. É nesta transição que o programa formalista de Hilbert ganha relevância e passa a ser aplicado diretamente à lógica, originando a lógica matemática. Na lógica matemática, um conjunto de símbolos não interpretados é combinado com um conjunto de regras de formação para gerar fórmulas bem-formadas, às quais serão posteriormente aplicadas

[1] Axiomas, em lógica matemática defini-se um *axioma* como sendo uma sentença ou proposição que não é provada ou demonstrada e é considerada como óbvia ou como um consenso inicial necessário para a construção ou aceitação de uma teoria. Por sua vez, sentenças ou proposições que são derivadas de outras via regras de inferência são chamadas *teoremas*.

regras de transformação que permitirão que sejam substituídas por outras cadeias simbólicas. Assim, um conjunto finito de fórmulas bem-formadas ganha valor axiomático, enquanto teoremas podem ser derivados destes axiomas via regras de transformação. Tais regras de formação e transformação constituem a sintaxe de um sistema lógico.

Entretanto, isto leva a uma questão relevante: Se os axiomas e teoremas são cadeias estruturadas (via sintaxe) de símbolos não interpretados, como se dá a atribuição de significado a esses símbolos? A resposta: por meio da semântica formal. A semântica formal é um sistema de atribuição de significado que permite que cadeias de símbolos não interpretados possam receber uma interpretação ao serem mapeados sobre um modelo estruturado. Um modelo consiste de uma estrutura formada por um conjunto de entidades e outros construtos da conjuntística: conjuntos de entidades, conjuntos de ênuplas de entidades, etc. É neste ponto que surge um problema que tem reflexos diretos para o estudo do significado linguístico: modelos são essencialmente desprovidos de significado, sendo compostos apenas por estruturas conjuntísticas. Dessa maneira, conforme aponta Lakoff (1987) em sua crítica à tradição formalista, a semântica formal serve à seguinte função: "parear, de modo completamente exato, cadeias de símbolos que têm estrutura, mas não têm significado com modelos que são igualmente estruturados, mas também desprovidos de significado (p. 222).

Assim definida, a "língua formal" desenvolvida na lógica matemática foi metaforicamente equacionada às línguas naturais; dessa forma, do ponto de vista formalista, expressões linguísticas ganham significado ao serem pareadas com entidades e relações entre entidades no mundo. Isso se dá por meio de aplicações diretas da Teoria dos Modelos, na qual assume-se que o mundo consiste de objetos com propriedades de relações: a partir dele define-se um modelo formado por entidades abstratas compreendidas como objetos; conjuntos de entidades, como propriedades; e pares ordenados de entidades, como relações. Paralelamente, define-se um conjunto de concatenações simbólicas como sendo uma "língua" por meio da qual seres humanos raciocinam. Nesta "língua" alguns símbolos são expressões que se referem a objetos; outros referem-se a propriedades e a relações. Se essa "língua" for, então, compreendida como uma "língua do pensamento", a relação entre os símbolos e os modelos pode ser apreendida como uma maneira por meio da qual as coisas em que os seres humanos pensam, os símbolos, podem ter uma correspondência com as coisas que existem no mundo.

Esta "língua formal" que serve de base para a análise semântica das línguas naturais tem por finalidade permitir um estudo do significado "literal" das expressões linguísticas. Esse significado literal, afirma Lohnstein (1996, p. 3), aponta para a a relação entre a expressão linguística e sua respectiva denotação no mundo. Eis um exemplo simples que envolve verbos intransitivos, adaptado de Heim & Kratzer (1998). Define-se, primeiramente, um inventário de denotações possíveis e aplicáveis a um modelo de mundo (integral ou parcial). Por meio de instrumentos de conjuntística, define-se, então, que esse modelo de mundo constitui um conjunto universo ao qual pertencem entidades que correspondem a indivíduos e objetos do mundo, suas propriedades e as relações em que se encontram entre si. Esse conjunto universo

pode ser definido como o conjunto D. Define-se, em seguida, um conjunto de valores de verdade: 0 para falso, 1 para verdadeiro. Por fim, estabelecem-se funções características de D para $\{0, 1\}$ por meio das quais se atribui um valor de verdade se um determinado elemento de D pertence ou não a um determinado subconjunto de D. Uma vez que tenham sido definidas as denotações que estabelecerão a correspondência entre as expressões linguísticas e as entidades no mundo, define-se um léxico a ser empregado. Neste caso específico, o léxico é composto por nomes próprios e verbos intransitivos. Por convenção, utilizam-se os colchetes duplos ($[\![x]\!]$) para indicar a denotação de uma expressão. Dessa forma, a denotação atribuída à cadeia simbólica *Ana* é $[\![\text{Ana}]\!]$, ou seja, o indivíduo denominado *Ana*, pertencente ao conjunto D. De modo semelhante, a denotação de verbos — neste caso, intransitivos —, como *trabalhar* e *descansar*, é representada pelo subconjunto de D em que se verifica que todos os indivíduos nele contidos realizam algum trabalho. Dessa maneira, o significado de orações como *Ana dorme*, *Rebekka trabalha* e *Pedro descansa* é definido de acordo com os subconjuntos de D, de forma que, se $[\![\text{Ana}]\!]$ pertence ao subconjunto daqueles que dormem e $[\![\text{Rebekka}]\!]$, ao subconjunto daqueles que trabalham, então a função de $D \rightarrow \{0, 1\}$ terá valor 1, indicando que as condições de verdade para as orações foram preenchidas. Porém, se for o caso de $[\![\text{Pedro}]\!]$ não pertencer ao subconjunto dos que descansam, então, a terceira oração será falsa, resultando da atribuição do valor 0 à função de $D \rightarrow \{0, 1\}$.

A análise semântica do significado literal restringe-se, portanto, à avaliação das condições de verdade entre as concatenações simbólicas que constituem uma língua e suas respectivas denotações no modelo escolhido para sua interpretação. Assim, conhecer o significado de uma expressão significa conhecer as condições de verdade que determinam como o modelo de mundo deve ser para que a expressão seja verdadeira. Essa concepção de significado linguístico exclui todas as outras formas de significação além da literal: metáforas, metonímias, *blendings* conceituais são relegados ao campo das anomalias semânticas.

Essa visão objetivista da semântica, baseada no significado literal das expressões, tem consequências importantes para o estudo linguístico da causalidade. Se a semântica formal estiver correta, a causalidade deve ser apreendida como uma relação entre entidades no mundo. Compreender, portanto, como a causalidade e o conhecimento causal são codificados deve passar por uma compreensão de como a causalidade se manifesta como relação entre entidades no mundo — o modelo sobre o qual um sistema linguístico mapeia suas referências. Esta concepção externalista postula que há somente uma única maneira correta de apreender o mundo, ou seja, sob a perspectiva da "visão de Deus". Todas as demais perspectivas são descartadas como incorretas por não satisfazerem tal quesito.

1.2.2 Causalidade equiparada à contrafactualidade

Na tradição formalista, a causalidade encontra diversas formas de abordagem. Por um lado, conforme lembra Dirven (2005, p. 95), a causalidade é tratada como primitivo semântico, ou seja, como um "conceito claro, unitário e que não apresenta características especiais". Um

exemplo dessa caracterização pode ser encontrado no trabalho de Wunderlich (1997) sobre a estrutura interna de verbos causativos e sua estrutura argumental. Por outro lado, tentativas de descrever os significado de conjunções causais utilizaram-se também de artifícios relacionados à verifuncionalidade, à probabilística e a silogismos envolvendo condicionais — para citar apenas uma pequena amostra de abordagens desenvolvidas no espaço de expressão alemã.

Todavia, é preciso ter em mente que, nesta linhagem teórica e em suas ramificações, assume-se uma concepção objetivista da semântica. Por meio de descrições das condições de verdade, avaliações probabilísticas e cálculos proposicionais, investiga-se a causalidade de maneira dissociada dos aspectos psicológicos dos usuários da língua. Ao assumir essa concepção objetivista da semântica — baseada na possibilidade de descrição da realidade a partir de uma perspectiva centrada numa visão "divina", externa e independente do observador humano —, a tradição formalista equaciona o estudo da causalidade no âmbito linguístico e aquele que se dá em outras ciências que investigam a natureza material do universo. Esta equação resulta da tentativa de estabelecer uma teoria semântica a partir de instrumentos lógico-matemáticos. Não se trata de uma discussão recente, muito menos restringe-se à questão da causalidade.

Para além de discussões puramente teóricas, tome-se por exemplo a artigo de Lohnstein (2004, p. 137–60) em que se estabelece um paralelo sintático entre os conectores oracionais e os determinantes da língua alemã que, segundo ele, deve ser refletido na forma lógica atribuída aos conectores. Dessa maneira, enquanto os determinantes estabelecem relações entre propriedades (conjuntos de indivíduos), os conectores oracionais estabelecem relações entre proposições. Assim, o conector corresponde a um operador lógico ao qual a oração subordinada por ele introduzida serve de restrição. A oração principal, por sua vez, é definida como o escopo sobre o qual o operador e sua restrição têm efeito.

Tendo em mente essa configuração, Lohnstein (2004, p. 148) constrói a função correspondente ao significado do conector causal *weil* do seguinte conjunto de procedimentos: Em primeiro lugar, parte-se da formalização empreendida por Lewis (1973, 560f.) da relação causal entre eventos para determinar os parâmetros que definem a causalidade. Essa formalização toma por base a segunda definição de Hume (2004, Seção VII), que pode ser expressa da seguinte maneira: *se* a *não tivesse ocorrido, então* c *também não teria ocorrido*. Assim, Lewis (1973) estabelece que a relação causal entre dois eventos remete à relação contrafactual entre as proposições que representam esses eventos.

O procedimento seguinte reside em determinar quais são as condições de verdade que devem ser preenchidas para que duas proposições possam ser dependentes entre si via contrafactualidade. Uma vez equiparadas, causalidade e dependência contrafactual devem compartilhar, portanto, das mesmas condições de verdade. Essas condições de verdade são formuladas por por Lohnstein (2004, p. 149) da seguinte maneira:

(1) A relação condicional contrafactual $A \mathrel{\Box\!\!\rightarrow} C$ é verdadeira (em w_0) se e somente se:

(i) em nenhum mundo possível A é verdadeira (verdade trivial), ou

(ii) existe um mundo w', em que A e C são verdadeiras, e todos os mundos $w*$, nos quais A é verdadeira e C é falso, são menos similares a w_0 do que w'.

O que pode ser traduzido da seguinte maneira: os eventos a, c são representados por meio das proposições A, C que são dependentes via contrafactualidade e verdadeiras em um determinado mundo possível (w_0). Assim, a verdade trivial expressa em (1)(i) reflete a face negativa da relação contrafactual: diante da não ocorrência de a, a proposição A é falsa, o que leva à não ocorrência de c, falseando também a proposição C. Por outro lado, (1)(ii) estabelece que existe ao menos um mundo possível w' em que ambas as proposições A, C são verdadeiras. Entretanto, se existir um ou mais mundos possíveis $w*$ em que A é verdadeira e C é falsa, então, estes mundos diferem mais de w_0 do que w'.

É preciso ter em mente que a abordagem formal baseia-se numa concepção objetivista da semântica. Isso significa que as condições de verdade descritas acima referem-se a modelos de mundo possíveis que podem ser associados via denotação a cadeias simbólicas não interpretadas. A relação contrafactual, portanto, mobiliza e diferencia três tipos de modelos de mundos possíveis. O modelo de w_0 é o primeiro modelo de mundo possível que pode ser interpretado como sendo o presente mundo a cuja realidade se tem acesso neste momento. Se neste mundo possível w_0 a relação $A \mathrel{\Box\!\!\rightarrow} C$ é verdadeira, então pode existir um ou mais mundos possíveis de tipo w' em que $A \mathrel{\Box\!\!\rightarrow} C$ também é verdadeira, mas cuja constituição difere em outros aspectos daquela de w_0. Por fim, ser existirem mundos possíveis de tipo $w*$ em que A é verdadeira, mas C é falsa, então esses mundos possíveis diferenciam-se em um grau mais elevado de w_0 do que os mundos de tipo w'.

(2) Karl bremst, weil ein Baum auf der Straße liegt.

Levando em consideração apenas o modelo de mundo possível w_0, referente à realidade material do presente mundo objetivo, em que a relação contrafactual é verdadeira, é possível segmentar diferentes níveis de representação, por exemplo, no tangente à oração (2), conforme explicitado abaixo:

(3) a. Das Ereignis a, dass ein Baum auf der Straße liegt.
Das Ereignis c, dass Karl bremst.

b. Die Proposition A, dass ein Baum auf der Straße liegt.
Die Proposition C, dass Karl bremst.

c. $A \mathrel{\Box\!\!\rightarrow} C$: Wenn ein Baum auf der Straße gelegen hätte, dann hätte Karl gebremst.

d. $\neg A \mathrel{\Box\!\!\rightarrow} \neg C$: Wenn ein Baum nicht auf der Straße gelegen hätte, dann hätte Karl nicht gebremst.

O primeiro nível é o dos eventos. Vista sob esse prisma, a oração (2) identifica dois eventos distintos a e c, conforme indicado por (3)a; são eventos cuja ocorrência se dá no modelo de mundo possível que serve de base para a interpretação da cadeia simbólica de (2). Estes eventos são representados por meio das proposições A, C que denotam eventos possíveis em um determinado mundo, conforme (3)b. Com isso, uma vez que estão identificadas tanto as entidades pertencentes ao modelo de mundo quanto as cadeias simbólicas que denotam essas entidades, é possível determinar se existe uma relação causal entre ambas. Conforme declara Lewis (1973), a relação causal entre dois eventos tem sua razão na relação contrafactual entre as proposições que representam esses eventos. A contrafactualidade precisa ser, então, determinada por meio de dois cálculos: o primeiro, em (3)c., mostra a face positiva da condicional, relacionando a hipótese de que houve uma árvore na pista à reação de Karl frear; sendo que a primeira é condição suficiente para a segunda. Por outro lado, em (3)d., mostra-se a face negativa da relação contrafactual em que a hipótese de que não haja uma árvore na estrada seja condição suficiente para que Karl também não freie. Dessa forma, pode-se tirar as seguintes conclusões: sempre que houver uma árvore na estrada, Karl freará; e sempre que não houver uma árvore na estrada, Karl não freará. Preenchidas estas condições de verdade em w_0, a oração (2) será verdadeira; e em todos os mundos possíveis de tipo w' em que essa relação proposicional for verdadeira, ainda que estes mundos sejam diferentes de w_0 em outros aspectos, eles serão mais semelhantes a w_0 do que mundos possíveis de tipo $w*$ em que a relação for falsa. O significado de *weil*, portanto, deve ser, segundo Lohnstein (2004, p. 151), uma função sobre mundos em que se verifique as condições de verdade necessárias para atrelar via contrafactualidade as proposições que denotam dois eventos.

1.2.3 Realismo metafísico, causalidade e linguagem

Conforme já mencionado, a tradição formalista desdobra-se de uma corrente filosófica denominada *realismo metafísico*. O realismo metafísico, assim define Khlentzos (2011), parte do princípio de que "o mundo é da maneira que é independentemente de como os seres humanos acreditem que ele seja." Assim, os objetos contidos no mundo, bem como suas propriedades e as relações que têm entre si fixam a natureza do mundo e esses objetos existem independentemente da capacidade humana de descobri-los. Este é certamente um ponto válido: o mundo e os objetos nele contidos podem bem existir independentemente da capacidade humana de identificá-los e categorizá-los de maneira compreensiva. Entretanto, pelo menos no âmbito do estudo da linguagem, é preciso considerar que esta é preponderantemente uma atividade humana, alicerçada e limitada por características biológicas adquiridas ao longo do processo evolutivo e compartilhadas entre seus coespecíficos. A concepção de que o mundo já se apresenta de maneira pré-estabelecida nos moldes de um conjunto de objetos, propriedade e relações que podem ser representadas diretamente por um modelo conjuntístico e receber descrições estritamente objetivas que independem do observador humano e suas habilidades cognitivas, por outro lado, deixa a desejar no campo da Linguística.

Consequentemente, uma semântica que tenha suas raízes numa corrente filosófica como o realismo metafísico empenha-se muito mais na criação de uma linguagem formal técnica que represente com precisão e destreza as características do mundo objetivamente definido, do que na análise propriamente dita da linguagem como artefato cultural, desenvolvido e adaptado ao longo de gerações, e que tem por função essencial a comunicação entre coespecíficos de uma mesma comunidade linguística. Não se trata aqui de negar a constituição do mundo e a disposição dos objetos contidos nele, acessíveis ou não à capacidade humana de descobri-los; trata-se de apurar de que maneira a capacidade humana de interagir com o mundo pode influenciar a construção da faculdade linguística no âmbito individual e coletivo.

Neste contexto que pode ser concebido como multidisciplinar, já que engaja diferentes áreas filosóficas e disciplinas das ciências cognitivas, a causalidade assume a forma de um objeto de estudo multifacetado. Para além das abordagens lógico-matemáticas que procuram compreender a causalidade como um fenômeno a ser verificado a partir do ponto de vista ontológico ou epistemológico no mundo objetivamente real, externo e independente da cognição humana — assim como o fazem Lewis (1973), Pearl (2000) e Woodward (2003), para mencionar apenas alguns —, a causalidade ainda pode (e deve) ser compreendida como um fenômeno mental que se desenvolve a partir da experiência humana. O epistemólogo suíço Jean Piaget defende a tese, por exemplo, de que o desenvolvimento do conhecimento causal se dá a partir da estrutura cognitiva humana, e aponta para o fato de que o conhecimento causal de crianças pequenas é conceitualizado a partir de manipulações corpóreas no mundo a seu redor (Piaget, 1974 *apud* Stukker, 2005, p. 15)[2]. Além disso, é preciso ressaltar, de acordo com Abreu (2010, p. 67), que a capacidade de estabelecer nexos causais entre eventos representa uma vantagem evolutiva que permite ao ser humano não apenas prever o futuro, mas também pensar criativamente.

A vertente formalista do estudo semântico tem seus méritos ao dedicar-se à descrição do significado linguístico, restringindo-o à sua base literal. Mas esta restrição impõe limites rígidos demais ao objeto de estudo, de forma que todo significado não literal é excluído da análise ou relegado ao campo das anomalias. Uma formulação do significado do conector oracional *weil* como feita por Lohnstein (2004) tem o mérito de preocupar-se em definir a relação causal em termos de contrafactualidade e, assim, explicitando do que se trata quando se tem a causalidade em foco. Devido à falta de consenso sobre como a causalidade pode ser mais bem definida em termos objetivos no mundo real, opta-se por partir de um conceito intuitivo de causalidade, não apenas na tradição formalista, mas também em outras vertentes, como é o caso de Wunderlich (1997) e Neves (1999), respectivamente. A ausência de uma definição da relação causal parece não afetar (ou incomodar) quando se trata de seu estudo linguístico, mas certamente ela o enriquece, se está disponível.

Por outro lado, a descrição formal do significado de *weil* também tem seus deméritos. O principal deles diz respeito à maneira como o significado linguístico é organizado em modelos

[2] Piaget, J. & R. Garcia. *Understanding causality*. Nova York: W.W. Norton & Co., 1974.

de mundos (possíveis). Nesse sentido, o falante e sua constituição biológica e seu situamento sociocultural pouco são relevantes para o estudo do significado. Além disso, ao dar ênfase aos aspectos formais da língua e das relações estruturais entre seus elementos, a tradição formalista descontextualiza a língua para analisá-la como objeto isolado de seu contexto de uso habitual: a interação social humana. Perdem-se dessa forma, dois aspectos importantes que moldam a capacidade linguística do falante: por um lado, a constituição de seus sistema cognitivos e a forma como ela pode influenciar estruturas basais da linguagem; por outro lado, perde-se o elemento interativo e interpessoal do uso linguístico.

1.3 A tradição funcionalista e a interação humana

A tradição funcionalista estabelece-se como um conjunto de abordagens ao estudo da linguagem, seus usos e estruturas, que concebe as funções da língua e seus elementos como a chave para a compreensão dos processos linguísticos. As teorias funcionais da gramática propõem que, por a língua ser essencialmente uma ferramenta, é razoável assumir que suas estruturas são mais bem analisadas e compreendidas tendo como referência as funções que executam. A tradição funcionalista diferencia-se da formalista na medida em que esta procura definir os diferentes elementos da língua e descrever a maneira por meio da qual se relacionam uns aos outros por meio de um sistema formal de regras e operações, enquanto aquela define as funções realizadas por meio da língua e, então, as relaciona com os elementos linguísticos que as executam. Isso tem por consequência que as teorias funcionais tendem a dar mais atenção à maneira como a língua é usada de fato em situações comunicativas, e não apenas enfatizando as relações formais entre os elementos linguísticos.

1.3.1 O aspecto sistêmico da organização linguística

Ao propor a formulação de um modelo do usuário de língua natural do ponto de vista funcional, Dik (1997, p. 1) pondera que a capacidade linguística não é o único fator a ser levado em consideração, já que outras capacidades desempenham um papel importante na comunicação e na interação humanas e, portanto, devem ser incorporadas ao modelo. São cinco as capacidades listadas pelo autor: (i) *capacidade linguística* compreende a capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas de alto grau de complexidade em um número variado de situações comunicativas; (ii) *capacidade epistêmica* diz respeito à capacidade de construir, manter e explorar um arcabouço de conhecimento sobre o mundo, do qual também é possível derivar conhecimento a partir de expressões linguísticas, e que pode ser reutilizado em contextos posteriores; (iii) *capacidade lógica* refere-se à capacidade de derivar conhecimento novo a partir de porções de conhecimento disponível por meio de regras lógicas; (iv) *capacidade perceptual* permite ao usuário de uma língua natural obter dados sobre o mundo por meio de seu aparato sensorial, que posteriormente podem ser utilizados na produção e interpretação de expressões linguísticas; por fim, (v) *capacidade social* refere-se à capacidade de o usuário de

uma língua natural conhecer não apenas os meios para a produção e interpretação de expressões linguísticas, mas também diferentes maneiras de como fazê-lo, adaptando-se a seus interlocutores e às diferentes situações comunicativas.

Essas capacidades formam a base de um paradigma de pesquisa que concebe a linguagem natural como "um instrumento de interação social entre seres humanos, utilizado com a intenção de estabelecer relações comunicativas" (p. 3). A atividade verbal inserida neste contexto de interação comunicativa compreende-se, dessa forma, como uma "atividade cooperativa estruturada", em que *estruturada* refere-se ao fato de que é governada por regras e convenções; e *cooperativa* remete ao fato de que ao menos dois participantes são necessários para que se estabeleça a interação verbal. Dessa forma, o paradigma funcional compromete-se à construção de uma teoria do conhecimento linguístico que não se contenta com a descrição isolada dos mecanismos de construção das expressões linguísticas, mas que prevê o enquadramento desses mecanismos em um contexto mais amplo, em que se levem em consideração as funções desempenhadas pelas expressões linguísticas em seus contextos de uso.

Na esteira do paradigma funcionalista, Halliday & Matthiessen (2004) partem de uma concepção sistêmica do conhecimento linguístico para empreender uma análise funcional da gramática. Essa concepção sistêmica da gramática "preocupa-se com a língua em sua totalidade, de forma que o que quer que seja dito sobre um de seus aspectos deve ser compreendido em referência à imagem total" (p. 19). Neste sistema, devem ser levadas em consideração as seguintes dimensões — ou formas de ordenação — do sistema linguístico: (i) estrutura, (ii) sistema, (iii) estratificação, (iv) instanciação, (v) metafunção.

A *estrutura* (ordem sintagmática) diz respeito ao princípio estruturante tradicionalmente conhecido como *constituência*; aqui, elementos linguísticos são combinados para formar ranqueamento composicional hierarquicamente organizado, que compreende padrões combinatórios e regularidades no eixo horizontal de organização estrutural. O *sistema* (ordem paradigmática), por sua vez, constitui-se como eixo vertical de organização em que são levadas em consideração não os padrões combinatórios regulares, mas sim os padrões alternativos e, em certa medida, intercambiáveis entre si.

A *estratificação* reconhece que a língua é um sistema semiótico complexo que pode ser analisado a partir de diferentes estratificações. Essas estraficações, segundos os autores compreendem dois níveis básicos de representação: a *expressão* e o *conteúdo*. No nível da expressão, encontram-se a *fonética* e a *fonologia*. A primeira, diz respeito à interface com as estruturas do corpo humano que fornecem os recursos para a fala e a percepção auditiva; a segunda, corresponde à organização dos sons da fala em estruturas formais e sistemas. Por outro lado, o nível do conteúdo também se desdobra em dois subestratos: a semântica e a léxico-gramática. À semântica pertence a interface que estrutura a experiência humana e cria significados, que posteriormente podem ser aproveitados pela léxico-gramática para construção de expressões linguísticas complexas que reflitam essa experiência e permitam a troca de

informações com participantes de eventos de interação comunicativa.

Para *instanciação*, parte-se da perspectiva de que a língua, enquanto sistema potencial de criação de significado, é instanciada por meio do texto. O texto é, portanto, uma instância manifesta de um sistema subjacente. Dessa forma, diferentes gêneros textuais refletem a necessidade de adequação a diferentes contextos comunicativos em que o sistema linguístico pode ser empregado para mediar a comunicação entre os interlocutores em diferentes situações.

A *metafunção* diz respeito à maneira como a linguagem interage em relação aos ambientes sociais e ecológicos do usuário. Os autores propõem, então, que essa interação pode ocorrer de duas maneiras: organizando a experiência humana e atuando no espaço das relações sociais. A metafunção ideacional representa a função categorizadora da linguagem. A metafunção interpessoal estabelece a relação entre os participantes da interação comunicativa e permite que a linguagem seja utilizada como instrumento de manutenção das relações sociais humanas. Por fim, a metafunção textual é a metafunção que permite a combinação das duas metafunções anteriores e permite que a língua veicule experiência e organize aspectos sócio-interacionais nas instanciações do sistema, ou seja, no texto.

Ainda que expostos de maneira sucinta, os aspectos fundamentais que pautam o paradigma funcionalista permitem verificar uma tendência diretamente oposta à da tradição formalista. A principal divergência entre os paradigmas localiza-se na mudança de direção do foco investigativo — dos aspectos formais da língua para sua função. Ao implementar essa mudança de foco, a tradição formalista abre espaço para o estudo do uso linguístico concreto em diferentes contextos comunicativos. Procura-se, além disso, incluir na descrição da capacidade comunicativa do usuário de uma língua natural as diferentes capacidades humanas de interação social e obtenção de dados via interação com o mundo. A seção seguinte mostra brevemente algumas propostas de análise da causalidade no contexto da tradição funcionalista.

1.3.2 A causalidade sob o prisma funcionalista

Para efeito de apresentação de como a causalidade pode ser tratada do ponto de vista funcionalista, foram selecionadas duas abordagens à guisa de exemplificação. A primeira proposta de análise é realizada por Neves (1999) para os conectores causais do português brasileiro. A segunda, desenvolvida por Blühdorn (2008b) para os conectores causais do alemão, incorpora elementos da linhagem cognitivista (sub-ramo da funcionalista) para elaborar um sistema complexo de análise semântica estratificada da causalidade.

A análise funcionalista da causalidade empreendida por Neves (1999) mobiliza dois componentes da arquitetura linguística proposta pela teoria funcional. Em primeiro lugar, leva-se em consideração a estratificação da estrutura linguística em níveis inferiores ao da oração, para demonstrar a possibilidade de aplicação da relação causal em vários níveis de representação. Baseando-se na estratificação proposta por Dik (apud NEVES, 1999, p. 472), em que a estrutura subjacente à oração é seccionada em quatro níveis hierárquicos, dos quais estão disponíveis

à junção via causalidade. O primeiro nível corresponde ao do predicado que, ao selecionar uma constelação de termos referentes a entidades, gera o segundo nível de representação: o da predicação. Por meio da predicação, identifica-se um estado de coisas passível de ocorrer em algum mundo (real ou mental); a partir deste nível é que se torna viável o emprego da relação causal para estabelecer nexos de significado. A partir da predicação constrói-se o terceiro nível de representação, o da proposição, que designa um fato possível. O quarto nível é criado no momento em que a proposição ganha força ilocucionária e torna-se um ato de fala. Diferentes níveis de conexão causal podem ser ilustrados com as seguintes orações extraídas de Neves (1999, p. 463):

(4) Então eles pegavam os pássaros que não podiam voar **porque** estavam com as penas grudadas. (Nível da predicação)

(5) Eles acham que é o melhor estágio que eles fazem, é um dos melhores estágios, é o de Dermatologia. **Porque** nós temos de mostrar pra eles muitos doentes, que é o importante. (Nível proposicional)

(6) Hoje em dia os filmes são mais vazios, sei lá. Eu acho, não sei por isso é que eu deixo de ir ao cinema porque eu vou s/realmente se eu sei que o filme é bom viu? (Nível dos atos de fala)

Em segundo lugar, entram em jogo as metafunções já mencionadas na subseção anterior. Ao mapear um estado de coisas possível, no nível da predicação, estabelece-se uma representação da experiência humana, que é compatível com a metafunção ideacional. Assim, estabelecem-se relações externas à situação comunicativa. Por outro lado, os níveis da proposição e dos atos de fala podem ser compreendidos como compatíveis com a metafunção interpessoal, já que representam aspectos internos da situação comunicativa, ao expressar impressões particulares ao falante e sua atitude diante de seu(s) interlocutor(es).

Nesse contexto, a relação causal se aplica a diferentes níveis representacionais (predicação, proposição e atos de fala) e relaciona-se com duas metafunções linguísticas (ideacional e interpessoal). É interessante notar, entretanto, que essa abordagem apoia-se na intuição do falante para definir que tipo de relação é a causal. Refutam-se os parâmetros lógico-matemáticos da semântica formal, mas não são propostos outros parâmetros para que se defina de que se trata quando se fala em causalidade. Por outro lado, ao interrelacionar os níveis de representação e as metafunções linguísticas, ganha-se em detalhes descritivos. Inclui-se na análise, portanto, aspectos interacionais e a díade comunicativa (falante/ouvinte) passam a desempenhar um papel importante, já que são relevantes para as relações entre atos de fala.

A segunda proposta a ser levada em consideração é a de Blühdorn (2006, 2008b), inicialmente formulada para a língua alemã. A proposta de Blühdorn tem origem essencialmente nos trabalhos de Pasch *et al.* (2003) e utiliza seus critérios de classificação sintática como base. No

plano semântico, entretanto, encontra-se uma zona de interface com as propostas de análise da conceituação de relações atemporais elaboradas por Langacker (1987, 1991) e os mecanismos relacionais propostos por Reichenbach (1966) para a segmentação dos tempos verbais da língua inglesa.

Como ponto de partida, Blühdorn (2008b) assume que o critério (iii) de Pasch *et al.* (2003) — a bivalência da relação introduzida pelo conector — determina a interação entre a sintaxe (estrutura) e a semântica (significado) da relação e a forma por meio da qual as orações que formam os argumentos dessa relação são conectados. No plano significado, são conectados por meio da relação bivalente objetos semânticos de mesma natureza — sejam eles estados de coisas, proposições ou atos de fala, recaindo assim sob o crivo de um *fator comum de integração* (FCI; no original: *common integrator*, cf. Lang (1977)), que determina a natureza dos objetos semânticos relacionados e os pareia de forma que sejam relevantes à relação construída. No plano estrutural, são conectadas as codificações morfossintáticas que representam esses objetos semânticos. Aos objetos semânticos dá-se o nome de *Relata* (sg. das *Relatum*), enquanto as codificações morfossintáticas desses objetos recebem o nome de *Konnekte* (sg. das *Konnekt*).

Na intersecção entre sintaxe e semântica encontra-se a interface à qual é atribuída a responsabilidade de determinar as características da relação semântica a ser estabelecida. Aos *Konnekte* são atribuídos papéis relacionais abstratos **R** e **E** — oriundos da semântica de tempos verbais de Reichenbach (1966) e que, nessa abordagem, têm como substrato a distinção entre *landmark* e *trajector*, introduzida por Langacker (1987) e que refletem assimetrias intrínsecas à maneira como as relações são construídas, como pode ser visto no caso da assimetria entre observador e observado, sujeito e objeto, por exemplo. O *Konnekt* associado ao papel relacional **R** desempenha a função de *landmark* dessa relação, ou seja, serve de base conceitual para que um outro objeto seja identificado e situado. O objeto situado, por sua vez, é identificado como sendo o *Konnekt* associado ao papel relacional **E**.

É importante notar que essa atribuição de papéis relacionais não se dá de modo aleatório: no caso dos conectores que estabelecem relação por meio de coordenação, muitas vezes não é possível distinguir uma assimetria entre os argumentos da relação, o que oferece indícios de que se trata, antes, de uma relação simétrica, sendo que permanece uma incerteza nesses casos se haveria um argumento dominante; no caso dos conectores que articulam relações via subordinação, a assimetria é mais transparente, poderíamos dizer, de forma que o *Konnekt* que representa o argumento interno é assinalado com o papel relacional **R**, enquanto o *Konnekt* que representa o argumento externo do conector recebe o papel relacional **E**.

Mas, uma vez que haja tais pareamentos, é atribuído ao *Relatum* associado a cada *Konnekt* um papel temático. Essa atribuição de papéis temáticos se realiza de modo bastante específico, pois os papéis temáticos são atribuídos sempre em pares, CAUSA – EFEITO. Dessa forma, um conector que realize o seguinte pareamento **R**/CAUSA – **E**/EFEITO é um conector causal em sentido estrito; por outro lado, se o pareamento for inverso, ou seja, **R**/EFEITO – **E**/CAUSA, trata-se de um

conector consecutivo. Uma relação extensiva dos possíveis pareamentos é listada em Blühdorn (2008b, p. 27).

Os papéis temáticos, entretanto, não são gerados por meio de primitivos semânticos. Antes, encontram sua origem na combinação de três traços semânticos básicos. Esses traços semânticos geram um arcabouço relacional bastante diferente daquele que vimos nas gramáticas da língua alemã e portuguesa. Atentemos primeiramente aos traços semânticos:

(7) **Traços semânticos para definição das relações oracionais** (BLÜHDORN, 2008b)

[± **assimétrico**] define que os *Relata* devem receber papéis relacionais abstratos diferentes, no caso **R** e **E**;

[± **dinâmico**] define que o *Relatum* assinalado como **R** exerce algum tipo de influência sobre o *Relatum* assinalado como **E**, de tal maneira que se estabeleça uma relação de interdependência entre ambos e **R** possa definir a facticidade, o valor de verdade ou a desejabilidade de ocorrência de **E**;

[± **valor fixo de resultado**] define que o *Relatum* **R** positivamente determine a facticidade, o valor de verdade ou a desejabilidade de ocorrência de **E**, de tal maneira que a ocorrência de um esteja necessariamente condicionada à ocorrência do outro.

A combinação de valores positivos e negativos atribuídos aos traços semânticos resulta em quatro relações básicas que se estabelecem entre os argumentos do conector oracional: *similaridade*, *situamento*, *condicionalidade* e *causalidade*, conforme a Tabela 1.

		Traço I	Traço II	Traço III
Similaridade	FCI			
Situamento	FCI	+ assimétrico		
Condicional	FCI	+ assimétrico	+ dinâmico	
Causal	FCI	+ assimétrico	+ dinâmico	+ resultado de valor fixo

Tabela 1 – Distribuição dos traços semânticos entre as diferentes relações (BLÜHDORN, 2009)

De acordo com a natureza dos objetos semânticos relacionados por meio do conector oracional, as relações listadas acima podem ocorrer em diferentes domínios relacionais: *espaço*, *tempo*, *epistema* e *deôntico-ilocucional*. O primeiro domínio diz respeito a objetos semânticos que codificam entidades situadas no domínio do espaço; o segundo diz respeito aos estados de coisas, ou seja, aos objetos semânticos que podem ser localizados e interpretados no domínio do tempo; o terceiro domínio caracteriza-se por ser o domínio das relações lógicas e do conhecimento, é onde são interpretadas as proposições; por fim, o domínio deôntico-ilocucional diz respeito aos atos de fala, às leis e normas que regulam o comportamento dos usuários em uma determinada comunidade linguística. Os diferentes conectores oracionais, de acordo com essa abordagem, podem estabelecer relações nos mais diversos domínios relacionais ou podem especializar-se em um determinado tipo de relação.

1.4 A empreitada cognitivista e a experiência humana

1.4.1 Da experiência humana para o conhecimento linguístico

Diante dos desenvolvimentos na área das Ciências Cognitivas alcançados ao longo das últimas três décadas, foram trazidas à tona novas formas de aproximação à temática da integração da faculdade linguística como parte da cognição humana e de sua estruturação interna. Centrada na investigação dos fenômenos diretamente ligados à linguagem, a Linguística Cognitiva estabelece interface com a Psicologia, a Neurociência e com outras disciplinas das Ciências Cognitivas a fim de elaborar modelos que ofereçam descrições adequadas da organização do conhecimento linguístico disponível aos falantes e dos mecanismos envolvidos nesse contexto.

Se, por um lado, a Linguística Cognitiva define-se em oposição às abordagens gerativistas do estudo da linguagem, pautadas essencialmente nos algoritmos sintáticos que determinam a produção de orações gramaticalmente corretas e em uma visão lógico-matemática da semântica[3]; por outro lado, a empreitada cognitivista estabelece-se não como um programa unificado de pesquisa, mas como um *framework* que abriga diferentes linhas de pesquisa que compartilham das mesmas hipóteses para desenvolver seus trabalhos. Nesse contexto, segundo Croft & Cruse (2004, p. 1ss.), a Linguística Cognitiva postula que (i) *a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma*, mas sim parte do sistema cognitivo e, portanto, regida pelos mesmo processos que regem outras faculdades cognitivas; além disso, parte-se do princípio de que o conhecimento linguístico é, essencialmente, estrutura conceitual; que (ii) *gramática é conceituação*, ou seja, gramática de uma língua resulta da conceituação da experiência a ser comunicada e do conhecimento linguístico disponível; e que (iii) *conhecimento linguístico emerge a partir do uso da língua*, ou seja, estruturas e categorias linguísticas formam-se a partir de abstrações e esquematizações de enunciados específicos em ocasiões específicas de uso.

Os esforços descritivos da Linguística Cognitiva concentram-se essencialmente em duas grandes áreas de pesquisa: a abordagem cognitiva para a gramática e a semântica cognitiva. A primeira constitui-se das abordagens cognitivas que procuram descrever os princípios que governam a gramática e as unidades linguísticas que compõem uma determinada língua. A segunda constitui-se de abordagens que procuram investigar e descrever a interação entre experiência, sistema conceitual e semântica, de tal forma que procura-se compreender os mecanismos que regem a representação de conhecimento (estrutura conceitual) e a construção de significados (conceituação). conceituação, segundo Langacker (2001b), deve ser compreendida nesse contexto de uma maneira mais ampla, de tal forma que envolva não apenas conceitos intelectuais, mas também a experiência imediata, seja ela sensorial, motora, cinestética ou emocional; e uma completa apreensão do contexto físico, social, linguístico e cultural em que os conceituadores, ou seja, os indivíduos que se engajam no processo de conceituação, se encontram.

[3] Para uma discussão mais detalhada sobre os pontos de divergência entre a tradição gerativista e o *framework* cognitivista, cf. Croft & Cruse (2004, p. 1ss.) e Evans *et al.* (2007, p. 2ss.).

O presente trabalho volta sua atenção para a pesquisa realizada no âmbito da Semântica Cognitiva e tem suas premissas acerca da estrutura conceitual e da conceituação como suporte para investigar os fenômenos relacionados à coerência causal. A teoretização no âmbito da Semântica Cognitiva fundamenta-se sobre quatro hipóteses. A primeira assinala que a *estrutura conceitual é corporeada* e, portanto, estritamente relacionada à constituição e organização neural sobre a qual está alicerçada a cognição humana. A segunda hipótese postula que *estrutura semântica pode ser equacionada à estrutura conceitual* e, portanto, a linguagem faz referência a conceitos mapeados na mente do falante e não sobre entidades existentes no mundo objetivamente real e externo ao falante — o que não necessariamente indica que todos os conceitos deverão ser mapeados pela faculdade linguística, de forma que os conceitos associados a unidades linguísticas representam um subconjunto da totalidade de conceitos disponíveis na mente do falante (EVANS; GREEN, 2006, p. 160). A terceira hipótese afirma que a *representação de significados é enciclopédica* e, portanto, a linguagem não veicula diretamente significados, antes ela oferece uma "porta de acesso" a um arcabouço de conhecimento relacionado a um determinado conceito ou a um domínio conceitual. Por fim, a quarta hipótese afirma que *construção de significados é conceituação*, sendo que conceituação é compreendida como o processo por meio do qual unidades linguísticas disparam um conjunto de operações conceituais e recrutam conhecimento prévio.

Além disso, o presente trabalho alinha-se à visão de Langacker (1987, 1991, 2008) de que ao processo de conceituação subjazem operações de perspectivação conceitual (*construal operations*)[4]. Essas operações de perspectivação conceitual são compreendidas como *ajustamentos focais* que determinam a perspectiva por meio da qual o falante constrói a conceituação de uma determinada cena da experiência humana e que será fundamental para a análise da causalidade empreendida por este projeto.

A partir dessa perspectiva, a linguagem deve ser compreendida como um sistema dinâmico, capaz de interagir com outras faculdades cognitivas. A experiência humana certamente desempenha um papel importante na dinâmica desse sistema, pois é a partir de abstrações e esquematizações sobre a experiência humana (não apenas as informações sensoriais e motoras assimiladas pelo sistema nervoso, mas também o situamento sociocultural em que o falante se encontra) que se desenvolve o substrato conceitual de que se alimenta a linguagem. A seção seguinte terá por finalidade expor brevemente a problemática em torno das relações causais e apresentar o escopo mínimo em que o presente trabalho pretende atuar.

1.4.2 A Gramática Cognitiva e sua arquitetura básica

O *framework* da Gramática Cognitiva desenvolveu-se a partir de meados da década de 1970 por meio dos trabalhos de Ronald W. Langacker, ainda sob o rótulo de *Gramática Espacial* (*Space Grammar*).[5] Nos anos seguintes, a arquitetura básica da teoria e seus principais componentes

[4] Tradução para o Português proposta por Silva & Batoréo (2010).
[5] Cf. Langacker (1982).

haviam sido elaborados. Agora definitivamente denominado *Gramática Cognitiva*, o *framework* encontrou, pela primeira vez, na publicação dos dois volumes de *Foundations of Cognitive Grammar*, de 1987 e 1991, uma descrição completa e sistemática de seus fundamentos teóricos e metodológicos. Em seu atual estado de pesquisa, é "possivelmente a teoria sobre gramática mais completa e detalhada já desenvolvida no âmbito da Linguística Cognitiva" (EVANS *et al.*, 2007, p. 24).

Alinhada à Linguística Cognitiva, a teoria desenvolvida por Langacker compreende a linguagem como um fenômeno mental que consiste de padrões organizados de atividades de processamento informacional realizados pelo sistema nervoso. Dominar uma língua, defende Langacker (2007, p. 424), significa "ter dominado um conjunto de habilidades" que envolvem atividades sensoriais e motoras, bem como diferentes operações cognitivas. Assim, a Gramática Cognitiva define *língua* como um **inventário estruturado de unidades linguísticas**, sendo que uma **unidade** é compreendida como um padrão de atividade de processamento mais ou menos automatizada e rotinizada (ibidem). Dessa maneira, a Gramática Cognitiva respeita a primeira premissa da Linguística Cognitiva — a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma — ao compreender que, no curso da utilização efetiva da faculdade linguística, estão envolvidos diversos processos cognitivos paralelos que interagem no uso da linguagem.

Ao conceber uma língua como um inventário estruturado de unidades linguísticas, a Gramática Cognitiva diferencia-se consideravelmente da tradição gerativa. Rejeita-se a ideia de um mecanismo derivacional autônomo responsável por construir expressões bem-formadas. Assim, não se trata de um módulo autônomo de produção linguística, mas de um inventário estruturado cujos componentes podem ser combinados para construir unidades de diferentes graus de complexidade. Diferentemente de um léxico com formato de lista e caráter de dicionário, composto por unidades discretas que podem ser concebidas como primitivos sintáticos, o inventário proposto pela Gramática Cognitiva serve a enfatizar que as unidades linguísticas formam uma rede de caráter enciclopédico em que as entradas podem ser relacionadas de diversas formas: por sobreposição, inclusão, simbolização e integração em unidades de níveis mais elevados. Perde-se, portanto, a dicotomia tradicional entre gramática e léxico, uma vez que os elementos gramaticais e os itens lexicais diferem apenas quanto a seu grau de complexidade simbólica e esquematicidade. Por um lado, itens lexicais dispõem de um grau relativamente baixo tanto de complexidade simbólica quanto de esquematicidade, porque tendem a apresentar especificações semânticas e fonológicas completas. Por outro lado, elementos gramaticais tendem a apresentar graus mais elevados de esquematicidade, pois tendem a codificar conceituações mais amplas e abstratas, ainda que tenham especificação fonológica completa, o que leva a baixos graus de complexidade simbólica. Léxico e gramática são, portanto, concebidos como um contínuo (LANGACKER, 2008, p. 20).

Se uma unidade linguística é um padrão rotinizado de atividade de processamento que integra diferentes aspectos da cognição humana, tem-se uma caracterização da faculdade linguística baseada no falante e em suas configurações biológicas. Entretanto, a linguagem apresenta

um forte aspecto social, já que é primordialmente um instrumento de interação e comunicação entre coespecíficos, e tem caráter de artefato cultural transmitido de uma geração para outra. Dessa forma, ao longo da aquisição, o falante apropria-se de diferentes estruturas e as rotiniza, conferindo-lhes, do ponto de vista neurológico, o estatuto de unidade via **arraigamento psicológico** (*psychological entrenchment*). Do ponto de vista social, uma estrutura pode apresentar diferentes graus de **convencionalidade**: estruturas amplamente compartilhadas entre os falantes são mais convencionais, enquanto as menos compartilhadas encontram menos aceitação entre os falantes. Por isso, uma língua não pode ser precisamente delimitada ou fixada, pois, embora os falantes de uma mesma língua dominem e compartilhem grande parte de seu inventário de unidades, há espaço para variação quanto ao grau de domínio de certas estruturas, no nível individual; e de convencionalidade, no nível social.

Ao levar em consideração o caráter interativo/comunicativo da linguagem, a Gramática Cognitiva define-se como um modelo de descrição baseado no uso. Isto tem consequências importantes na construção da teoria por dois motivos: por um lado, a descrição baseada no uso implica o estudo contextualizado da linguagem; por outro lado, tem-se a concepção de que as unidades linguísticas tem sua origem em seus eventos de uso e deles são abstraídas para servir às mais diferentes funções comunicativas. Langacker (2007, p. 425) define **eventos de uso** como "uma instância do uso real de uma língua". Assim, todas as unidades linguísticas são concebidas como abstraídas de seus eventos de uso. É durante um evento de uso que ocorre "o pareamento de uma conceituação completa, que representa uma compreensão integral de um contexto, com uma expressão completa, detalhadas em seus aspectos fonológicos e gestuais" (ibidem). O processo de abstração dá-se por meio do reforço de aspectos comuns aos diferentes eventos de uso em que uma determinada unidade linguística é utilizada, enquanto os aspetos menos salientes são progressivamente descartados. Assim, as unidades linguísticas são, também, "esquemáticas e seletivas em relação a seus eventos de uso", podendo, após o arraigamento psicológico, ser (re)ativadas em outros contextos e passar por processos de categorização.

Dessa relação entre o evento de uso e as unidades linguísticas dele abstraídas resulta que essencialmente qualquer faceta de um evento de uso ou sequência de eventos em um discurso pode ser considerada candidata à abstração e convencionalização. Langacker (2001a) lança as bases para a representação de um evento de uso e seus componentes no contexto discursivo. Essa representação é amplamente esquemática e consiste de componentes básicos envolvidos na interação comunicativa entre falante e ouvinte ao longo de um evento discursivo, conforme reproduzido na figura abaixo:

Essa representação da estrutura discursiva e dos sucessivos eventos de uso que a compõem divide-se em diferentes setores que, segundo Langacker (2007, p. 426), não devem ser compreendidos como discretos e separados, mas como singularizados para fins analíticos, pois representam aspectos dinâmicos e integrados do discurso. De fundamental importância é o setor denominado *ground*. Nele encontram-se o falante (S) e o ouvinte (H), sua interação e suas imediações. Ao comunicarem-se, estabelece-se um direcionamento da atenção de ambos que tem como foco o

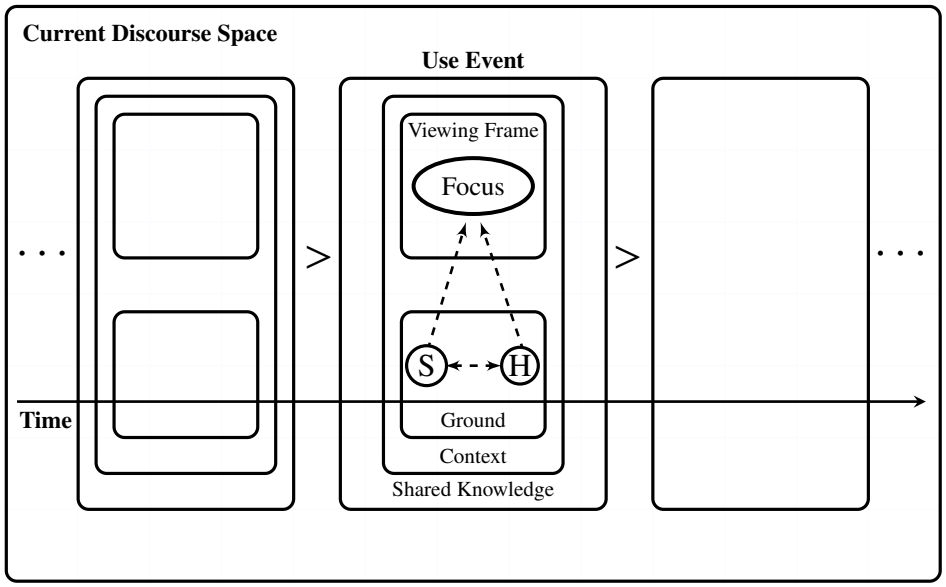


Figura 1 – Esquema da interação dos componentes da interação verbal (LANGACKER, 2007, p. 426).

setor denominado *viewing frame*. O foco da atenção dos participantes é um espaço subjetivo, análogo ao campo visual. É neste espaço em que se manifestam as conceituações entretidas pelos participantes. Esses setores encontram-se inseridos em um arcabouço de conhecimento compartilhado entre os interactantes. Eles são, portanto, parte dos componentes do processo de abstração, já mencionado. Por fim, o próprio evento discursivo é mapeado e permanece disponível ao acesso mental, é possível acessar elementos prévios do discurso, antecipar possibilidades de sequência. A este espaço dá-se os rótulo de **espaço do discurso atual** (*current discourse space*).

Entretanto, Langacker (2007, p. 426) aponta ainda para o fato de que o discurso é um evento complexo e que nele estão incluídos outros elementos além daqueles acima representados. São elementos que fazem parte, por exemplo, do chamado *viewing frame* e formam o substrato conceitual sobre o qual se alicerça a conceituação entretida pelos participantes. Além disso, o próprio *viewing frame* é concebido como um componente complexo do evento de uso. Lembrando que é neste setor em que se manifestam as conceituações evocadas por uma expressão fonológica, o *viewing frame* pode ser dissecado em diversos canais que compõem a conceituação e a expressão. São canais da conceituação: a chamada situação objetiva, a estrutura informacional e as estratégias de gerenciamento discursivo. Fazem parte, por sua vez, da expressão: o conteúdo segmental, a intonação e os gestos. Embora todos os canais figurem em cada evento de uso da linguagem, dois deles têm papel central na constituição da unidade linguística: a situação objetiva e o conteúdo segmental. Este consiste do material fonológico que compõe a expressão, enquanto aquela consiste da situação apreendida, conceituada e discutida pelos participantes.

Assim, chega-se à composição elementar da unidade linguística concebida nos moldes da Gramática Cognitiva. Conceituação e expressão formam os pólos abstratos dessas unidades. A primeira recebe o rótulo de **unidade semântica**, enquanto a segunda denomina-se **unidade**

fonológica. O pareamento entre ambas as unidades ocorre por meio da chamada **relação de simbolização** (LANGACKER, 2008, p. 15). São esses os três elementos que conferem à unidade linguística o seu valor e seu caráter simbólico. Dessa maneira, a Gramática Cognitiva não recorre ao pareamento direto entre objetos "no mundo" e alguma forma de linguagem formal para estabelecer a referenciação. A referenciação ocorre por meio do mapeamento cognitivo da realidade e é no produto deste mapeamento em que se encontram os objetos e relações conceituados pelo falante e cuja conceituação é pareada com um determinado conteúdo segmental. É preciso ter em mente que não se trata de excluir a realidade externa, ela é a base a partir da qual o mapeamento cognitivo acontece, mas ela não é o único substrato a partir do qual se pode diretamente construir conceituações. Na comunicação cotidiana é comum evocar entidades fictícias ou hipotéticas, construir situações que não podem ser consideradas como factuais, não porque encontram-se em um mundo de conto de fadas, mas porque são construções mentais alternativas para a realidade factual.

Embora os componentes semântico e fonológico tenham a mesma importância na constituição das unidades linguísticas, o foco do presente trabalho serão preponderantemente os aspectos relacionados ao polo semântico que forma o significado dos conectores oracionais da língua alemã. Por isso, uma breve descrição de como se organiza o tratamento dispensado à Semântica no contexto da Gramática Cognitiva faz-se necessária.

Do ponto de vista da Gramática Cognitiva, todas as unidades linguísticas são dotadas de significado — incluindo os elementos gramaticais, ainda que nesse caso o significado seja mais sutil. Para tratar do significado linguístico de maneira completa e apropriada, a Gramática Cognitiva parte de uma visão conceitualista da Semântica; dessa forma, o significado linguístico é equacionado à conceituação, sendo que se constitui de toda sorte de experiência mental. Langacker (2007, p. 431) explica que essas experiências mentais incluem: (i) tanto conceituações novas quanto aquelas já estabelecidas; (ii) não apenas conceitos abstratos e intelectuais, mas também conceitos sensoriais, motores, cinestéticos e a experiência emotiva; (iii) conceituações que não são instantâneas, mas que são dinâmicas e que se desdobram ao longo do tempo; e (iv) uma apreensão completa do contexto físico, linguístico, social e cultural do falante.

Para a descrição do significado linguístico, uma Semântica Cognitiva de cunho conceitualista tem sido desenvolvida no contexto da Linguística Cognitiva. Engajados nesta tarefa estão diversos pesquisadores, dentre os quais encabeçam os trabalhos: Langacker (1987, 1991, 2008), Talmy (2000a, 2000b), Fauconnier & Turner (2008) e Lakoff & Johnson (1980). No que diz respeito especificamente à Gramática Cognitiva, o significado linguístico pode ser analisado como sendo fruto da união de dois componentes. De um lado estão os **domínios conceituais** que fornecem o conteúdo oriundo das experiências mentais; do outro lado, estão as chamadas **operações de perspectivação conceitual** (*construal*) que permitem que um mesmo conteúdo seja construído e acessado a partir de diferentes ângulos.

Domínios conceituais podem ser concebidos como blocos organizados de conhecimento

sobre um determinado tipo de experiência mental. Têm caráter enciclopédico por não conterem apenas definições básicas sobre um determinado conceito, mas por incluírem informações sobre os mais diversos contextos em que este conceito pode ocorrer. Os domínios conceituais podem ser divididos em dois grupos: dos chamados domínios básicos e os não básicos. Os domínios básicos são aqueles que representam a experiência humana que não pode ser reduzida a nenhuma outra instância menor como, por exemplo, o espectro cromático da luz visível, o tempo, o espaço, entre outros. Esses domínios não são conceitos em si, mas oferecem o espaço conceitual necessário como base para conceitos como cores, objetos e relações entre objetos. Domínios não básicos são aqueles que, formados a partir da combinação e interação de domínios básicos, não tem limite de complexidade. Unidades linguísticas, segundo Langacker (2007, p. 434), evocam um conjunto de domínios (básicos e não básicos) como base para seu significado. Este conjunto de domínios é denominado **matriz conceitual**, que representa o conhecimento enciclopédico do falante sobre uma determinada entidade.

As operações de perspectivação conceitual (*construals*) compõem o aparato que permite conceber e retratar uma determinada situação objetiva a partir de diferentes perspectivas e níveis de acesso. Elas podem ser agrupadas em quatro categorias: (i) especificidade, (ii) proeminência, (iii) perspectiva, e (iv) dinamicidade.

Por **especificidade** (ou **granularidade**) entende-se o grau de especificação de detalhes que uma unidade linguística oferece ao evocar uma determinada entidade ou relação entre entidades e acessar uma determinada matriz conceitual. Quanto maior o grau de detalhes, mais específico é o acesso à matriz. Conversamente, quanto menor o grau de detalhes, mais **esquemático** é o seu acesso. A especificidade pode ser ilustrada por meio dos seguintes exemplos, em que o símbolo representa um aumento na escala de especificidade:

(8) a. *roedor → ratazana → ratazana-negra → grande ratazana-negra com hidrofobia*
b. *quente → na casa dos 40 graus → por volta de 42 graus → exatamente 42.7* graus

Na sequência apresentada em (8-a) tem-se o aumento do grau de especificidade em relação à caracterização de uma entidade. Por sua vez, na sequência introduzida em (8-b), verifica-se um aumento do grau de precisão com que se determina um determinado aspecto climático. Em ambos os casos, argumenta Langacker (2008, p. 56), trata-se da organização de diferentes unidades linguísticas relacionadas e que formam uma taxonomia hierarquizada.

À **proeminência** corresponde a forma de organização do acesso que uma unidade linguística dá a um determinado domínio ou matriz conceitual. Nesta categoria encontram-se dois subtipos de operação, a saber: a **perfilação** e o **alinhamento *trajector/landmark***. Os domínios ou matrizes servem de base conceitual para a interpretação de uma determinada unidade. Embora seja possível referir-se ao domínio ou à matriz como um todo, são mais comuns os casos em que unidades linguísticas mapeiam e acessam subestruturas da base. Ao selecionar uma subestrutura da base conceitual, a unidade linguística perfila esta subestrutura, tornando-a proeminente. É o

caso de unidades que perfilam entidades, por exemplo, como as unidades *cateto* e *hipotenusa*: sendo a base conceitual a mesma, ou seja, o triângulo retângulo, cada unidade perfila uma subestrutura diferente. *Cateto* perfila aquela subestrutura que se caracterizam os segmentos de reta que, em conjunto, formam o ângulo reto do triângulo; enquanto *hipotenusa* perfila a subestrutura, ou seja, o segmento de reta, que se encontra oposta ao ângulo reto formado pelos catetos.

No caso de a subestrutura perfilada ser uma relação entre entidades, o segundo subtipo de proeminência é acionado para organizar os participantes focais desta relação. O participante focal primário é mais proeminente e recebe a alcunha de *trajector* (tr), enquanto o participante focal secundário denomina-se *landmark* (lm). A seleção e organização dos participantes focais têm consequências importantes para a estruturação das relações perfiladas: unidades como *nachdem* e *bevor* perfilam a mesma relação temporal; apresentam, entretanto, formas diferentes de dar proeminência aos participantes focais. É o que pode ser ilustrado por meio das orações (9-a) e (9-b), abaixo:

(9) a. **Bevor** *er nach Hause gefahren ist*$_{(\mathrm{lm})}$, holte er im Supermarkt Marie ab$_{(\mathrm{tr})}$.
b. **Nachdem** *er im Supermarkt Marie abgeholt hat*$_{(\mathrm{lm})}$, ist er nach Hause gefahren$_{(\mathrm{tr})}$.

Na categoria **perspectiva** encontram-se operações de perspectivação conceitual mais sutis que impõem meios de construir uma determinada situação objetiva a partir de diferentes **arranjos de visão**. Para Langacker (2008, p. 73), trata-se de examinar diferentes maneiras por meio das quais se organiza a interação entre a "cena que é vista", isto é, conceituada pelos participantes — os conceituadores. Metaforicamente, visão e conceituação são equacionados, de forma que ao conceituar uma determinada situação objetiva os participantes impõem uma determinada perspectiva, semelhante a um arranjo de câmera.

(10) a. Das Rezeptbuch liegt noch immer auf dem Tisch.
b. Liegt das Rezeptbuch noch immer auf dem Tisch?

(11) a. Er küsst sie.
b. Küss sie doch mal!

Comparem-se os dois pares de orações acima. Enquanto (10-a) e (11-a) descrevem situações objetivas factíveis, fazendo asserções sobre a realidade, e apresentam tendencialmente uma perspectiva neutra; as orações (10-b) (11-b), por outro lado, assumem uma configuração menos neutra. Nelas, aspectos do *ground* encontram-se vinculados à conceituação de uma situação objetiva, de maneira que passam a fazer parte da conceituação da cena elementos que evidenciam a interação dos conceituadores por meio de diferentes atos de fala.

Um importante componente do arranjo de visão é o **ponto de vista** pressuposto para a

construção de uma determinada situação objetiva. O ponto de vista pode ser ancorado em diferentes elementos da conceituação, sendo tendencialmente o falante e o ouvinte os candidatos mais comuns. Os exemplos em (12) apresentam diferentes pontos de vista, evidenciados pela alternância entre os verbos *fahren* e *kommen*:

(12) a. Peter fährt nach Hause.
b. Peter kommt nach Hause.
c. Rebekka sagt, dass Peter nach Hause kommt.

Em (12-a) o ponto de vista assume que a posição do falante no momento da enunciação seja em um ponto a partir do qual o *Peter*, ao dirigir-se para sua casa, afaste-se do falante. Por outro lado, a oração (12-b) assume o ponto de vista oposto: a posição entre o falante e a direção do movimento de *Peter* ao dirigir-se para casa coincidem — o falante espera por ele. Por fim, (12-c) ilustra a possibilidade de deslocamento do ponto de vista do falante para um terceiro; o verbo *kommen* refere-se à posição de *Rebekka* em relação ao movimento de *Peter*.

Outro elemento importante dessa categoria de operação e intimamente relacionado ao ponto de vista é **alinhamento subjetividade/objetividade**. Este alinhamento diz repeito à maneira como determinados aspectos da conceituação são articulados em relação ao que entra na situação objetiva descrita pelos conceituadores e o que é deixado implícito. Elementos da conceituação que são explicitamente singularizados e colocados diretamente como foco da atenção dos conceituadores são considerados construídos com máxima objetividade; por outro lado, aqueles elementos que são evocados pela conceituação, mas que não são explicitamente codificados, são considerados construídos com máxima subjetividade. Os exemplos (10-a) e (11-a), acima, ilustram esse tipo de alinhamento em relação à construção do *ground*. Nessas orações, o *ground* aparece minimamente conceituado, descrevendo situações em que os conceituadores não estão diretamente envolvidos; sua presença, entretanto, é evocada por meio da organização dos tempos verbais, por exemplo. O alinhamento subjetividade/objetividade, entretanto, pode ser mais sutil e envolver aspectos do significado de determinados itens lexicais que são deixados de lado para construir diferentes tipos de situação:

(13) a. Der Drachen **steigt** bei diesem Wind ganz hervorragend.
b. In letzter Zeit sind die Preise ganz schön **gestiegen**.

Enquanto em (13-a) o verbo *steigen* conceitua a ascensão de uma pipa no domínio físico, de forma que a organização espacial de um determinado ambiente é evocada para organizar a conceituação da situação objetiva; no exemplo (13-b) o domínio físico é deixado de lado e não pertence mais à conceituação evocada pelo verbo. Não se trata mais de descrever diferentes posições de um objeto em relação ao espaço físico, mas sim de estabelecer a elevação de um determinado valor em relação a uma escala. O elemento espacial é construído, portanto de

maneira subjetiva, permanecendo apenas a conceituação do movimento de ascensão.

Por fim, entende-se por **dinamicidade** a operação de perspectivação conceitual que permite diferentes acessos a como as conceituações desenvolvem-se ao longo do tempo. É preciso notar que, enquanto Langacker (2007, p. 437) entende que a dinamicidade é uma operação de perspectivação conceitual separada; em um trabalho posterior Langacker (2008, p. 73) classifica a dinamicidade como parte da categoria de perspectiva. Problemas de classificação à parte, esta operação de perspectivação conceitual refere-se à maneira como uma conceituação desdobra-se ao longo do tempo no que diz respeito à sua construção. Neste quesito, a ordem das palavras desempenham um papel crucial, já que diferentes ordenações implicam que diferentes partes da conceituação serão acessadas primeiro do que outras, influenciando na maneira como a conceituação como um todo é construída e compreendida. Exemplo clássico são as diferentes inferências possíveis a partir de orações como (14-a) e (14-b), em que a ordem das orações conectadas por *und* altera a compreensão da sequência em que os fatos ocorreram:

(14) a. Anna wurde schwanger und heiratete ihren besten Freund.
b. Anna heiratete ihren besten Freund und wurde schwanger.

A arquitetura básica da Gramática Cognitiva apresentada ao longo desta subseção será retomada e detalhada no capítulo 2. Nele serão abordadas questões relativas à construção da cena causal e de como interagem base conceitual e operações de perspectivação conceitual. O foco recairá especialmente sobre as questões relativas à perspectiva e ao alinhamento subjetividade/objetividade, que servem de ponto de partida para a construção do gradiente de relações causais proposto por Pander Maat & Degand (2001).

1.4.3 Abordagens cognitivas para a causalidade

Também a Linguística Cognitiva desenvolveu diferentes abordagens para o estudo da causalidade. A seguir, serão apresentadas brevemente três tentativas de motivar a classificação das relações introduzidas por conectores oracionais a partir de diferentes mecanismos cognitivos que estariam na base dos processos de categorização e seriam fundamentais para, entre outros, a interpretação de segmentos discursivos, já que a proposta de Sanders *et al.* (1992, 1993) parte dos procedimentos e operações empregadas pelo leitor para estabelecer as relações entre segmentos textuais (introduzidos ou não por conectores oracionais), enquanto a proposta de Sweetser (1990) explora a possibilidade de analisar os conectores causais a partir de sua capacidade de relacionar objetos em diferentes domínios relacionais; e a de Pander Maat & Degand (2001) elabora uma distribuição dos conectores a partir de critérios mais refinados que permitem sua organização em uma escala gradual.

A primeira delas é a proposta por Sanders *et al.* (1992, 1993) que tem como base a constatação de que leitores efetuam operações para estabelecer as relações de coerência textual entre

segmentos que lhes são apresentados. Supondo que S_1 e S_2 sejam codificações linguísticas de dois segmentos textuais que mapeiam sobre as proposições P e Q o seu significado, quatro primitivos cognitivos são empregados para definir que tipo de relação se estabelece entre ambos os segmentos. Estes segmentos não precisam ser necessariamente introduzidos por conectores oracionais, já que as relações de coerência, segundo os autores, se desenvolvem independentemente deles. É necessário, entretanto, notar que os conectores oracionais são considerações nessa abordagem como sendo lexicalizações dessas relações de coerência que teriam como principal função a manifestação direta e expícita de qual relação é atribuida entre os segmentos, dessa forma, diminuir o tempo e o esforço por parte do leitor para interpretá-los.

Conforme mencionado acima, a proposta de Sanders *et al.* (1992, 1993) baseia-se em quatro primitivos cognitivos que seriam utilizados pelos leitores (e por extensão todo usuário de um sistema linguístico que se encontre na função de decodificar uma mensagem) para estabelecer que tipo de relação se encontra entre os segmentos textuais apresentados. A combinação desses quatro primitivos, cada qual com possibilidade de variação entre dois parâmetros, gera um arcabouço de doze relações possíveis. Uma breve explanação dos primitivos cognitivos empregados para gerar a lista de relações segue abaixo; a lista completa de relações resultantes de suas combinações pode ser encontrada em Sanders *et al.* (1992, p. 11-16).

(15) **Primitivos cognitivos para relações de coerência** (SANDERS *et al.*, 1992, p. 6-11):

Operações básicas: distinguem entre *causalidade* e *adição*; refletem intuição pré-teórica de que segmentos textuais são relacionados por meio de conexões fortes (causalidade) ou por meio de relações fracas (adição), correspondentes, respectivamente, ao operador lógico da implicação ($\rightarrow$) e ao da conjunção ($\wedge$). O papel dos operadores nessa abordagem vão além da atribuição de valores de verdade às proposições conectadas, já que no caso da causalidade a relevância da premissa é essencial para a validade da conclusão.

Fonte de Coerência: distingue entre relações que se restringem ao conteúdo das proposições relacionadas (semânticas) e relações que se realizam no plano dos atos de fala codificados pelos segmentos textuais (pragmáticas).

Ordem dos segmentos: distingue a ordem de mapeamento dos segmentos S_1 e S_2 em relação às proposições P e Q. A ordem é considerada *básica* se, nas relações $[P \rightarrow Q]$ e $[P \wedge Q]$, S_1 é mapeado sobre P e S_2 é mapeado sobre Q. A ordem é considerada não básica, se S_1 é mapeado sobre Q e S_2 é mapeado sobre P. No caso de relações aditivas, a ordem é irrelevante, dado que são simétricas.

Polaridade: distingue entre os casos em que a relação é *afirmativa* ou *negativa*. A relação é positiva quando os próprios segmentos S_1 e S_2 são mapeados sobre o antecedente P e o consequente Q. Porém, a relação deve ser considerada negativa caso as contrapartes negativas dos segmentos sejam mapeadas sobre as proposições positivas.

As classes de relações geradas pelas combinações de primitivos cognitivos e seus parâmetros estão diretamente ligadas a três classes de relações normalmente encontradas nas descrições tradicionais em gramáticas: as relações aditivas, as condicionais e as causais (que incluem as finais, concessivas e consecutivas). São deixadas de lado as relações temporais, ao menos enquanto se considera o estatuto como relações primitivas nesse sistema taxonômico. A ausência das relações temporais nessa proposta é justificada por Sanders *et al.* (1992, p.27s.) por meio do argumento de que as relações temporais formam um subgrupo das relações aditivas e necessitam, para sua devida distinção e classificação, parâmetros mais refinados e que envolveriam outros níveis relacionais na taxonomia que fossem além das relações básicas. Apesar disso, a proposta taxonômica de Sanders *et al.* (1992, 1993) permanece viável, em suas linhas gerais, por oferecer uma base de classificação para as relações de coerência entre segmentos oracionais que seja fundamenta em critérios claros e motivados a partir da intuição dos falantes sobre as formas de relacionar segmentos no texto.

Outra abordagem digna de nota é a desenvolvida por Sweetser (1990) em que, ao contrário das abordagens anteriores, as relações causais são divididas em uma tricotomia. As relações causais rotuladas de *externas* ou *semânticas* permanecem assim definidas sob o rótulo de *relações causais no nível do conteúdo*, enquanto as relações *internas* ou *pragmáticas* passam a ser divididas em dois grupos diferentes. O primeiro novo grupo inclui relações causais no nível proposicional e pautadas no conhecimento e nos processos de raciocínio do falante, por isso, chamadas *relações causais no nível epistêmico*. No segundo grupo estão incluídas as relações causais que se estabelecem entre atos de fala, recebendo dessa forma a designação *relações causais no nível dos atos de fala*.

Tais abordagens, entretanto, estão centradas em uma perspectiva centrada no funcionamento do sistema linguístico sem que se leve em consideração o papel do falante e de seus interlocutores na conceituação linguística. Certamente as abordagens funcionalistas levam em consideração o papel desempenhado pela situação comunicativa, encaram, porém, o problema por um outro viés: a relação causal é compreendida como aplicável às relações que descrevem o mundo objetivamente real ou como motivação e justificativa para as ações do sujeito no contexto da situação comunicativa. A abordagem de Sweetser (1990) altera essa perspectiva ao alocar separadamente o processo de raciocínio do falante na categoria das relações causais epistêmicas. A concepção de que causalidade é um processo mental, nesse contexto, fica relegada a uma única mente: a do falante que a expressa.

Essa visão relega ao segundo plano um aspecto importante da evolução da espécie humana, a saber: a capacidade desenvolvida pelos seres humanos de identificar-se com seus coespecíficos, de tal forma que possam compreender as coisas a partir do ponto de vista de outros e identificar neles agentes intencionais ou mentais como a si mesmos, conforme aponta Tomasello (1999, p. 14s.). Partindo para as especificidades do uso linguístico, é a partir deste posicionamento de Tomasello que Verhagen (2005, 2007) constrói a noção de que durante o uso linguístico um conceituador, o falante, convida um segundo conceituador a unir-se a ele nesse processo

de conceituação de um determinado objeto; dessa forma, ambos os conceituadores engajam-se na atualização de um *common ground* e coordenação cognitiva por meio do uso linguístico (VERHAGEN, 2007, p. 60).

É a partir dessa visão de que seres humanos identificam-se com seus coespecíficos e assumem seu ponto de vista, e de que ao fazê-lo durante o uso linguístico estabelecem um processo de conceituação que envolve a coordenação de processos cognitivos de ambos os conceituadores que surge a proposta de Pander Maat & Sanders (2000, 2001) e Pander Maat & Degand (2001) para o tratamento da causalidade e, em especial, das relações de coerência causal introduzidas por conectores oracionais (conjunções). Essa nova abordagem parte do pressuposto de que a causalidade enquanto operação mental está necessariamente ligada a um participante consciente que pode, mas não necessita, ser o falante.

A causalidade passa, portanto, a ser abordada como conceito relacional pertencente ao conhecimento compartilhado entre os falantes e que pode ser construído a partir de diferentes perspectivas. Para tanto, são acionadas diferentes operações perspectivação conceitual, que atuam como ajustamentos focais, no sentido de Langacker (1987, 1991, 2008), dentre elas a *perspectivação* e sua sub-operação, o alinhamento *objetividade/subjetividade*. Dentro dos moldes propostos por Pander Maat & Sanders (2000, 2001) e Pander Maat & Degand (2001) as relações causais podem ser classificadas em um espectro mais amplo, baseado não em níveis de representação do sistema interno da língua, mas sim em aspectos cognitivos da coordenação mental dos conceituadores engajados numa interação linguística. É proposto um gradiente de relações causais que partem da relação CAUSA–EFEITO entre eventos no mundo objetivamente real e alcançam o centro da situação comunicativa ao serem aplicadas diretamente a atos de fala; esse gradiente, entretanto, encontra sua origem nas diferentes possibilidades de alinhamento entre um participante consciente que estabelece a relação causal e um (grupo de) conceituador(es) em um determinado contexto de interação linguística. O gradiente proposto é constituído pelos seguintes subtipos de relação causal:

(16) **O gradiente das relações causais** (Pander Maat & Degand 2001, p. 216ss.):

(i) Relação causal involuntária;
(ii) Relação causal voluntária;
(iii) Relação epistêmica causal;
(iv) Relação epistêmica não causal;
(v) Relação causal entre atos de fala

De maneira bastante breve, seria possível caracterizar a *relação causal involuntária* como sendo aquela em que não há envolvimento direto de um participante consciente (ou um *sujeito de consciência*, para manter a terminologia proposta pelos autores), é, portanto, a relação mais próxima de uma relação causal objetivamente conceitualizada no mundo real, não havendo expressão de uma mente que participe da relação, de forma que o papel do falante é o de

mero relator dos eventos. No caso de uma *relação causal voluntária*, pode ser identificada a participação de uma mente consciente no processo de construção da relação causal, esse participante consciente é, normalmente, o sujeito sintático da expressão linguística e parte dele a conceituação da relação causal, dessa forma o falante, ao relatar a relação de causa, assume a perspectiva de uma terceira pessoa e relata a partir das ações perceptíveis dessa terceira pessoa. A *relação epistêmica causal* reflete processos de inferência causal que, por *defaut*, é construída a partir da perspectiva do falante, reproduzindo seu processo de raciocínio e construção do nexo causal entre evidências ou argumentos; caso haja divergência e a relação for perspectivada a partir de uma terceira pessoa, então, essa terceira pessoa deve ser identificada no enunciado. Em seguida, a *relação epistêmica não causal* é aquela em que o falante se utiliza dos moldes linguísticos da relação causal para construção de outras formas de raciocínio, por exemplo, o raciocínio abdutivo. Por fim, a *relação causal entre atos de fala* é aquela em que o falante coloca a situação comunicativa completamente em evidência e utiliza-se dos moldes linguísticos da relação causal para motivar e explicar seus atos de fala.

2 Construindo a cena causal

2.1 Apectos gerais

Conforme apresentado no capítulo anterior, a Gramática Cognitiva postula que as unidades linguísticas são pareamentos entre uma conceituação e uma expressão fonológica. Estabelece-se este vínculo por meio da chamada relação de simbolização, e uma unidade linguística pode apresentar diferentes graus tanto de convencionalidade (aceitação e compartilhamento entre os falantes de uma determinada língua) e de entrincheiramento psicológico (grau de automatização do domínio de uma expressão por um falante em particular). Ao descrever as características básicas do tratamento dado ao componente semântico (conceituação) das unidades linguísticas, definiu-se que o significado de uma unidade constitui-se a partir de dois componentes básicos: uma base conceitual formada por um domínio conceitual (ou uma matriz composta por diversos domínios) e um conjunto de operações de perspectivação conceitual que recortam os domínios conceituais evocados por uma unidade linguística e moldam os diferentes modos de construir e visualizar uma determinada entidade em um (conjunto de) domínios conceituais.

O presente capítulo aborda a questão da causalidade a partir do ponto de vista da Gramática Cognitiva e abordagens nela baseadas. Conforme havia sido exposto no capítulo anterior, as diferentes linhagens teóricas da Linguística alternam entre definir com precisão de que se trata quando se fala de causalidade e a descrição dos contextos de uso de expressões linguísticas cujo significado baseia-se na causalidade. A tradição formalista, argumentou-se, procura por uma definição científica da causalidade e aborda este conceito a partir de perspectivas externalistas, ou seja, sem levar em consideração os aspectos psicológicos do usuário da língua e de seu contexto sociocultural. A tradição funcionalista, por outro lado, coloca para si o objetivo de descrever as funções e os usos de expressões consideradas como causais, mas não engaja numa explicação sobre as bases conceituais que definem o fenômeno causal, baseando-se essencialmente no conhecimento intuitivo do falante sobre o conceito. É no contexto da Linguística Cognitiva que a possibilidade de unir ambos os objetivos ganha corpo: o *framework* cognitivista permite a definição de um conceito de causalidade que se adequa à experiência cognitiva humana e explora as diferentes maneiras de emprego deste conceito em diferentes eventos de uso. A Gramática Cognitiva, sendo o ramo da Linguística Cognitiva mais bem desenvolvido até o presente momento para a descrição gramatical, oferece o aparato teórico necessário à abordagem pertinente do tema da causalidade e, mais especificamente, dos conectores oracionais causais; onde o aparato da Gramática Cognitiva é insuficiente, existem pontos de diálogo com outros *frameworks* da linhagem como, por exemplo, a Semântica Cognitiva, de Talmy (2000a, 2000b).

As seções seguintes apresentarão o tratamento dado à causalidade no contexto da Gramática Cognitiva e de abordagens que dela derivam ou que com ela fazem interface. Conforme já mencionado, a Gramática Cognitiva dispõe de aparato teórico bastante avançado para a descrição de estruturas gramaticais, mas alguns aspectos que envolvem as diferentes bases conceituais (domínios de experiência) precisam ser mais bem desenvolvidos, aqui estabelece-se a interface com o sistema de dinâmica de forças, descrito por Talmy (2000a, p. 409-70), para descrever a base conceitual da causalidade em termos de abstrações conceituais sobre a interação de forças físicas estendidas para outros domínios experienciais. Embora essa seja a abordagem favorecida pelo autor do presente estudo para a descrição da base conceitual da causalidade, pois permite alicerçar os elementos básicos da causalidade em aspectos bem definidos da experiência humana; autores como Pander Maat & Degand (2001) preferiram importar definições lógico-matemáticas mais abstratas, desenvolvidas por Mackie (1965) para fundamentar sua proposta de pesquisa. Por isso, ambas as possibilidades serão apresentadas e confrontadas. Dado que o estudo original de Pander Maat & Degand (2001) dita as diretrizes para o presente trabalho, serão as definições por ele apresentadas que pautarão a análise, mas, sempre que possível, será feita a contraposição com a abordagem de Talmy. Essas possibilidades de descrição das bases conceituais da causalidade são tema da seção 2.2.

A seção 2.3, por sua vez, abordará as questões pertinentes a operação de perspectivação conceitual denominada *perspectivação* e sua suboperação *alinhamento subjetividade/objetividade*, envolvidas na construção do significado dos conectores oracionais da língua alemã — *da*, *denn* e *weil*. Essa proposta de análise foi inicialmente desenvolvida para o holandês, por Pander Maat & Degand (2001), e posteriormente extendida para o francês, inglês e polonês; o alemão figura apenas como coadjuvante no estudo contrastivo de Pit (2003) sobre subjetificação (cristalização de um arranjo específico do alinhamento supracitado) em conectores oracionais, no qual, entretanto, não se trata diretamente da questão da categorização do significado dos conectores oracionais do alemão em termos de um gradiente de relações causais. Esse gradiente de relações causais proposto por Pander Maat & Degand (2001) parte da base conceitual abstrata proposta por Mackie (1965), e da escala de *alinhamento subjetividade/objetividade*, desenvolvida por Langacker (1987, 1991, 2008), para descrever diferentes possibilidades de uso da causalidade. É preciso notar desde já que o gradiente diz respeito essencialmente a diferentes formas de causalidade passíveis de serem encontradas no uso linguístico como elementos de coerência, sendo esta causalidade codificada ou não por meio de conectores oracionais. O presente trabalho, entretanto, volta sua atenção somente para os usos que envolvem conectores oracionais sintáticos, ou seja, as unidades linguísticas tradicionalmente conhecidas como conjunções, e procurará demonstrar como especificamente os conectores da língua alemã que se enquadram nesta categoria podem ser organizados nos termos desse gradiente relacional.

2.2 A base conceitual da causalidade

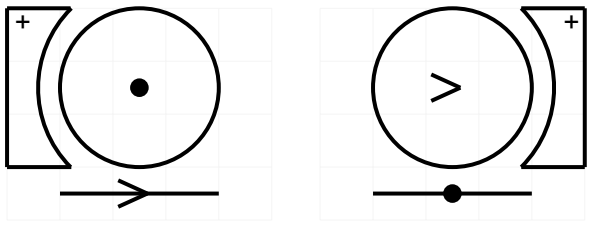
2.2.1 Dinâmica de forças na linguagem e na cognição

O sistema de dinâmica de forças foi introduzido primeiramente no estudo da linguagem e da Semântica Cognitiva por Leonard Talmy. Neste sistema, estuda-se de que maneira "entidades interagem com relação à força. Incluindo-se nesse contexto o exercício da força, a resistência a tal força, a superação desta resistência, o bloqueio da expressão de força, a remoção deste bloqueio, entre outros" (TALMY, 2000a, p. 409). Trata-se, portanto, de uma generalização da categoria dos *causativos* e analisa a causalidade por meio de primitivos mais refinados. Estes primitivos fundamentam-se diretamente na experiência humana à respeito da interação entre entidades por meio de algum tipo de força física, mas que podem ser estendidos por meio de metáfora e servem à conceituação de situações psicológicas e sociais — ou seja, nas matrizes conceituais que envolvem os domínios epistêmico e deôntico.

Talmy (2000a, p. 409), defendendo a importância do estudo das dinâmicas de força no âmbito linguístico, ainda argumenta que este é um sistema que encontra expressão não apenas no nível gramatical — por meio das conjunções, preposições e outras classes lexicais fechadas como os verbos modais —, mas também é codificado em classes lexicais abertas em que situações psicológicas e sociais, ou seja, envolvendo pressões psicossociais, são conceituadas. Além disso, dinâmicas de força podem ser vistas atuando na organização discursiva ao direcionar padrões de argumentação e direcionar expectativas discursivas ou sua quebra. A dinâmica de forças, sendo uma generalização dos causativos parece ser, portanto, um fenômeno ubíquo na organização linguística e em seu uso, sendo congruente com a constatação de Shibatani (2002, p. 1) que aponta para o fato de que virtualmente todas as línguas dispõem de meios para codificar a causalidade e que esses meios encontram-se nos mais diversos níveis de representação linguística.

A dinâmica de forças constitui-se, dessa maneira, como uma forma de generalização (via abstração) dos elementos envolvidos numa interação de forças. No contexto da Semântica Cogntiva, com forte tendência à representação imagística dos componentes da conceituação, Talmy (2000a, p. 414) desenvolve um sistema de representação em que são organizados diferentes componentes dos padrões de dinâmica de forças. Em primeiro lugar, dá-se destaque para as chamadas **entidades de força**, ou seja, as entidades que interagem em relação a uma determinada situação de transmissão de forças: representado por uma circunferência, o **agonista** é aquela entidade que apresenta uma determinada tendência (ao repouso ou à ação); enquanto o **antagonista**, representado por uma figura côncava, é aquela entidade que opõe-se à **tendência de força intrínseca** do agonista. A tendência ao repouso é indicada por um pequeno círculo negro, enquanto a tendência à ação indica-se por meio de uma ponteira de seta para a direita, ambos aparecem no centro da circunferência que representa o agonista. Da interação entre a força do agonista e do antagonista, surgem as chamadas **resultantes da interação de forças** que indicam como se comportam as entidades envolvidas após a transferência de forças: o segmento

de reta com uma ponteira de seta para a direita em seu meio indica que a interação leva a uma ação do agonista; um segmento de reta com um pequeno círculo negro em seu meio indica, por sua vez, que a resultante é o repouso do agonista. Por fim, um sinal de mais (+) indica qual das entidades da interação é mais forte. Um exemplo de como esses componentes podem ser combinados encontra-se na Figura 2, abaixo:



(a) CAUSAR (b) CESSAR

Figura 2 – Padrões básicos de dinâmica de forças padrão para a causalidade (TALMY, 2000a, p. 415)

O padrão representado pela Figura 2(a) ilustra a interação de forças cuja resultante é a causatividade estendida à causação de movimento. Neste padrão, um agonista mais fraco e cuja tendência de força intrínseca é ao repouso interage com um antagonista mais forte. Resulta dessa interação que o antagonista força o agonista à ação e, pensando num sentido físico, ao movimento. Portanto, este padrão configura-se como um caso particular de causatividade em que o que está em jogo é a capacidade do antagonista de, por meio da transferência de força, colocar o agonista em algum tipo de ação, diferente de seu estado de repouso inicial. O padrão representado pela Figura 2(b), por sua vez, ilustra a interação de forças cuja resultante é a causatividade estendida à causação de repouso. Neste padrão, entretanto, um agonista mais fraco tende à ação e ao movimento, mas é novamente confrontado por um antagonista mais forte. Dessa vez, porém, resulta da interação de forças que o antagonista bloqueia a tendência do agonista à ação, fazendo cessar seu movimento.

Embora apresentem tendências opostas — o primeiro padrão, ao movimento e o segundo, ao repouso —, é possível, todavia, elencar algumas características comuns a ambos os padrões. Trata-se de casos em que o antagonista, sendo mais forte, produz uma mudança na tendência intrínseca de força do agonista. Isto pode ser aplicado tanto a casos em que elementos da natureza atuam sobre objetos, sendo ambos desprovidos de características volicionais como o vento que faz cair uma folha ou uma pedra no caminho que bloqueia o movimento de uma bola; quanto a casos em que existe um agente volicional exercendo força para mudar uma faceta do objeto, como a criança faz rolar a bola com um chute ou seu irmão que deliberadamente bloqueia movimento da bola em direção ao gol. O sistema de dinâmica de forças, embora essencialmente baseado no exercício de força no domínio físico e não volicional, pode ser estendido para abranger aqueles casos em que um agente volicional atua como antagonista na mudança de tendência intrínseca de força de um agonista.

2.2.2 Causa e condicionalidade

Embora não mencionem diretamente a expressão *base conceitual* em seu artigo, Pander Maat & Degand (2001) servem-se de uma definição básica de causalidade como ponto de partida para o gradiente relacional da causalidade. Interessantemente, utilizam-se de uma definição filosófica de causalidade, mesmo que já estivesse disponível à época os trabalhos de Talmy (1988) sobre os sistemas de dinâmica de forças e sua relação com a causalidade. Ao invés disso, os autores preferiram utilizar-se da definição de causa desenvolvida por Mackie (1965) que determina que pode ser chamada de *causa* aquela condição que seja uma *parte insuficiente, mas necessária de uma condição desnecessária, mas suficiente*, ou seja, diante de uma ocorrência que possa ser considerada um efeito, sua causa será aquela condição em conjunto com outras que poderiam propiciar o surgimento daquele efeito.

Certamente, a dinâmica de forças pode ser considerada um caso particular da definição de Mackie (1965), dado que a interação entre corpos e a tranferência de forças entre eles pode ser vista como uma condição que, em conjunto com outras condições favoráveis do entorno, permite que se chegue a um determinado efeito — pretendido ou não. Entretanto, é preciso ter em mente que a definição de Mackie para a causalidade pauta-se essencialmente no desenvolvimento de um formalismo para a investigação e descoberta de causas para determinados eventos no mundo físico; não se trata de uma abordagem voltada para como a cognição humana apreende, esquematiza e categoriza a relação causal, mas como é possível, dentro de um determinado contexto, averiguar quais são as causas para determinados eventos, independetemente das possibilidades de expressão linguística ou conceitual.

Portanto, embora os autores do estudo original deem preferência a definição de Mackie (e isso será respeitado ao longo da réplica de seu estudo e da análise dos dados), o autor do presente trabalho argumenta que seria mais prudente ao analista da causalidade desenvolver uma abordagem que leve em consideração a causalidade como resultado da interação de corpos em um sistema de forças que possibilita também a extensão de seu uso para domínios mais abstratos como a estrutura psicológica humana e as interações sociais. É mais prudente porque baseia-se em princípios da Semântica Cognitiva e desenvolve-se a partir da averiguação de que a causalidade surge na cognição humana por meio da abstração e esquematização de experiências do tipo em que há transferência de forças entre as entidades que lhes permitem causar, cessar, impedir ou mediar a ocorrência de determinados fatos.

Havendo brevemente elaborado descrições das possíveis bases conceituais que podem ser utilizadas para o estudo cognitivo da causalidade, a seção a seguir apresenta os meios de interação entre o conceituador da relação de causa, o sujeito de consciência, e a base conceitual da causalidade, além de descrever de que maneira são geradas as diferentes relações que estão disponíveis no gradiente relacional proposto por Pander Maat & Degand (2001).

2.3 O gradiente causal e suas bases teóricas

2.3.1 O sujeito de consciência

O sujeito de consciência desempenha um papel crucial no estudo da causalidade a partir da perspectiva de Pander Maat & Degand (2001). Em princípio, ele nada mais é do que a mente responsável por entreter uma conceituação. Em seu caso prototípico, o sujeito de consciência é o próprio falante; mas, segundo Sanders & Spooren (1997, p. 85), é possível que diferentes sujeitos de consciência seja acomodados em uma determinada conceituação ou a própria conceituação pode ser elaborada a partir do ponto de vista de um outro sujeito de consciência. Trata-se essencialmente de uma questão de perspectiva. Os autores apontam para a possibilidade de que um sujeito de consciência ceda espaço para que a conceituação se processe a partir do ponto de vista de outros conceituadores, de maneira que o primeiro permanece implícito, no pano de fundo da conceituação. Essa construção implícita de um sujeito de consciência em detrimento de outro, cuja perspectiva é privilegiada, é uma manifestação clara de um processo de estruturação conceitual conhecido na literatura da Gramática Cognitiva como **alinhamento subjetividade/objetividade** que será exposto na subseção seguinte.

2.3.2 O alinhamento subjetividade/objetividade

Uma vertente de pesquisa promissora envolvendo a temática da subjetividade é a elaborada por Langacker também ao longo dos últimos trinta anos. Trata-se de uma abordagem primariamente sincrônica, embora Langacker (1990, 1991) demonstre que seu emprego para a explanação de fenômenos relacionados aos processos diacrônicos de gramaticalização não esteja excluído. A proposta desenvolvida pelo autor alicerça-se essencialmente em sua Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991) e tem como ponto de partida o pressuposto de que todas as estruturas gramaticais de um sistema linguístico possuem carga semântica, ao invés de formar um sistema autônomo e constituído por diversos níveis de representação — conforme sugerem as linhas formalistas, por exemplo. Antes, elas provêm à estruturação e à simbolização convencional dos conteúdos conceituais (LANGACKER, 2002, p. 1). Essas estruturas gramaticais refletem a capacidade humana de construir o conteúdo de um determinado domínio conceitual a partir de diferentes *arranjamentos focais* (*imagery*).

Numa primeira abordagem, Langacker (1987, p. 116–137) propõe uma tripartição[1] das diversas dimensões pertencentes aos arranjamentos focais, sendo elas: *seleção*, *perspectiva* e *abstração*. A primeira diz respeito à capacidade do falante de direcionar sua atenção para determinados aspectos da conceituação e ignorar outros. A segunda compreende as manifestações linguísticas da posição a partir da qual uma determinada situação é vista e construída, e divide-se em quatro outros elementos: (i) *alinhamento Figura/Fundo* (ii) *ponto de vista* (iii) *direcionalidade*

[1] A tradução para o Português aqui empregada para os elementos tanto da classificação tripartida quanto da quadripartida dos arranjamentos focais é proposta por Silva & Batoréo (2010, p. 233).

(iv) *objetividade/subjetividade*. Por fim, a terceira diz respeito à capacidade humana de encontrar semelhanças entre fenômenos distintos e, ao abstrair suas diferenças, organizá-los em categorias.

Entretanto, há de se notar que, em Langacker (2007, 2008), a classificação tripartida é substituída por uma classificação quadripartida: *especificidade*, *proeminência*, *perspectiva* e *dinamicidade*. Dado que o arranjamento focal da perspectiva permanece idêntico ao da classificação antiga, não entraremos em detalhes quando à reformulação. Conforme veremos a seguir, o fator relevante da perspectiva que nos concerne aqui é o fator (iv) *objetividade/subjetividade*, que apresentaremos em seus pormenores.

Para Langacker, a subjetividade é uma questão de como os fatores de *perspectiva* e o *ground* interagem entre si, ou seja, da maneira pela qual uma cena é vista e conceitualizada em relação à situação comunicativa, seus participantes e demais elementos configuracionais que a compõem, como o tempo e o espaço. Ele argumenta que, em princípio, "o significado de uma expressão contém elementos construídos tanto subjetiva quanto objetivamente", de forma que, levando-se em consideração a expressão como um todo, seu significado "não é nem subjetivo nem objetivo [...], são apenas alguns elementos em particular que são construídos de modo subjetivo ou objetivo" (LANGACKER, 2006, p. 18). Diante de tal cenário, ele afirma que

> [a]s noções de subjetividade e objetividade pertencem à **relação de perspectivação conceitual** entre um conceituador e a conceituação que ele estabelece, isto é, entre o **sujeito** e o **objeto da conceituação** [...]. No tangente a essa relação, uma estidade é dita ser construída **subjetivamente** à proporção que sua participação está confinada ao papel do sujeito, e **objetivamente** quando ela está limitada ao papel do objeto. Uma entidade construida subjetivamente é, portanto, parte do processo de conceituação ou do aparato em si, mas excluída do conteúdo da conceituação.[2] (LANGACKER, 1991, p. 215) [Tradução minha, grifos no original]

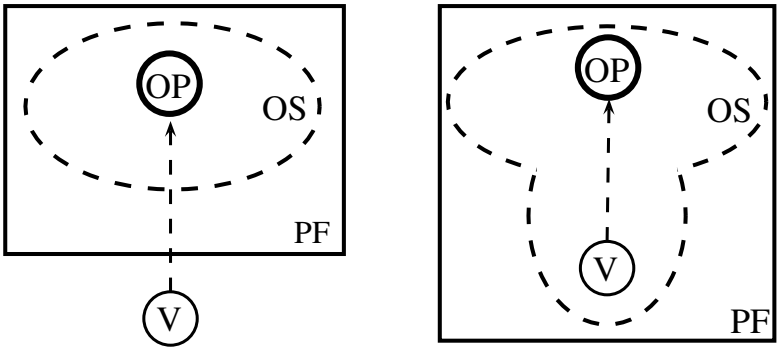
A *relação de perspectivação conceitual*[3] (*construal relationship*), elemento essencial para a construção teórica da subjetividade na abordagem de Langacker, é a relação entre um falante (ou ouvinte) e uma situação que é conceitualizada e retratada, e que envolve ajustamentos focais e imagéticos (LANGACKER, 1987, p. 487s.). O autor argumenta que toda expressão linguística estrutura em seu polo semântico uma determinada situação (ou cena) por meio de uma imagem particular e que esta imagem tem sua origem na relação de perspectivação conceitual, que se estabelece entre o conceituador de uma predicação linguística e a conceituação que constitui tal predicação (LANGACKER, 1987, p. 128).

[2] *No original*: The notions subjectivity and objectivity pertain to the **construal relation** between a conceitualizer and the conception he entertains, i.e. between the **subject** and the **object of conception** [...]. With respect to this relation, an entity is said to be construed **subjectively** to the extent that its participation is confined to the subject role, and **objectively** when it is limited to the object role. A subjectively construed entity is therefore part of the conceitualizing process or apparatus itself but excluded from the content of the conceitualization. [Grifos no original]

[3] Cf. Silva & Batoréo (2010, p. 233).

Com o intuito de exemplificar como se constrói a subjetividade a partir da relação de perspectivação conceitual, frequentemente o autor recorre à analogia com a relação perceptual da visão, como é o caso em Langacker (1987, 1990, 1991), e traça paralelos entre ambas.

Na relação perceptual, é possível distinguir três elementos essenciais: sujeito da relação perceptual, nesse caso um observador; o objeto dessa relação, ou seja, o objeto observado; e a relação perceptual propriamente dita. Estabelece-se, assim, uma assimetria relacional entre sujeito e objeto da relação de percepção, que remete a outras relações, e.g., a assimetria entre *figura* e *fundo*, *landmark* e *trajector*. A existência de tal assimetria deve-se essencialmente ao fato de que é o sujeito da relação quem percebe o objeto da relação, e este permanece inconsciente disso. Ademais, a assimetria é "maximizada quando o sujeito da relação perceptual encontra-se tão absorto com a experiência perceptual que perde toda a consciência de si" (LANGACKER, 1990, p. 7). No momento em que o sujeito da relação perceptual está inteiramente absorto em sua experiência, e, sendo o objeto dessa relação uma entidade bem delimitada e completamente distinta do sujeito, tem-se a situação designada por Langacker (1990, p. 7) como *arranjo ideal de visão* (*optimal viewing arrangement*), conforme esquematizado na figura 3(a) abaixo, em que **V** é o observador, **OP** é o objeto observado; a seta tracejada é a relação de percepção; o perímetro de traço contínuo (**PF**) é o campo total de percepção do observador; e o perímetro tracejado (**OS**) é a cena objetiva sobre a qual recai toda a atenção do observador Neste caso, o papel do sujeito da relação perceptual é construído com máxima subjetividade, enquanto o papel do objeto da relação é construído com máxima objetividade.



(a) Arranjo ideal de visão (b) Arranjo egocêntrico de visão

Figura 3 – Arranjos de visão (LANGACKER, 1990, p. 7)

Entretanto, são raras as vezes em que o subjeito da relação perceptual está absorto o bastante em sua experiência, a ponto de perder a consciência de si. Em geral, apesar de devotar grande parte de sua atenção ao objeto da relação perceptual, o sujeito permanece consciente de si e de seus arredores, como ilustra a figura 3(b) acima. Essa situação perceptual é denominada *arranjo egocêntrico de visão* (*egocentric viewing arrangement*) por Langacker (1990, p. 8). Neste arranjo, a cena objetiva (**OS**) é expandida para incluir os arredores do sujeito da relação perceptual e, em dados casos, até mesmo incluí-lo como possível objeto da relação. Neste caso,

o papel do sujeito da relação perceptual ganha em objetividade, enquanto o papel do objeto da relação ganha em subjetividade.

Baseado em como *perspectiva* e *ground* interagem entre si, ou seja, na maneira pela qual uma cena é vista e conceitualizada em relação à situação comunicativa, seus participantes e demais elementos configuracionais que a compõem, como o tempo e o espaço, o conceito de subjetividade de Langacker é, portanto, também uma questão de escala, em que apenas no arranjo ideal de visão é possível alcançar máxima subjetividade ou máxima objetividade, sendo que qualquer variação implicará a reestruturação do arranjo, de forma a aumentar ou diminuir o quanto um determinado elemento da relação é construído subjetiva ou objetivamente, o que leva o autor à seguinte formulação:

(1) **Subjetificação** (LANGACKER, 1991, p. 215):

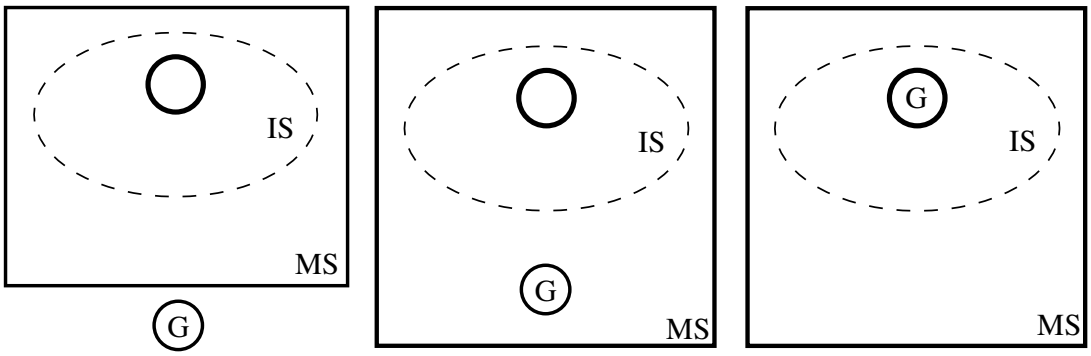
> *É a mudança ou extensão semântica por meio da qual uma entidade originalmente construída objetivamente recebe uma perspectivação conceitual mais subjetiva.*

Dito isso, é possível estabelecer, por meio de analogia, um paralelo direto entre a relação perceptual e a relação de perspectivação conceitual[4], utilizada para a construção de expressões linguísticas. A analogia vem à tona ao projetarmos a relação perceptual sobre a relação conceitual, dando origem à seguinte transposição: o sujeito da relação perpetual alinha-se com o conceituador, sendo este normalmente o falante (e, num segundo momento, o ouvinte) pode-se também associar esse elemento diretamente à situação comunicativa, ou seja, o *ground*; o objeto da relação perceptual é associado ao objeto conceitualizado; a região de máximo acesso perceptual pode ser identificada como o escopo máximo da relação de perspectivação conceitual, enquanto seu escopo imediato é equacionado com a cena objetiva.

Vejamos primeiramente como se dá a interação do *ground* com essa relação, da maneira como é descrita por Langacker (1990, p. 9s.). O primeiro caso a ser descrito surge a partir do arranjo ideal de visão e da substituição do observador pelo *ground*, é possível estabelecer um cenário em que tanto *ground* quanto o objeto conceitualizado encontram-se completamente separados e, portanto, gozando de máxima subjetividade e objetividade, respectivamente (figura 4(a)). Há, entretanto, a possibilidade de um segundo caso, em que a situação comunicativa, o *ground*, esteja inserida no escopo máximo do construto da relação e ser, dessa maneira, construído implicitamente em posição intermediária quanto ao grau de subjetividade/objetividade (figura 4(b)); há, nesse caso, a participação de elementos linguísticos que perfilam parcialmente o *ground*, conhecidos como quase-dêiticos: *ontem*, *na semana passada*, *no ano que vem*. O terceiro caso se constrói a partir da inserção completa da situação comunicativa no escopo imediato da relação, de tal forma que passe a ser identificada diretamente com o objeto conceitualizado (figura 4(c)); aqui

[4] Embora o próprio Langacker (1987, p. 130) alerte para o fato de que esse paralelo não indique necessariamente que a relação conceitual seja diretamente modelada a partir da relação perceptual, é clara a transposição de elementos via processos metafóricos e de mesclagem (FAUCONNIER, 1994).

são os deflagradores linguísticos dessa inserção os elementos dêiticos que perfilam diretamente o *ground*, como *aqui*, *agora*, *eu*, *você*. Há, portanto, três estágios de objetificação da situação comunicativa:



(a) Arranjo de visão ideal (b) Objetificação: Tipo 1 (c) Objetificação: Tipo 2

Figura 4 – Diferentes estágios da objetificação (LANGACKER, 1990, p. 10)

Fato é que a descrição esquemática deste processo muitas vezes leva a pensar que se trata de algo demasiadamente complexo e que sua manifestação linguística também implicaria tal complexidade. Entretanto, situações em que o *ground* é objetificado faz parte do uso cotidiano da língua e podem ser ilustradas pelos exemplos[5] abaixo. Em concordância com Pit (2003), isolaremos como objeto da descrição apenas um elemento do *ground*, a saber: o falante.

(2) The capital of the Netherlands is Amsterdam.
'*A capital dos Países Baixos é Amsterdã.*'

(3) Last night there was a fire across the street.
'*Noite passada houve um incêndio do outro lado da rua.*'

(4) I promise you that it will never happen again.
'*Eu te prometo que isso nunca mais vai acontecer.*'

O exemplo (2) corresponde à base da escala de subjetificação/objetificação. Tem-se aqui, segundo Langacker (1990) e confirmado por Pit (2003), o caso em que os elementos constituintes do *ground* são concebidos de maneira completamente subjetiva e, portanto, não são codificados linguisticamente no enunciado; desse modo, trata-se da codificação linguística que se enquadra na situação descrita pela figura 4(a). Com efeito, a afirmação de que Amsterdã é a capital dos Países Baixos é construída com máxima objetividade, já que descreve uma situação do "mundo real" que é completamente externa à situação comunicativa. A situação comunicativa e o falante são, portanto, construídos com máxima subjetividade.

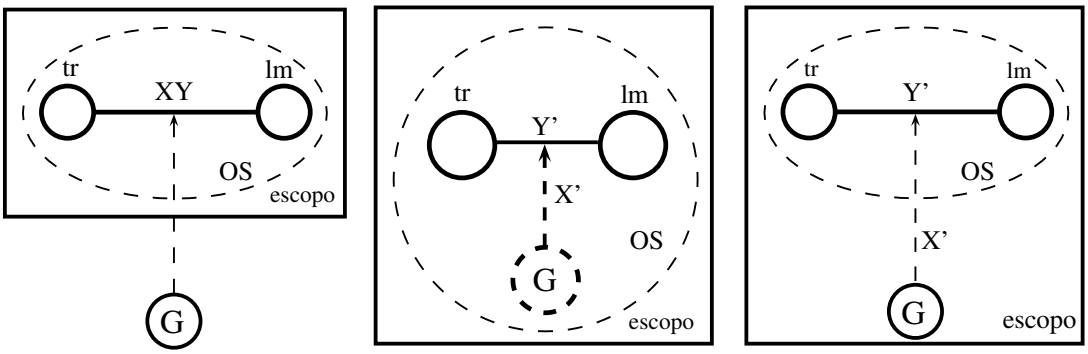
[5] Exemplos extraídos de Pit (2003, p. 94s.), Langacker (2000b, p. 301) e Langacker (1990, p. 11), respectivamente.

Por outro lado, a relação entre subjetividade e objetividade é, antes, uma questão de escala. O exemplo (3) ilustra o caso em que o *ground*, e consequentemente o falante, é construído a partir de uma posição intermediária na escala, correspondendo assim à figura 4(b). Relevante para determinar o grau de subjetificação/objetificação dos elementos do *ground* é o sintagma nominal *last night* que introduz uma informação de tempo. Para que esta informação temporal seja propriamente interpretada é preciso que ela seja ancorada em relação à localização temporal do falante no momento da enunciação, de tal maneira que *last night* é interpretado como sendo a codificação linguística que remete à noite anterior ao momento da enunciação. Uma vez que não há enunciação sem a presença de um falante, a ancoragem temporal também exige a sua presença para a interpretação do referido sintagma e do enunciado como um todo. Ainda que o *ground* e o falante sejam invocado apenas implicitamente, são indispensáveis para a interpretação do enunciado, já que servem de parâmetro para a ancoragem dos elementos quase-dêiticos ali presentes.

Alcançamos, por fim, o outro extremo da escala, em que que o *ground* e, consequentemente, o falante são completamente objetificados, ou seja, perdem completamente sua subjetividade; é o que ilustra o exemplo (4) que corresponde à figura 4(c). Nele são invocados explicitamente não apenas o próprio falante, mas também o ouvinte, por meio do uso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa do singular (*I*/*you*). Além disso, o uso do verbo performativo *promisse* torna o próprio ato de fala realizado pelo falante parte da construção linguística do enunciado. Dessa forma, os elementos constituintes do *ground* são construídos em termos linguísticos com máxima objetividade, já que fazem eles mesmos parte do enunciado e é exatamente sobre eles que recai o foco da atenção dos participantes da situação comunicativa.

Vejamos agora como se dá a interação entre a relação conceitual com a inserção do *ground* e a substituição do objeto conceitualizado por um predicado relacional, conforme descrito por Langacker (1991, p. 215s.). No primeiro caso, temos novamente a cena objetiva, em que a situação comunicativa **G** encontra-se externa à conceituação e, portanto, há a polarização entre máximas objetividade e subjetividade (figura 5(a)); na região em que outrora se encontrava uma única entidade servindo de objeto de conceituação, temos agora uma relação entre duas entidades, respectivamente assinadas como perfilando o *landmark* (**lm**) e o *trajector* (**tr**) dessa relação. Os índices **X** e **Y** assinalam facetas da relação entre o *landmark* e o *trajector* que, por estarem no escopo da cena objetiva, conformam o chamado *eixo objetivo*, já que não fazem qualquer referência à situação comunicativa, enquanto o *eixo subjetivo*, designado pela seta de traçado descontínuo, estabelece a relação entre a situação comunicativa **G** e a relação de perspectivação conceitual **XY**.

O primeiro caso de subjetificação corresponde à situação em que há a reorientação de alguma faceta da relação perfilada no eixo objetivo, de tal forma que ela passa a ser elemento constitutivo do eixo subjetivo (figura 5(c)). Digamos que os elementos que constituem a faceta **X** da relação entre o *landmark* (**lm**) e o *trajector* sejam reorientados para estabelecer uma relação entre o eixo objetivo, em que a faceta **Y'** ainda está ativa, e a situação comunicativa **G**. A nova



(a) Arranjo de visão ideal (b) Subjetificação: Tipo 1 (c) Subjetificação: Tipo 2

Figura 5 – Diferentes estágios da subjetificação (LANGACKER, 1991, p. 216)

faceta **X'** preserva suas características originais, porém perde em objetividade. Essa reorientação implica que a a faceta **X'** passa a ser ancorada na situação comunicativa **G**, o que leva à sua inclusão no escopo da predicação, tornando a situação comunicativa mais objetiva.

O segundo caso de subjetificação corresponde à situação em que subjetificação de **X'** é levada um passo adiante (figura 5(c)). A faceta **X'** é completamente associada à relação entre a situação comunicativa **G** e a relação que constitui o foco da cena objetiva, permitindo que a faceta **Y'** atue sozinha sobre o eixo objetivo da relação. Tem-se como resultado desse passo adiante no processo de subjetificação que tanto **G** quando **X'** continuam como elementos essenciais para a conceituação da relação objetiva, mas permanecem fora do foco da cena objetiva e, portanto, não são perfilados. Vejamos a seguir como esses fenômenos se manifestam em termos linguísticos[6]:

(5) To my opinion, this is a nice book.
'*Na minha opinião, este é um livro legal.*'

(6) This is a nice book.
'*Este é um livro legal.*'

(2) The capital of the Netherlands is Amsterdam.
'*A capital dos Países Baixos é Amsterdã.*'

Seguindo a interpretação de Pit (2003), isolaremos novamente um único elemento do *ground* para a demonstração das escalas de subjetificação, conforme nos exemplos (5), (6) e (2). Esse elemento isolado será novamente o falante. Se recordarmos a definição corriqueira de subjetividade, teremos que inevitavelmente considerar o exemplo (5) o mais subjetivo; afinal, nele faz-se referência direta à opinião do falante. Entretanto, este não é o caso, já que relevante para a análise de Langacker, no tangente à subjetividade, é a perspectiva pela qual um determinado elemento do enunciado é construído linguisticamente. Por isso, o exemplo (5) reflete o caso em

[6] Exemplos extraídos de Pit (2003, p. 94s.).

que o falante é construído da maneira objetiva, o que resulta em uma construção mais subjetiva dos demais elementos da conceituação. É o que indica a figura 5(c), em que não apenas a conceituação encontra-se no foco da atenção do conceituador (o falante), mas ele próprio faz parte da relação.

Por conseguinte, o exemplo (6), no que concerne à construção do falante, representa um caso intermediário na escala de subjetificação (vide figura 5(b)), uma vez que não se faz menção explícita ao falante. Há de se notar, entretanto, que o adjetivo *nice* representa aqui um julgamento realizado pelo falante e, por meio deste, atribui uma determinada característica à entidade codificada pelo sintagma nominal *this book*. Dessa maneira, tem-se aqui uma situação semelhante àquela do exemplo (3): o falante não consta explicitamente expresso no enunciado, mas serve de parâmetro para a interpretação de elementos contidos na sua conceituação.

Retornamos, por fim, ao exemplo (2), correspondente à base da escala de subjetificação/objetificação e representado pela figura 5(a), e já mencionado acima. Havíamos também mencionado que aqui a construção da conceituação era maximamente objetiva, o que implica que nenhum traço da presença do falante pode ser identificado. Dessa maneira, o falante é construído com máxima subjetividade.

Portanto, na abordagem de Langacker, toma-se por base o quanto o chamado *ground*, a situação comunicativa, em especial seus participantes e demais configurações que a compõem, está presente em uma determinada expressão linguística: o objeto ou evento descrito é maximamente objetivo se o *ground* está completamente implícito na expressão; dessa forma, sua respectiva objetividade e subjetividade diminuem à medida que a presença do *ground* e de seus elementos aumenta na expressão.

2.3.3 Relações causais e seus subtipos

Após termos apresentado, na seção anterior, a base teórica para o processo de subjetificação, passamos agora à apresentação e descrição de importantes desdobramentos da subjetificação. Alguns elementos já foram introduzidos na seção anterior, os demais serão introduzidos aqui e examinados à luz da literatura em forma de breve resenha. Nosso principal objetivo é apresentar os instrumentos teóricos necessários à abordagem alternativa de classificação dos conectores oracionais causais inaugurada por Pander Maat & Sanders (2000, 2001) e Pander Maat & Degand (2001).

Essa abordagem alternativa resulta de anos de pesquisa sobre relações de coerência textual que remontam os trabalhos de Sanders *et al.* (1992, 1993) e encontram-se alicerçadas nas linhagens teóricas cognitivo-funcionais. A proposta de uma abordagem que partisse de uma escala de envolvimento do falante como marco para a classificação das relações causais foi formulada inicialmente para o holandês e desde suas primeiras versões tem pretensões à validade translinguística, o que a levou a ser testada em estudos comparativos com o francês; posteriormente, surgiram estudos contrastivos entre as duas línguas iniciais e o alemão elaborados por Pit (2003,

2007). Por fim, Fagard & Degand (2010) desenvolveram análises contrastivas entre o francês e o italiano, e Dancygier (2009) para o inglês, o polonês e o holandês.

A escala de envolvimento do falante a ser introduzida nessa seção é parte do arcabouço teórico desenvolvido na abordagem de Pander Maat & Sanders (2000, 2001) e Pander Maat & Degand (2001) como alternativa à abordagem de Sweetser (1990) que se mostrava insuficiente para os conectores oracionais causais, pois a distinção entre os níveis de interpretação propostos pela autora (conteúdo, epistêmico e atos de fala) mostravam-se pouco úteis para a explicação de casos em que era possível mais de uma interpretação[7]. No modelo de Sweetser (1990), as relações causais dispõem-se da seguinte maneira[8]:

(7) John came back because he loved her. (Nível do Conteúdo)
'*John voltou porque ele a amava.*'

(8) The neighbors are not at home because the lights are out. (Nível Epistêmico)
'*Os vizinhos não estão em casa porque as luzes estão apagadas.*'

(9) Since you're so smart, when was George Washinton born? (Nível do Ato de Fala)
'*Já que você é tão espero assim, quando nasceu George Washinton?*'

No primeiro caso, é possível verificar que o amor causou o retorno; enquanto, no segundo, é a observação de que as luzes estão apagadas na casa dos vizinhos que oferece indícios que levam à conclusão de que eles não estão em casa. Finalmente, no terceiro caso, presume-se que a questão é motivada ou licenciada por parte do interlocutor que alega possuir inteligência superior. E justamente o primeiro exemplo oferece certo grau de dificuldade de análise, já que duas possibilidades de interpretação poderiam ser acionadas: a primeira corresponde à interpretação no nível do conteúdo, conforme aponta a autora da abordagem; por outro lado, haveria a possibilidade de supor que *John*, provido de suas faculdades mentais, decide-se por retornar e tem como motivação o seu amor. Romance à parte, a diferença entre ambas interpretações reside no fato de que a segunda leva em conta o protagonista da relação, *John*, em seu processo de decisão, ou seja, a sua função de sujeito de consciência, enquanto a primeira interpretação não o faz. Essa possibilidade de o falante infiltrar-se no processo de decisão do protagonista, tem como consequência, segundo Pander Maat & Degand (2001, p. 218), a exigência de que o falante assuma a perspectiva desse protagonista e se envolva na construção da relação causal.

Tais possibilidades de interpretações alternativas levaram os autores a elaborar uma nova abordagem para a descrição das relações causais que fosse pautada no grau de envolvimento do falante e de como este envolvimento pode afetar não apenas a interpretação dos segmentos causalmente conectados, mas também a própria seleção de conectores oracionais em determinados contextos. Essa abordagem alternativa, entretanto, não deve ser compreendida como uma

[7] Para uma discussão mais detalhada, ver Pander Maat & Sanders (2000, p. 59–63).
[8] Exemplos extraídos de Sanders & Sweetser (2009, p. 2).

tentativa de desqualificar a abordagem tripartida de Sweetser (1990), mas como uma reformulação e expansão desta. Posteriormente, em um volume datado de 2009, a própria autora adere à versão reformulada de sua abordagem, como é possível verificar em Sanders & Sweetser (2009) e Sanders *et al.* (2009).

Comecemos, portanto, a descrição da escala de envolvimento do falante. No texto inaugural da abordagem escalar, Pander Maat & Degand (2001) partem da hipótese de que as diferentes interpretações atribuídas às relações causais e os conectores envolvidos pudessem ser ordenados em uma escala de mínimo a máximo envolvimento do falante; sendo que *envolvimento do falante* refere-se ao grau de envolvimento implícito do falante na construção da relação causal (p. 214).

Embora elaborada estritamente para as relações causais, partimos do princípio aqui de que a escala de envolvimento do falante possa ser generalizada e considerada um construto autônomo válido para a análise de outras relações. Afinal, a escala depende do grau de envolvimento do falante e, consequentemente, do grau de explicitude deste, o que demonstra potencial de ser útil não apenas para a análise das demais relações introduzidas por conectores oracionais, mas também fenômenos linguísticos mais abrangentes. Entretanto, ater-nos-emos à aplicação direta às relações de causalidade.

A escala de envolvimento do falante, como apresentada em Pander Maat & Degand (2001), teve sua construção gerada a partir de um gradiente de relações causais em sua grande maioria emprestadas do trabalho de análise textual de Mann & Thompson (1988). Dessa maneira, os autores a apresentam da base para o topo. A presente descrição feita da escala parte da perspectiva parcialmente inversa, construindo os diferentes níveis do topo para a base, de maneira que poderemos diretamente utilizar os pressupostos teóricos da seção anterior para motivar os diferentes níveis da escala.

Conforme mencionado acima, uma escala que sirva adequadamente à descrição do grau de envolvimento do falante deve levar em consideração não apenas o fator *envolvimento*, mas também o grau de explicitude deste falante. Para isso, o primeiro parâmetro a ser considerado é a relação entre o *sujeito de consciência* (*SdC*) e o falante, que determinará o quanto o falante se engaja na elaboração de uma determinada relação; o segundo parâmetro é o grau de explicitude com que este falante é construído na expressão linguística que codifica a relação estabelecida pelo *SdC*, o que está diretamente ligado ao grau de subjetificação desta em face do falante.

Assim, é possível prever três cenários básicos: (i) o falante está minimamente envolvido na conceituação da relação causal, (ii) o falante dispõe de envolvimento intermediário na conceituação e progressivamente maior do que no caso anterior, ou (iii) o falante é dispõe de elevado grau de envolvimento. Uma vez determinado o estatuto de envolvimento do falante, passa-se ao próximo nível da escala, em que se determina a relação entre *SdC* e o falante. Em (i) é oportuno distinguir entre duas possibilidades, uma direta e uma indireta: Ou o *SdC* está ausente e não participa diretamente da elaboração da conceituação da relação causal, de forma que sua função se restringe a apenas relatar uma situação causal que se realiza no chamado “mundo real”;

ou o *SdC* coincide com uma terceira pessoa e cria a posição inicial de uma faixa de transição que permitirá uma gradação interna entre a completa ausência do falante e a sua construção implícita. Em (ii), duas possibilidade podem ser descritas: Ou o falante é construído implicitamente e o *SdC* coincide com uma terceira pessoa, ou o falante é construído implicitamente e coincide com o *SdC*. Por sua vez, em (iii), a única possibilidade restante é a que o falante é construído com diferentes graus de explicitude e coincide com a face do *SdC*, sendo o agente locucionário (cf. Sanders & Spooren, 1997, p. 85).

Neste momento, é preciso recordar a discussão sobre perspectivação e subjetificação, no final da seção anterior. Havíamos chegado à conclusão de que existem casos em que o *SdC* não estava alinhado junto ao falante, mas a presença deste era essencial para a construção de certos pontos de vista. Esses casos são aqueles em que o falante relata o discurso alheio A questão que surge nesse ponto é: A qual cenário estas situações estão submetidas? A solução parece decorrer daquela mesma discussão. Havíamos constatado que no discurso direto ocorria o apagamento total do falante, o que tornava sua construção maximamente subjetiva. No discurso indireto livre, a figura era um pouco diferente, o falante podia determinar o ponto de vista das relações temporais e a organização do sistema dêitico de pessoa, o que tornava o seu envolvimento necessário à interpretação do segmento e o retirava da posição de máxima subjetividade. Por fim, no discurso indireto, o falante ainda permanecia implícito, mas seu envolvimento crescia a partir da possibilidade de determinar elementos da dêixis temporal, espacial e pessoal. Temos, portanto, um cenário em posição intermediária, que apresenta características de situações tanto de quando o falante está ausente da relação, quanto de quando seu envolvimento está implícito, sem entretanto haver o alinhamento com *SdC*. Essa posição intermediária encaixa-se na faixa de transição mencionada no parágrafo anterior e diz respeito aos casos em que embora a relação causal seja estabelecida pelo *SdC*, o falante incorpora essa relação a seu discurso.

Pander Maat & Sanders (2000, 2001) apontam para o fato de que, com a exceção provavelmente dos casos em que o falante apenas relata uma relação causal encontrada no chamado "mundo real"; em certa medida, as relações causais tendem a ser estabelecidas por uma *mente*, ou seja, por um *sujeito de consciência*, o que é condizente com a constatação de Meyer (2000, p. 11) de que as relações de causa que encontramos em nosso cotidiano não estão alocadas no mundo físico e objetivo; elas estão, antes, alocadas em nosso mundo social, constituindo, portanto um universo socialmente construído. O grau de envolvimento do falante na relação causal determina, portanto, o quanto o falante se responsabiliza pela construção causal, cede essa responsabilidade a outrem ou simplesmente a relata. Esta é a base para a elaboração de quatro critérios que determinam o gradiente de relações causais que completam os níveis inferiores da escala e que apresentaremos brevemente a seguir.

Uma vez determinado quais graus de envolvimento o falante pode assumir, passamos agora à descrição dos critérios introduzidos por Pander Maat & Degand (2001, p. 214) para estabelecer o gradiente de relações causais decorrentes do envolvimento do falante, já que partem do princípio de que o grau de envolvimento do falante aumenta progressivamente tanto na própria

relação causal quanto nos segmentos discursivos relacionados à medida que estes são construídos a partir de suposições e ações do falante. Segue a lista dos quatro critérios:

(10) **Critérios para o gradiente das relações causais** (Pander Maat & Degand, 2001):

(i) *Grau de envolvimento subjetivo de um participante consciente que pode, mas não necessariamente deve, ser o falante*;

(ii) *Grau de maior ou menor isomorfia com as relações causais do "mundo real"*;

(iii) *Grau de proximidade ou distância com o falante e o momento da enunciação*;

(iv) *Grau de variabilidade do envolvimento de um participante consciente; quanto mais implícito, mais subjetivo*.

O critério (i) indica, segundo os autores, que as relações causais podem ser caracterizadas em termos do grau que a relação implica o envolvimento de um participante consciente, ou seja, um *SdC*. Esse critério distingue entre a primeira relação causal do gradiente e as demais. A chamada *relação causal involuntária* não implicam o envolvimento de um *SdC*, enquanto as demais o fazem, seja esse *SdC* o próprio falante ou uma terceira pessoa.

O critério (ii) determina que o grau de semelhança entre as relações causais no chamado "mundo real" e as relações construídas por um *SdC*, o que distingue entre as relações *involuntárias* e *voluntárias*, e todas as demais. Ambas são consideradas representações isomórficas das relações causais no "mundo real", enquanto as relações epistêmicas causais representam casos de transposição da relação causal para o domínio mental do falante e envolvem seu conhecimento e processos de inferência; as relações epistêmicas não causais e entre atos de fala não estão relacionadas diretamente à causalidade no "mundo real". Elas constituem, no primeiro caso, um processo de inferência abdutiva entre as premissas da relação; enquanto, no segundo caso, inferências a partir do domínio social e têm por objetos as motivações para as ações do falante ou do ouvinte.

O critério (iii) determina que a relação causal pode ser alocada com diferentes graus de proximidade em relação ao falante e ao momento da enunciação. Esse critério diferencia entre as relações voluntárias, e epistêmicas e entre atos de fala, já que implicam progressivamente o aumento do envolvimento do falante e a proximidade com o momento da enunciação, podendo atingir a igualdade entre eles, em última instância.

O critério (iv), por fim, determina que o envolvimento do *SdC* pode variar em grau de explicitude. Evoca-se, dessa maneira, o processo de subjetificação cunhado por Langacker (1990) e determina-se que quanto mais implícita a construção do *SdC*, mais subjetiva ela é e serve, portanto, como ponto de referência implícito para a conceituação da relação causal.

Além de determinar o gradiente de relações causais, os presentes critérios também determinam a função dos participantes inseridos relação causal codificada, eis as possibilidades: *não-agente* (relação causal involuntária), *agente* (relação causal voluntária), *avaliador* (relações

epistêmicas) e *performador do ato de fala* (relações entre atos de fala). Vejamos a seguir com mais detalhes como podem ser caracterizadas as diferentes relações contidas no gradiente.

2.3.3.1 Relações causais involuntárias

Pander Maat & Degand (2001, p. 216) descrevem as relações causais involuntárias como sendo instanciadas por fatos objetivos, em que nenhum observador toma parte em seu desencadeamento. Diante da observação de Sanders & Spooren (1997, p. 85) que aponta para o fato de que, em essência, todo enunciado é minimamente subjetivo por estar vinculado à enunciação de um falante, os autores da abordagem escalar argumentam que no caso das relações causais involuntárias o falante assume um grau mínimo de envolvimento e restringe-se à posição de relator dos fatos e, dessa forma, é construído com máxima subjetividade. Apesar disso, existe a possibilidade de que um protagonista envolvido no segmento discursivo conectado causalmente tenha potencial para se qualificar como *SdC* da relação causal, como em (11):

(11) Monday his train to Amsterdam arrived at another platform. He got on the train to The Hage.[9]

'*Na segunda-feira, seu trem para Amsterdã chegou em outra plataforma. Ele pegou o trem para Haia.*'

O fato de que o trem que o participante dos segmentos em (11) costumeiramente toma para Amsterdã parou em outra plataforma que não a sua designada originalmente é a causa para o erro do protagonista que, desconhecendo a troca das plataformas, embarca no trem com destino a Haia. Como é possível perceber, o protagonista permanece completamente inconsciente da relação de causa reportada pelo falante. Portanto, diante da relação causal, o participante dispõe de função não-agentiva, pois ele não interfere em nenhum aspecto da relação, que se mantém inteiramente externa a ele.

De modo semelhante, mas sem a presença de um participante animado, o exemplo (12) demonstra o caráter não-agentivo dos elementos contidos numa relação de causa involuntária:

(12) There was landslides in Malibu last week. Four neighborhoods lost their electricity.[10]

'*Houve deslizamentos de terra em Malibu na semana passada. Quatro bairros ficaram sem eletrecidade.*'

O fato de os deslizamentos de terra terem provocado a falta de energia elétrica em quatro bairros de Malibu não encerra um participante capaz de desencadear uma relação causal por suas ações, dado que se trata de eventos naturais provocados sem a presença de um agente. Além disso, é importante ressaltar que relações involuntárias seguem um esquema temporal fixo em que a causa ocorre cronologicamente antes de seu efeito, como constatam Pander Maat & Degand

[9] Extraído de Stukker *et al.* (1999 *apud* Sanders & Degand 2001, p. 217).
[10] Extraído de Mann & Thompson (1986 apud Sanders & Degand, 2001, p. 217).

(2001, p. 217) que ainda apontam para a inexistência de vínculos temporais entre a relação causal e o momento da enunciação.

2.3.3.2 Relações causais voluntárias

Na instância das relações causais voluntárias, entram em cena determinados processos conscientes de tomada de decisão e raciocínio por parte de um protagonista envolvido no segmento conectado causalmente e que desempenha a função de agente. O processo de tomada de decisão e o de raciocínio por trás dele levam a concluir Pander Maat & Degand (2001, p. 218) que nas relações causais voluntárias o protagonista tem consciência das premissas envolvidas na relação de causa e dispõe delas para tomar suas decisões. Seguem alguns exemplos[11]:

(13) Ela foi embora porque era meia-noite.

(14) Ela deixou a festa mais cedo porque os convidados eram entediantes.

No caso do exemplo (13), é possível perceber que não se trata de uma situação em que o fato de ser meia-noite implica direta e necessariamente a partida da protagonista. Antes, é a representação mental que a protagonista faz desse fato que a leva a tomar a decisão de partir. Encerra-se aqui um processo de raciocínio e tomada de decisões por parte da protagonista que a qualifica como *SdC* e, portanto, capaz de agir.

Semelhantemente, no exemplo (14), o fato de que os demais convidados da festa serem entediantes não implica diretamente a causa para a partida da protagonista; antes, é o processo de raciocínio atribuído à protagonista que a leva a tomar a decisão de partir mais cedo da festa. Conforme apontam Pander Maat & Degand (2001, p. 218), a fim de evidenciar o processo de raciocínio da protagonista, o exemplo (14) poderia ser parafraseado da seguinte maneira:

(14)' Ela deixou a festa mais cedo porque achou que os convidados eram entediantes.

A partir desse ponto de vista, para reportar a presente relação causal, o falante precisa, conforme apontam os autores, adotar a perspectiva da protagonista e, em certa medida, envolver-se na relação causal a fim de ser capaz de representar sua consciência, o que não necessariamente implica que o falante deva conhecer o fluxo de pensamentos da protagonista em sua totalidade, a tomada de perspectiva pode ser realizada a partir da inferência de seus pensamentos a partir das ações empreendidas pela protagonista do segmento, já que ações são fatos que podem ser observados por outros participantes. Além disso, nas relações causais voluntárias, causa e efeito estão situados no domínio mental do protagonista e são, em parte, compartilhados como o falante, embora este possa não concordar com a posição do protagonista.

[11] Adaptado de Pander Maat & Degand (2001, p. 218).

2.3.3.3 Relações causais epistêmicas

Pander Maat & Degand (2001, p. 221) definem as relações causais epistêmicas como sendo aquelas relações em que o segmento que descreve uma causa no "mundo real" é empregada como premissa para derivar conclusões sobre seus efeitos no "mundo real". De modo semelhante às relações causais voluntárias, as relações causais epistêmicas implicam um processo de raciocínio por parte de seu protagonista. Todavia, enquanto no primeiro caso o que está em jogo são os processos de raciocínio e tomada de decisão que justificam determinadas ações do protagonista em relação à materialidade espaço-temporal do chamado "mundo real", no segundo caso o que está em jogo é o processo de raciocínio que leva a um determinado estado mental do protagonista, dessa vez, na posição de avaliador. Pander Maat & Degand (2001, p. 221) apontam que o papel de avaliador está ligado ao falante por *defaut* que pode estar construído implicitamente, como é o caso de (15):

(15) Como choveu muito por dois dias, a quadra de tênis deve estar impraticável.

Havendo, entretanto, divergência sobre a identidade do *SdC* na função de avaliador, então é preciso que essa divergência seja codificada explicitamente, como é o caso em (16):

(16) Como choveu muito por dois dias, Pedro imaginou que a quadra de tênis estaria impraticável.

Dois outros aspectos da relação causal epistêmica mencionados por Pander Maat & Degand (2001, p. 223) precisam ainda ser levados em conta. O primeiro diz respeito ao papel do falante como avaliador de uma determinada situação e cujo processo mental de raciocínio inclui a figura do ouvinte que supostamente pertence a um grupo de sujeitos de consciência também capazes de avaliar determinadas situações do "mundo real" e que aceita a premissa de que *choveu continuamente por dois dias* como argumento válido para a conclusão de que *a quadra está impraticável*, de forma que o falante assume que o ouvinte pertence a um grupo de *SdC*s avaliadores cuja aceitação dos argumentos do falante aumentam a probabilidade de suas conclusões estarem corretas. O segundo, por sua vez, trata do quanto o *SdC* da relação causal epistêmica está construído explicitamente; em geral, ele não está atrelado a um protagonista especificado na codificação linguística do segmento, mas sim a um protagonista contextualmente saliente, ou seja, ao falante e o grupo de *SdC*s avaliadores ao qual ele pertence.

2.3.3.4 Relações epistêmicas não-causais

Na sequência, Pander Maat & Degand (2001, p. 223) definem as relações epistêmicas não causais como sendo aquelas que, em contraste com as epistêmicas causais, a causalidade aparenta estar em ordem inversa à relação causal no "mundo real", ou seja, o efeito leva à causa; ou a causalidade simplesmente não desempenha qualquer papel relevante para o processo de

raciocínio. O primeiro caso pode ser verificado à luz do exemplo (17), abaixo:

(17) The barometer reading is falling, a storm is going occur.[12]
'*A leitura do barômetro está caindo, vai acontecer uma tempestade.*'

Tem-se aqui, conforme apontam Pander Maat & Degand (2001, p. 224), o chamado raciocínio abdutivo, em que o efeito no "mundo real" é invocado como argumento para derivar uma conclusão que, de fato, é a sua causa no "mundo real". Sabe-se que à iminência de uma tempestade provoca alterações nas condições climáticas locais que levam a variações da pressão atmosférica e, consequentemente, afetam as leituras registradas em um barômetro localizado nas proximidades. Dessa forma, ao verificar que um barômetro registra queda na pressão atmosférica local, infere-se que uma tempestade está se aproximando.

De modo semelhante é possível enquadrar o exemplo (18) no grupo das relações epistêmicas não-causais. Representa-se aqui o segundo caso possível para a origem dessa relação, ou seja, o raciocínio no qual a causalidade simplesmente não desempenha qualquer papel relevante, de forma que a relação entre argumento invocado e conclusão dele derivada dependem de outras variantes de pensamento inferencial:

(18) His older brother is very tall. He will probably be tall too.[13]
'*O irmão mais velho dele é muito alto. Ele provavelmente vai ser alto também.*'

Embora seja possível assumir que irmãos apresentem características semelhantes, essa semelhança não desempenha qualquer papel relevante, em termos de causalidade, para a relação entre o argumento e a conclusão à qual chega o falante. Fatores genéticos e condições de saúde poderiam, em princípio, ser qualificadas para determinar causalmente a relação entre irmãos de diferentes gerações. Porém, a simples observação de que o irmão mais velho é alto não se qualifica como argumento causal para a conclusão de que o irmão mais novo deva igualmente ser alto. Aqui, outros tipos de pensamento inferencial licenciam a construção do silogismo.

Por fim, Pander Maat & Degand (2001, p. 224) concluem que, enquanto as inferências causais simplesmente transportam uma ligação com o "mundo real" para o domínio inferencial, as inferências não-causais não podem ser consideradas como modeladas em termos de uma relação causal originada no "mundo real", embora muitas vezes tenham por base regularidades aferidas do "mundo real". Disso resulta que relações epistêmicas não-causais apresentam elevado grau de envolvimento do falante, uma vez que as inferências são completamente resultados de sua atividade mental enquanto sujeito de consciência.

[12] Adaptado de Woodward (2003, p. 14).
[13] Adaptado de Pander Maat & Degand (2001, p. 224).

2.3.3.5 Relações causais entre atos de fala

Até este ponto, as relações descritas por Pander Maat & Degand (2001) referiam-se a situações externas ao evento da enunciação, em que o falante desempenha o papel de entidade provida de faculdades mentais que lhe permitem conceituar a realidade externa em termos tanto causais quanto não-causais. Esta última categoria relacional evoca o falante em sua função de agente locucionário, ou seja, como performador de atos de fala.

Os autores assumem que as relações enquadradas neste grupo não representam processos de raciocínio e pensamento; antes, estabelecem conexões entre estruturas discursivas e tem efeito reativo às necessidades interacionais de um interlocutor específico ou em potencial (PANDER MAAT; DEGAND, 2001, p. 225). Essa categoria de relações implica um elevado envolvimento não apenas do falante, mas também do ouvinte, com quem o falante interage no evento da enunciação; ou seja, a díade comunicativa faz parte da conceituação da relação causal, ainda que não precise ser explicitamente mencionada.

Nesse contextos, os autores introduzem dois tipos de relação causal ligadas ao âmbito do discurso, que serão brevemente descritos abaixo e sobre os quais os autores postulam não haver diferenças intrínsecas no tangente ao envolvimento do falante nas duas variedades de relação.

Tipo 1: Motivação para um ato de fala Este primeiro tipo de relação causal entre atos de fala, defendem Pander Maat & Degand (2001, p. 225), baseia-se em suposições que precisam ser compartilhadas entre falante e ouvinte. Neste uso, trata-se de o falante buscando justificativas para alicerçar seu ato de fala e torná-los aceitável em um determinado contexto discursivo. Um exemplo desse tipo de relação é ilustrado em (19):

(19) Esse foi o valor preciso, o dinheiro que Eduardo Azeredo desviou criminosamente do IPSM. Desviou criminosamente. Por que afirmo isso? Porque ele não desviou somente as contribuições patronais, mas também os 8% dos segurados, Doutor Wilson.[14]

Neste exemplo, o falante procura justificar seu ato de fala, motivando-o por meio de um jogo de pergunta e resposta, com a finalidade de alicerçar suas investidas contra a *face* de seu interlocutor. Essas investidas contém acusações contra o cliente a quem seu interlocutor representa. Trata-se, portanto, de uma situação tensa entre os participantes da interação comunicativa e que precisa de constantes ajustes e intervenções para que os atos de fala realizados nesse contexto discursivo tornem-se passíveis de maior aceitação.

De modo semelhante, o exemplo (20) ilustra a situação em que a relação entre falante e ouvinte, ou melhor, escritor e leitor se dá indiretamente, via discurso escrito.

[14] Extraído de *JusBrasil*, disponível em: http://www.jusbrasil.com.br/diarios/44317879/al-mg-16-12-2012-pg-37 (Acesso em: 28/01/2013).

(20) Os prosadores devem ler bons poemas. Os poetas devem ler boa prosa. Digo isso porque tenho notado que a maioria dos prosadores não aprecia a arte poética, assim como a maioria dos poetas não aprecia a arte da prosa.[15]

Neste caso, o falante procura justificar suas sugestões sobre os hábitos de leitura de poetas e prosadores. Diante da possibilidade de suas afirmações soarem demasiadamente incisivas aos ouvidos de seus interlocutores em potencial, ele procura motivá-las apresentando evidências que suportem suas sugestões, de forma que seus sintam-se mais dispostos a aceitar o que é dito.

Tipo 2: Parafraseando um ato de fala Este segundo tipo de relação causal entre atos de fala estabelece-se, segundo Pander Maat & Degand (2001, p. 226), entre dois atos de fala em que o contexto discursivo licencia que o primeiro seja re-expresso pelo segundo, uma vez que sugerem inferências idênticas, mas que do ponto de vista do ouvinte são desconhecidas. Dessa forma, a paráfrase tem a função de elucidar referências que possivelmente não sejam compreendidas pelo ouvinte. Vejamos:

(21) Para que ganhar as eleições no primeiro turno é preciso obter a maioria absoluta (mais de cinquenta porcento) dos votos válidos.

Por meio da inserção do ato de fala parentético expresso por *mais de cinquenta porcento*, o falante pretende elucidar ao ouvinte o que deve ser entendido por *maioria absoluta*. O efeito desse tipo de ato de fala só é válido se o ouvinte de fato não dispõe do conhecimento de que o ato de fala original e sua paráfrase são equivalentes.

[15] Extraído de VEJA *online*, disponível em: http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/tag/dicas-para-ser-um-escritor/ (Acesso em: 28/01/2013).

3 Fundamentos metodológicos

O presente capítulo visa a descrição dos procedimentos metodológicos que pautam a análise a ser empreendida por este projeto de pesquisa. Primeiramente, na seção 3.2 serão caracterizados os *corpora* que servem de fonte de dados para a análise. Em seguida, a seção 3.3 descreverá quais foram os critérios de seleção das ocorrências para os *corpora* de língua alemã e de língua portuguesa. A seção 3.4, por sua vez, descreve como serão os procedimentos de coleta de dados relevantes para a pesquisa.

3.1 Aspectos gerais

Tendo em mente que conectores oracionais são expressões linguísticas capazes de criar coerência e considerando seu papel para a construção e entendimento do texto, este trabalho orienta-se essencialmente por meio da organização dos aspectos semânticos e pragmáticos que decorrem das relações expressas por meio dos conectores oracionais ao longo do texto.

Preferiu-se para a constituição dos *corpora* de pesquisa textos jornalísticos oriundos de periódicos alemães e brasileiros. Esses textos têm a função de veicular notícias sobre os mais diversos temas, opiniões (sejam elas dos próprios leitores, de jornalistas profissionais ou de especialistas de uma determinada área do conhecimento), procura-se levar em consideração tanto a perspectiva do escritor que produz o texto e codifica as relações nele contidas, para transmitir com eficiência ao leitor essas informações e opiniões; quanto o processo de decodificação e entendimento por parte do leitor. Some-se a isso a consideração de que:

> [a]s informações contidas em um jornal são publicadas tendo em vista um determinado público receptor. O leitor ideal é aquele que escolhe o veículo de comunicação adequado às suas necessidades. *O jornal baseia sua organização informativa visando esse leitor ideal. A facilidade e o detalhamento das informações, a variação e delimitação de assuntos,* (...)*, e a objetividade pretendida são adequadas a esse leitor.* [grifo meu] Daí surge a concepção de linguagem jornalística como minuciosa construção textual, já que ser um leitor de jornal remete à idéia de imersão em [...] *ideologias por onde transitam a concepção de verdadeiro e mesmo de verossímil* [...]. *Assim, inserido em um processo comunicativo, o leitor estará conseqüentemente integrado em um discurso com finalidades persuasivas que se estabelecem através da mediação de fatos e acontecimentos* [grifo meu]. (REIS JÚNIOR, 2008, 192)

E, por isso, a codificação explícita das relações de causa estaria ligada à seleção e distribuição das informações — tanto aquelas que o escritor considera novas para o leitor, quanto aquelas que acredita ser de domínio deste — apresentadas no texto, para, desse modo, articular as finalidades persuasivas estabelecidas, por meio da mediação dos fatos acontecidos, entre

a composição do artigo ou matéria e a transmissão para o público; e, assim, construir uma *representação de mundo* verossímil a quem se detém com sua leitura. Daí a escolha do texto jornalístico, pois este constitui um campo fértil para pesquisas acerca do uso das conjunções causais como auxiliares da construção da coerência textual e na distribuição da informação oferecida ao leitor ao longo do desenvolvimento do texto.

3.2 Caracterização do objeto de estudo

São objeto de estudo do presente trabalho os chamados conectores oracionais sintáticos da língua alemã. Sob este rótulo podem ser incluídos tanto aqueles conectores convencionalmente denominados *conjunções* como também aqueles conhecidos por *locuções conjuntivas*. No inventário apresentado pela gramática Duden (2009) são listados os seguintes conectores:

(1) **Conectores sintáticos causais no Alemão** (DUDEN, 2009):

a. Conectores simples: *weil*, *da*, *denn*;

b. Locuções conjuntivas: *um so... als*; *um so mehr als*; *um so weniger*; *zumal* (*da*); *insofern ... als*.

Os conectores simples podem ser considerados os mais prototípicos para a introdução de relações de causa, conforme sugerem também Buscha (1989), Zifonun *et al.* (1997) e Weinrich (2007) na seleção e organização dos conectores causais da língua alemã; os demais conectores, ou melhor, locuções conjuntivas — já que formadas por mais de uma unidade lexical —, ainda que disponíveis, conformam um grupo periférico, que têm uso menos frequente e restrito. São de interesse neste trabalho apenas os conectores oracionais simples cuja circunvizinhança sintática pode ser esquematicamente representada como abaixo:

(2) [*Argumento Externo* [**Conector** [*Argumento Interno*]]]

a. Oração-matriz – Adjunto

b. [Núcleo – Complemento]

Neste estudo será dada atenção exclusivamente aos conectores simples, ou seja, dos subjuntores *da* e *weil*, e do conjuntor *denn*; por isso, é interessante apresentar algumas das características mais essenciais aos três conectores em foco, de modo da estabelecer as diferenças nas condições de uso para cada um deles e identificar possíveis sobreposições entre elas. É importante ressaltar que este trabalho não argumentará em favor de uma segmentação das condições de uso dos conectores de forma a estabelecer condições únicas e exclusivas para cada um; as condições de uso serão, antes, consideradas mais fluidas, de modo que os três conectores canônicos do Alemão não sejam analisados como mutuamente excludentes, mas como elementos em um contínuo em que cada um é prototípico, mas não necessariamente exclusivo, sob determinadas circunstâncias

comunicativas.

O primeiro passo aqui será determinar algumas das principais condições de uso dos conectores, a começar por *da*. O subjuntor *da*, à semelhança dos demais subjuntores da língua alemã, serve-se da tipologia oracional SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) para organizar os constituintes de seu sintagma, ou seja, de seu argumento interno; embora não haja qualquer influência sobre seu argumento externo. Além disso, por se tratar de um predicador que introduz uma relação bivalente (critério iii), o conector causal *da* atribui a seus argumentos os papéis temáticos CAUSA e EFEITO, ao interno e ao externo respectivamente.

(3) a. $\left[_{\text{Arg.Ext.}}\ \textsc{Efeito},\ \left[\textbf{da}\ \left[_{\text{Arg.Int.}}\ \textsc{Causa}\right]\right]\right]$

b. $\left[\left[\textbf{Da}\ \left[_{\text{Arg.Int.}}\ \textsc{Causa}\right]\right],\ \textsc{Efeito}\ \ _{\text{Arg.Ext.}}\right]$

Assim como mencionado acima, o subjuntor *da*, devido às duas propriedades sintáticas, permite uma dupla disposição linear, como mostram as esquematizações em (3). Dessa forma, *da* introduz uma relação de causa em que seu argumento interno causa o argumento externo (relação de causa em *strito sensu*).

Entretanto, apesar de ambas as linearizações estarem disponíveis para o subjuntor *da*, Buscha (1989, p. 54) e Weinrich (2007, p. 758) apontam para o fato de que *da* aparecerá preferivelmente — mas não exclusivamente — com o padrão linear (3-b), em especial em registros de alto grau de formalidade na língua escrita em contexto científico-acadêmico; enquanto linearizações no formato de (3-a) deverão ser assumidas pelo subjuntor *weil*, como será exposto adiante.

O conjuntor *denn*, por sua vez, à semelhança dos demais conjuntores da língua alemã, serve-se da tipologia oracional SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) para organizar os constituintes de seu sintagma, ou seja, daquele que se convencionalizou denominar como seu argumento interno; também não exerce qualquer influência sobre a forma de seu argumento externo. Além disso, por também se tratar de um predicador que introduz uma relação bivalente, o conjuntor causal *denn* atribui a seus argumentos os papéis temáticos CAUSA e EFEITO, respectivamente ao interno e ao externo, como ilustrado em :

(4) $\left[_{\text{Arg.Ext.}}\textsc{Efeito}\right]\ \textbf{denn}\ \left[_{\text{Arg.Int.}}\textsc{Causa}\right]$

Como já foi mencionado anteriormente, no caso dos conjuntores a relação entre as partes conectadas se dá de maneira meramente linear, não havendo entre os argumentos de *denn* uma relação hierárquica e, portanto, sem a interferência de *denn* sobre a posição dos sintagmas. Buscha (1989, p. 67) e Weinrich (2007, p. 760) apontam para o fato de que *denn* aparecerá exclusivamente com o padrão linear, não sendo possível qualquer forma de deslocamento.

Por fim, o subjuntor *weil*, também à semelhança dos demais subjuntores da língua alemã, serve-se da tipologia oracional SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) para organizar os constituintes de seu sintagma, ou seja, de seu argumento interno; embora não haja qualquer influência sobre seu argumento externo. Além disso, por se tratar de um predicador que introduz uma relação bivalente, o conector causal *weil* atribui a seus argumentos os papéis temáticos CAUSA e EFEITO, ao interno e ao externo respectivamente, conforme ilustrado em :

(5) a. $\left[_{\text{Arg.Ext.}}\ \textsc{Efeito},\ \left[\textbf{weil}\ \left[_{\text{Arg.Int.}}\ \textsc{Causa}\right]\right]\right]$

b. $\left[\left[\textbf{Weil}\ \left[_{\text{Arg.Int.}}\ \textsc{Causa}\right]\right],\ \textsc{Efeito}\ \ _{\text{Arg.Ext.}}\right]$

Conforme mencionado na descrição de *da*, também o subjuntor *weil*, devido às duas propriedades sintáticas, licencia uma dupla disposição linear de seus argumentos, como mostram as esquematizações acima.

Vale, entretanto, lembrar que, apesar de ambas as linearizações estarem disponíveis para o subjuntor *weil*, Buscha (1989, p. 54) e Weinrich (2007, p. 758) incluem como critério para a diferenciação de *da* e *weil* o fato de que a oração introduzida por *weil* aparecerá preferivelmente, mas não exclusivamente, posposta à oração principal.

3.3 Caracterização do *corpus*

O *corpus* de língua alemã constitui-se de cento e cinquenta ocorrências, oriundas de textos jornalísticos de diferentes temáticas; sendo, dessa forma, cinquenta textos para cada conector oracional causal da língua alemã, respectivamente: *da*, *denn* e *weil*. Quanto à origem das ocorrências do *corpus*, foram selecionados textos publicados entre os meses de janeiro e julho de 2012 do seguinte jornal (entre parênteses a sigla por meio da qual o periódico será identificado ao longo do trabalho):

– Hannoversche Allgemeine Zeitung (HAZ12)

Uma vez que o acesso a um número relativamente grande de edições físicas de periódicos alemães, especialmente quando se trata de jornais, em território brasileiro é relativamente difícil, preferiu-se construir o *corpus* a ser analisado neste trabalho utilizando a ferramenta digital de pesquisa e elaboração de *corpora* COSMAS II[1], desenvolvida pelo *Institut für deutsche Sprache* (IDS), com sede em Mannheim. A pesquisa pelos excertos foi realizada através da interface gráfica do programa. As sintaxes de busca foram orientadas para levar em conta o posicionamento das conjunções em relação à pontuação nos limites externos dos períodos. Os critérios que pautaram a busca e seleção dos dados que formam o *corpus* de língua alemã serão descritos na próxima seção.

[1] **Co**rpus **S**earch, **M**anagement and **A**nalysis **S**ystem, versão 3.2. O *software* e sua documentação encontram-se disponíveis para download em: `http://www.ids-mannheim.de/cosmas2/win-app/`

3.4 Critérios de seleção

Passa-se, neste momento, à descrição dos critérios de seleção que nortearam a construção dos *corpora* utilizados para a análise contrastiva proposta pelo presente projeto de pesquisa. Além disso, são descritos os algoritmos de buscar utilizados e os procedimentos necessários para refinar de busca, uma vez que a seleção muitas vezes se deu, em um primeiro momento, com a ajuda de ferramentas de busca e, em um momento seguinte, empreendeu-se uma rotina de avaliação da circunvizinhança linear das ocorrências para que constassem nos *corpora* apenas aquelas ocorrências que estivessem de acordo com os critérios estabelecidos para a busca. Dado que foram necessários procedimentos diferentes para cada língua, a descrição também foi dividida em duas etapas.

Conforme já mencionado, a elaboração dos critérios de seleção seguiu diferentes procedimentos. Para a seleção das ocorrências que constituem o *corpus* de língua alemã foram utilizados dois procedimentos básicos.

O primeiro constituiu-se a partir de uma busca por meio da ferramenta Cosmas II em que foram levados em consideração parâmetros relativos à posição dos conectores oracionais sintáticos em relação à estrutura linear do texto; ou seja, uma vez que os conectores oracionais desse tipo encontram-se, na língua alemã, confinados à periferia esquerda da segunda oração que conectam, o algoritmo de busca, representado e descrito pela Figura 6, foi elaborado para pesquisar ocorrências dos conectores *da*, *denn* e *weil* que tivessem a sua esquerda diferentes sinais de pontuação (vírgula, dois-pontos, ponto final, ponto e vírgula, etc).

```
1        ABSTAND(
2                {R}ODER(
3                        {R}ODER
4                                ({R}'.',{R}',''),
5                        {R}ODER
6                                ({R}';',{R}':')
7                        ),
8                {P}'\+w1',
9                {R}LEM({S}'denn')
10       )
```

Figura 6 – Amostra do algoritmo de busca empregado no *software* Cosmas II

Em que as funções de busca são definidas da seguinte maneira:

ABSTAND(<R>,<P>,<R>) Orienta a busca de dois elementos <R> que podem ser uma palavra, sintagma ou mesmo uma relação lógica do tipo "OU" ou "E" e que apresentem entre si uma determinada distância <P>, controlada pelo comando `\w`.

ODER(<R>,<R>) Orienta a busca de dois elementos a partir da relação lógica "OU", sendo que o resultado total se constitui a partir dos resultados parciais dos argumentos <R>.

LEM(<S>) Orienta a busca a partir do lema de um determinado item lexical especificado pelo argumento <S>.

Da busca realizada com a ajuda do algoritmo acima no *corpus* de língua alemã, resultou o seguinte total de ocorrências para cada um dos conectores a ser analisado:

Conector	Total de ocorrências
da	52 530
denn	38 409
weil	27 794

Tabela 2 – Total de ocorrências encontradas no *corpus* de língua alemã.

A pesquisa, dessa forma, beneficiou-se da norma ortográfica alemã que dita que orações subordinadas e orações coordenadas introduzidas por alguns tipo de conectores são separadas da oração principal por meio de vírgula, sendo que os demais sinais de pontuação indicam os casos em que as orações subordinadas encontram-se topicalizadas ou em que as orações introduzidas por *denn* não se encontram integradas ao primeiro termo da coordenação. O resultado esperado deveria ser orações como as seguintes:

(6) a. Die Veranstaltung fand im Kinderdörfel statt, **da** die Referentinnen dort arbeiten und der Veranstaltungsort auch zu einer guten Atmosphäre beitrug.
b. **Da** einige Läden die Größe eines veritablen Kaufhauses haben, sollte man ausreichend Zeit für die Einkaufstour einplanen.

(7) a. Wir mussten auf Nummer sicher gehen, **denn** ich wollte weder Passagiere ins Meer schicken noch Panik verbreiten, und es hätte unnötig Tote gegeben.
b. Der Tod eines dunkelhäutigen Teenagers hat in den USA eine Welle der Empörung ausgelöst. **Denn** der 17-Jährige wurde von dem Anführer einer Bürgerwehr erschossen, der immer noch frei herum läuft.

(8) a. Robert wird von seinen Freunden noch bis zur Haustür gebracht, **weil** er angetrunken gewesen sein soll.
b. **Weil** ein Anruf bei der Tierärztlichen Hochschule ergebnislos verlief, machten sich Carsten Scholz und seine Ehefrau Marion erst einmal selbst auf die Suche nach Würmern.

Uma vez que uma análise de todas as ocorrências encontradas nessa primeira fase da seleção seria inviável, preferiu-se por uma restrição de busca, de forma que o o programa foi configurado para extrair aleatoriamente apenas 500 ocorrências de cada conector a partir do montante acima apresentado.

Uma vez que apenas esse procedimento de busca automático não foi capaz de realizar uma busca precisa das ocorrências, o segundo procedimento realizado foi a seleção manual dos exemplos. Foram deixados de lado aqueles exemplos em que, apesar de cumprirem os quesitos da busca automática, as ocorrências representavam usos de formas homônimas dos conectores. Em especial, este procedimento foi empregado para a seleção das ocorrências de *da* que, além de conector oracional sintático (subordinador), também pode exercer a função de advérbio, enquadrando-se, portanto, na classe dos conectores referenciais (9). Foram excluídas também ocorrências em que *da* apresenta a função de pronome relativo e retoma anaforicamente expressões espaciais ou temporais (10).

(9) Es wurde unterwegs immer windiger. **Da** sind die fehlenden Sekunden hängengeblieben.
('Durante o percurso o vento ficou cada vez mais forte. Aí ficaram os segundos que faltaram.')

(10) Jetzt, **da** ich lese, dass Mannheim Modellkommune in Sachen Radkultur werden will, muss ich doch meinen seit Langem aus Zeitmangel vor mir hergeschobenen Leserbrief loswerden.
('Agora que estou lendo que Mannheim quer se tornar uma comunidade-modelo no assunto *cultura das bicicletas*, preciso livrar-me de minha carta do leitor que, por falta de tempo, há muito tenho adiado.')

Os critérios de seleção foram eficazes na coleta de dados referentes aos conectores *denn* e *weil*. As ocorrências da partícula de atenuação homônima de *denn* foram facilmente descartadas pela ferramenta de busca, já que elas se encontram necessariamente em posição posterior ao verbo flexionado, o que a busca concentrada na periferia esquerda pode eliminar. E o conector *weil* não apresenta formas homônimas que ocupem a periferia esquerda das orações.

Assim, das quinhentas ocorrências aleatoriamente selecionadas pela ferramenta de busca, foram excluídas todas aquelas que não se enquadravam nos critérios de seleção acima. Das ocorrências restantes, foram selecionadas cinquenta para cada conector para servir de objeto da análise. Para a composição dessa amostra final, procurou-se respeitar o volume proporcional de cada um dos periódicos, de forma que a amostra final fosse proporcionalmente congruente com a amostra de ocorrências aleatórias.

3.5 Procedimentos de coleta de dados relevantes

Chega-se, por fim, à última etapa das considerações metodológicas que norteia a pesquisa aqui descrita. A presente seção apresentará brevemente como serão investigados os conectores oracionais causais da língua alemã sobre as possibilidades de codificação do gradiente de relações causais apresentado no capítulo anterior. O teste de paráfrase que será utilizado no presente trabalho é uma adaptação do teste desenvolvido pelos autores do estudo original Pander Maat & Degand (2001) e reproduz em língua alemã as possibilidades de leitura dos diferente conectores

causais da língua estudada. Abaixo, o quadro contendo o inventário de relações causais e suas respectivas paráfrases:

CAUSALIDADE	**Paráfrases**
Involuntária	...(und) und das zeigt(e) folgende Wirkung:... ...(*e*) *a consequência disso foi/é que...*
Voluntária	...(und) diese Handlungsweise begründet(e) sich dadurch, dass... ...(*e*) *a razão para realizar este ato foi/é...*
Epistêmica	...(und) dies führt(e) zu der Schlussfolgerung, dass... ...(*e*) *isso leva à seguinte conclusão de que...*
Atos de fala Tipo I	...(und) dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass... ...(*e*) *a razão para realizar este ato de fala é...*
Atos de fala Tipo II	...(und) dies kann wie folgt umformuliert werden: ... ...(*e*) *isso pode ser parafraseado como: ...*

A primeira paráfrase, "*das zeigt(e) folgende Wirkung:*", tem por finalidade identificar as relações causais involuntárias, ou seja, aquelas relações de CAUSA e EFEITO que descrevem eventos no mundo objetivamente real e sem envolvimento de qualquer sujeito de consciência que estabeleça tal relação, sendo que o falante desempenha o papel apenas de relator desses eventos.

A segunda paráfrase, "*diese Handlungsweise begründet(e) sich dadurch, dass*", objetiva a identificação de relações causais voluntárias, ou seja, em que há o envolvimento de um sujeito de consciência na relação causal, desempenhando o papel de agente, em terceira pessoa, que desencadeia uma cadeia causal, sendo que o papel do falante é também o de relator, mas este assume a perspectiva dessa terceira pessoa e relata seus atos, porém não tem acesso à sua consciência. Note-se que as relações causais involuntárias e voluntárias são relações completamente externas à situação comunicativa e desvinculadas da cognição do falante ou de outros participantes da interação.

A terceira paráfrase, "*dies führt(e) zu der Schlussfolgerung, dass*", serve à identificação das chamadas relações epistêmicas causais ou relações epistêmicas baseadas na causalidade. Neste caso, por *defaut*, a relação causal não se refere a uma relação de CAUSA e EFEITO no mundo objetivamente real, mas sim em processos de raciocínio lógico localizados na mente do falante, que assume o papel de avaliador de uma determinada situação ou um conjunto de premissas que o falante avalia a partir de um padrão causal. Há, entretanto, a possibilidade de que a relação epistêmica causal seja perspectivada, e o falante relate os processos de raciocínio localizados na mente de uma terceira pessoa, que deve ser obrigatoriamente identificada. Diferentemente das relações causais voluntárias, as relações epistêmicas causais, quando perspectivadas, implicam que o falante dispõe de acesso à cognição de uma terceira pessoa.

Para diferenciar as relações epistêmicas não causais das relações epistêmicas baseadas em causalidade, realiza-se por meio da aplicação das paráfrases relativas à causalidade no mundo objetivamente real (involuntária ou voluntária). Se a substituição levar a uma sequência coerente, ainda que com significado diferente do original, então, trata-se de uma relação epistêmica causal;

caso contrário, de relação epistêmica não causal.

A terceira paráfrase e suas variações identificam relações em que a causalidade é transposta para o âmbito da cognição e procura capturar processos de raciocínio que tomam como base as relações de CAUSA e EFEITO no mundo objetivamente real, mas as transpõem como forma de organizar objetos mentais e estabelecer nexos entre eles. No caso das relações epistêmicas causais, essa organização ainda apresenta semelhanças com a causalidade externa, enquanto as relações epistêmicas não causais utilizam-se da estrutura de codificação linguística da causalidade para expressar outras formas de raciocínio.

A quarta paráfrase, "*dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass*", tem por finalidade identificar as relações entre atos de fala, de forma que o falante utiliza-se da causalidade para motivar e explicar suas atitudes locucionais no momento da interação linguística. Nesses casos, o falante baseia-se em suposições que precisam ser compartilhadas entre falante e ouvinte. Sendo assim, trata-se de o falante buscando justificativas para alicerçar seu ato de fala e torná-los aceitáveis em um determinado contexto discursivo.

A quinta paráfrase, "*dies kann wie folgt umformuliert werden:*", serve à identificação de relações entre dois atos de fala em que o contexto discursivo licencia que o primeiro seja re-expresso pelo segundo, uma vez que sugerem inferências idênticas, mas que do ponto de vista do ouvinte são desconhecidas. Dessa forma, a paráfrase tem a função de elucidar referências que possivelmente não sejam compreendidas pelo ouvinte.

Havendo descrito os procedimentos de seleção das ocorrências e os meios que serão utilizados para analisá-las, passa-se, no próximo capítulo à descrição da análise, de seus procedimentos básicos e de seus resultados.

4 Análise dos dados

4.1 Aspectos gerais

Ao considerar o trajeto realizado ao longo dos dois primeiros capítulos deste trabalho, torna-se evidente a necessidade de estabelecer um vínculo entre a teoria e o uso de fato da linguagem. O presente capítulo tem por objetivo apresentar a implementação do teste de paráfrase introduzido no capítulo anterior e verificar de que maneira os conectores causais da língua alemã podem ser classificados em relação ao seu uso a partir de um corpus formado por textos jornalísticos. O teste de paráfrase foi proposto por Pander Maat & Degand (2001) como meio de averiguar as possibilidades de conexão causal dentro do gradiente por eles postulado. No estudo original, as paráfrases foram mencionadas em inglês, e foi necessário que elas fossem adaptadas à língua alemã. Replicar esse estudo tem, em primeira linha, o objetivo de trazer para o contexto de outro sistema linguístico o aparato teórico proposto pelos autores e averiguar se este é um instrumento adequado à descrição das relações introduzidas pelos conectores causais do alemão.

No contexto da Linguística Cognitiva, ainda são poucas as abordagens que tratam da questão da causalidade via conectores oracionais; e testar a proposta de Pander Maat & Degand (2001) é uma maneira de avaliar não apenas como o uso dos conectores oracionais da língua analisada se comportam quando expostos a esse aparato teórico, mas também avaliar se o próprio método é adequado a seus fins. O gradiente de relações causais tem a vantagem de interligar diferentes usos da causalidade e estabelecer entre eles uma progressão: do uso mais básico, a causalidade como relação involuntária e desvinculada de um sujeito de consciência, passando por usos em que a causalidade é a relação-base para codificar linguisticamente os processos mentais de um escritor, até os casos em que a causalidade fornece o material linguístico necessário para codificar relações que se estabelecem diretamente no evento de uso, integrando aspectos da interação do escritor com o leitor, ainda que de maneira sutil.

É preciso também considerar que o objeto de estudo escolhido para o presente trabalho é, em certa medida, conservador. Entretanto, ao selecionar apenas os conectores oracionais causais mais centrais da língua alemã, tem-se diante dos olhos a necessidade de começar a categorização das relações introduzidas por eles a partir de solo seguro. São conectores já estudados por outras vertentes e abordagens, o que permite comparar resultados. O principal contraponto para a presente análise é a pesquisa de Blühdorn (2008b). Seus fundamentos já foram apresentados no primeiro capítulo e seus resultados ajudaram a nortear as expectativas da presente análise. Não há pretensão, entretanto, se realizar uma comparação exaustiva entre as duas abordagens; prefere-se

dar destaque aos resultados obtidos por meio do teste de paráfrase de Pander Maat & Degand (2001) e, sempre que possível, mostrar os pontos de convergência ou divergência entre ambas as propostas, de forma que ficará claro ao final do capítulo que o gradiente de relações causais pode ser considerado uma expansão da proposta de Blühdorn (2008b) em que são refinadas subcategorias da causalidade em sentido estrito. Os mecanismos que geram cada abordagem não diferentes, mas tomam como princípios semelhantes da Gramática Cognitiva. Enquanto Pander Maat & Degand (2001) apoia-se diretamente na relação entre uma base conceitual e diferentes operações de perspectivação conceitual para caracterizar a causalidade, Blühdorn (2008b) desenvolve seu próprio aparato relacional a partir de traços semânticos cuja marcação como positiva ou negativa determina qual tipo de relação está em jogo (comparação, situamento, condicional e causal) e qual domínio relacional (espacial, temporal, epistêmico ou deôntico); trata-se de uma abordagem mais ampla, mas que deixa de lado aspectos específicos da própria causalidade e não especifica critérios bem definidos a partir dos quais se diferenciam cada tipo de relação causal. Por isso, a contraposição de ambas torna-se interessante e até mesmo necessária.

O presente capítulo de análise procede da seguinte maneira para expor os resultados obtidos por meio do teste de paráfrase: após estas considerações gerais, descreve-se em 4.2 os resultados gerais de Blühdorn (2008a) e Blühdorn & Ravetto (2008), tomando-os como base para estabelecer uma expectativa para os resultados obtidos para o gradiente causal. Em 4.3, exemplifica-se o procedimento de análise por paráfrase, apresentando como os casos ambíguos e não ambíguos se comportam ao serem testados. Adiante, em 4.4, são apresentados os resultados gerais do teste e as frequências de cada relação causal no corpus analisado; ainda nessa seção, serão exemplificados as relações específicas introduzidas por cada um dos conectores. Por fim, em 4.5, serão tecidas considerações sobre o processo de análise, sua eficiência a partir dos pontos de vista teórico e metodológico, de forma que se pretende brevemente avaliar quais as vantagens e as desvantagens da proposta desenvolvida por Pander Maat & Degand (2001).

4.2 Hipóteses e expectativas do trabalho

Do ponto de vista teórico, o gradiente de relações causais desenvolvido por Pander Maat & Degand (2001) pode ser considerado uma reelaboração das abordagens baseadas em domínios relacionais, por exemplo, como as de Sweetser (1990) e de Blühdorn (2008b). Essa reelaboração primordialmente consiste na ampliação das relações possíveis ao explicitar duas possibilidades de conexão causal em cada domínio. No domínio do conteúdo (Sweetser) ou nas leituras disposicionais (Blühdorn), são definidas duas relações causais possíveis, na primeira, dita involuntária, não há um sujeito de consciência que estabelece a relação de causa; na segunda, chamada voluntária, há um sujeito de consciência que estabelece um vínculo causal entre ocorrências (estados de coisas, eventos), sendo a explicitação de uma causa para um determinado comportamento seu caso prototípico. No domínio epistêmico (Sweetser/Blühdorn) as duas possibilidades indicadas no gradiente são: a primeira, a epistêmica causal, fundamenta-se no

raciocínio causal para apresentar um determinado processo de pensamento do escritor ou de um terceiro; a segunda, a epistêmica não causal, utiliza-se de outras formas de raciocínio (indutivo, abdutivo, etc.) e os codifica por meio de itens lexicais normalmente utilizados para codificar a causalidade. Por fim, no domínio dos atos de fala (Sweetser) ou no domínio deôntico-ilocucional (Blühdorn), ambas as relações possíveis utilizam-se de itens lexicais da causalidade para codificar relações de motivação para um determinado ato de fala, ou parafrasear um ato de fala.

Entretanto, ao definirem essas relações, Pander Maat & Degand (2001) não se utilizam de quaisquer conectores para demonstrar como seriam codificações linguísticas explícitas de cada uma das relações propostas. Antes, preferem apresentar orações justapostas, que poderiam ser interpretadas como conectadas por diferentes tipos de causalidade essencialmente por meio de inferência. Esse procedimento tem sua razão de ser. Uma taxonomia para as relações de coerência textual já havia sido proposta no início dos anos de 1990 por Sanders *et al.* (1992, 1993), já apresentado no segundo capítulo, com quem Pander Maat & Degand (2001) colaboram com frequência. Naquele modelo taxonômico, as relações de coerência são interpretadas como um significado adicional, um nexo estabelecido entre segmentos discursivos que ultrapassa a soma dos seus significados. Numa formulação mais direta: uma relação de coerência "um aspecto do significado de dois ou mais segmentos discursivos que não pode ser descrito por meio do significado de suas partes isoladas. Ou seja, é devido a esta relação de coerência que o significado de dois segmentos discursivos é mais do que a soma de suas partes" (SANDERS *et al.*, 1993, p. 94). E, embora o argumento seja válido, o procedimento traz alguns dificuldades para a réplica do estudo, uma vez que não são apresentadas codificações linguísticas dessas relações por meio de conectores — oracionais ou adverbiais. Não se trata de atestar ou negar a existência das relações de coerência, elas certamente existem e já foram amplamente pesquisadas em várias tradições e sob diversas perspectivas; antes, trata-se apenas de apresentar de maneira clara as definições e as exemplificações para cada relação. Por outro lado, esse procedimento permite visualizar que as relações de coerência causal postuladas no estudo podem ser encontradas mesmo sem a presença de um conector para indicá-las explicitamente. Dessa forma, abre-se a possibilidade de averiguar como cada língua organiza a lexicalização dessas relações por meio de seus conectores.

A questão que surge, portanto, é: Se as relações causais do gradiente podem ser codificadas por meio da mera justaposição dos segmentos oracionais, de que maneira contribuem os conectores oracionais para a sua codificação, quando utilizados, e de que maneira os conectores de uma língua se organizam para codificar cada relação?

A resposta a essa questão envolve muitos fatores que devem ser levados em consideração ao longo da presente pesquisa e que nortearam a elaboração das hipóteses sobre o funcionamento do gradiente relacional, sua organização e sua codificação linguística. O primeiro fator a ser levado em consideração é mencionado por Sanders *et al.* (1992, p. 4) ao citar as conclusões de Haberland (1982) de que a "marcação linguística parece levar a um processamento mais rápido do segmento textual seguinte". Ou seja, a marcação linguística explícita permite ao leitor

identificar de maneira mais rápida qual a relação de significado pretendida pelo escritor entre os dois segmentos textuais. Codificar explicitamente uma relação significa impor uma estrutura a uma sequência discursiva, de forma que uma situação objetiva seja construída a partir de um determinado ângulo. Isso é condizente com a concepção de Langacker (2008, p. 43) ao afirmar que "no nível conceitual um determinado conteúdo pode ser evocado de maneira relativamente neutra. Mas assim que nós o codificamos linguisticamente, necessariamente impomos um arranjo conceitual".

Ao impor uma determinada estrutura a um conjunto de segmentos discursivos, o escritor aciona diversos recursos gramaticais, por exemplo, para gerenciar aspectos da coerência espacial e temporal. O uso de preposições, elementos dêiticos e conectores oracionais de diversas classes auxiliam nesse processo de estruturação. Portanto, compreender a contribuição de um conector oracional causal para a estrutura discursiva na qual ele está inserido significa essencialmente explicitar quais relações ele lexicaliza e, havendo outras opções disponíveis, quais são as restrições que restringem seu uso. O gradiente causal é um caminho para atingir tal compreensão, por isso é importante que suas propriedades sejam averiguadas e de que maneira um determinado conjunto de itens lexicais o codifica. Daí tem-se o seguinte conjunto de hipóteses que guiam a presente pesquisa:

(1) Hipóteses sobre a distribuição dos conectores oracionais :
   (i) Os conectores *da*, *denn* e *weil* lexicalizam apenas uma parcela do gradiente relacional.
   (ii) Há sobreposições entre certos usos dos conectores, ou seja, eles estabelecem mais de um tipo de relação e estes usos podem ser compartilhados pelos outros conectores;
   (iii) Sobreposições devem-se, entre outros, aos diferentes arranjos entre o sujeito de consciência e o papel do escritor.

A hipótese (i) parte da ideia de que os conectores oracionais selecionados para a análise lexicalizam uma parcela específica do gradiente relacional e não se distribuem uniformemente por toda sua extensão; por isso, existe a possibilidade de que algumas relações postuladas não sejam codificadas por este conjunto de conectores, mas sim por outros itens lexicais. A hipótese (ii), por sua vez, aponta para a possibilidade de que os conectores causais analisados codifiquem mais de um tipo de relação causal do gradiente; sendo este o caso, é de se esperar que haja sobreposições entre os usos dos conectores, que devem ser, então, diferenciados por meio de outros fatores. Langacker (2007, p. 424), ao conceber um sistema linguístico como um inventário estruturado de unidades interrelacionadas, lembra que sobreposições são possíveis e fazem parte da estruturação do inventário. As sobreposições podem, portanto, indicar uma certa gradação entre os usos de cada conector, demonstrando que seu significado não deve ser descrito como fixo e imutável, mas sim maleável e adaptável, sugerindo também uma estruturação radial para o significado do conector: a partir de uma configuração central são derivadas extensões dessa configuração o que permite maior flexibilidade de uso. A hipótese (iii), finalmente, aponta para a

expectativa de que, se há sobreposições entre os usos dos conectores, elas devem ter sua razão de ser no fato de que cada conector permite mais de um arranjo entre o sujeito de consciência e o escritor. Da mesma maneira, pode-se recorrer ao **princípio da não sinonímia**, utilizado por Goldberg (1995, p. 67) como critério de desambiguação entre construções. O princípio determina que "se duas construções são sintaticamente distintas, então elas devem ser ou semântica ou pragmaticamente distintas"; assim, embora alguns conectores (como *da* e *weil*) compartilhem de uma mesma estrutura sintática, eles devem apresentar elementos semânticos e/ou pragmáticos que os diferenciem.

Diante desse pano de fundo, faz-se necessário observar os resultados obtidos por outras pesquisa, já que elas podem evidenciar em que pontos as hipóteses acima apresentadas podem ser comprovadas na pesquisa empírica. Se há a possibilidade de que os conectores estabeleçam redes de significados interligados e apresentem um desses significados como mais central e outros como mais periféricos, então também há a possibilidade de que, ao permitir mais de um tipo de conexão dentro do gradiente, os conectores apresentem usos concorrentes que devem ter sua razão de ser nas diferentes configurações que impõem à situação objetiva representada. Nesse sentido, os resultados de Blühdorn & Ravetto (2008) apontam na seguinte direção:

(2) **Resultados de Blühdorn & Ravetto (2008, p. 26ss.) para as leituras dos conectores:**

da: Tem como leitura primeira a **epistêmica**, podendo ser interpretado, por meio de inferências, tanto na direção da leitura disposicional quanto da deôntica;

denn: Apresenta forte cunho **epistêmico** e **deôntico**; leituras disposicionais são possíveis apenas por inferência contextual;

weil: Tendencialmente **disposicional**, pode ser interpretado via inferência em todos os demais domínios.

Os resultados gerais de Blühdorn (2008a) e Blühdorn & Ravetto (2008) demonstram que os três conectores oracionais da língua alemã possuem áreas preferenciais específicas de conexão. O conector *weil* tende à conexão disposicional, enquanto *da* prefere à conexão epistêmica e *denn* oscila entre a conexão epistêmica e deôntica, mas tende excluir leituras disposicionais. O fato de que todos os três conectores possam apresentar leituras estendidas revela que apesar da centralidade de um significado preferencial, trata-se de itens lexicais com flexibilidade de uso e permitem diferentes configurações a partir de uma central. Diante desse pano de fundo, pode-se traçar o seguinte quadro com os usos preferenciais de cada conector e as expectativas da distribuição de cada um deles ao longo do gradiente de relações causais, em que *weil* domina a porção inicial do gradiente onde se encontram as relações causais involuntárias e voluntárias, enquanto *da* e *denn* compartilham da porção central e final do gradiente onde estão as relações epistêmicas e entre atos de fala. Não foram levadas em consideração as possíveis extensões, apenas a possível posição supostamente preferencial de cada conector no gradiente relacional.

Havendo definido as hipóteses do trabalho e demarcado quais são as expectativas para os

[– SdC]	relação causal involuntária	escritor como relator; SdC ausente da conceituação	*weil*
[+SdC]	relação causal voluntária	escritor e SdC desvinculados *ground* minimamente codificado	
[+SdC]	relação epistêmica	escritor e SdC próximos ou idênticos; *ground* implícito	*da* *denn*
	relação entre atos de fala	escritor e SdC idênticos; *ground* (parcialmente) explícito	

Tabela 3 – Expectativa da distribuição dos conectores oracionais causais do alemão.

resultados da análise, passa-se, na seção seguinte, à exemplificação dos procedimentos de análise dos dados recolhidos a partir do *corpus*.

4.3 Exemplificação dos procedimentos de análise

A presente seção tem por objetivo oferecer uma amostra de como o teste de paráfrase foi aplicado com a finalidade de elucidar quais leituras são possíveis a cada um dos conectores causais selecionados. Para essa amostra dos procedimentos, foram escolhidas duas ocorrências de cada conector.[1] As paráfrases demonstram-se como um recurso interessante à análise, pois permitem avaliar se, em um determinado contexto, uma expressão pode ser substituída por outra de significado semelhante de forma que se tornem explícitos componentes relevantes da expressão original. As paráfrases utilizadas aqui procuram explicitar algumas facetas do significado dos conectores causais da língua alemã como, por exemplo, a presença de um sujeito de consciência e, em caso afirmativo, o seu papel na conceituação da situação objetiva por ele entretida. Essas paráfrases são compostas por segmentos oracionais que, ao serem inseridos na posição do conector oracional, mantêm uma posição que aceita apenas segmentos oracionais que possam ser assinalados como causa, enquanto outra posição é marcada como efeito, preservando, dessa maneira, a estrutura bivalente do conector original. Exemplos dessa distribuição podem ser vistos em:

(3) a. [CAUSA] *und das zeigt folgende Wirkung:* [EFEITO] (Involuntária)
b. [EFEITO] *und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass* [CAUSA] (Voluntária)
c. [CAUSA] *und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass* [EFEITO] (Epistêmica)
d. [EFEITO] *und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass* [CAUSA] (Motivação)
e. [CAUSA] *und dies kann wie folgt umformuliert werden:* [EFEITO] (Paráfrase)

[1] Seguindo uma convenção já bem estabelecida na Linguística, os casos em que a substituição do conector por uma paráfrase resulta em má formação semântica foram assinalados com uma cerquilha (#), enquanto os casos em que surgem leituras duvidosas foram marcados com um ponto de interrogação (?).

Por sua vez, a análise realizada ao longo do processo de pesquisa que compõe este trabalho pode ser exemplificada com algumas ocorrências de cada conector. Os exemplos abaixo ilustram como foram tratadas as ocorrências e justificam por que algumas leituras foram excluídas e por que algumas ocorrências podem ser consideradas ambíguas em relação às suas leituras. É preciso também ressaltar que, por vezes, devido às diferentes configurações sintáticas impostas pelos conectores e também pelas estruturas oracionais que representam as paráfrases, foi necessário alterar a ordem das palavras nas orações testadas, já que, na função de oração subordinada, a língua alemã exige que as orações apresentem ordem Sujeito-Objeto-Verbo. Conforme já mencionado, foram selecionadas para a exemplificação, duas ocorrências de cada conector, que serão apresentadas na seguinte sequência: *weil*, *denn* e *da*.

Dado que as orações subordinadas introduzidas por *weil* apresentam certo grau de mobilidade dentro da estrutura da oração-matriz, ou seja, seu esquema sintático não exige uma posição fixa da oração subordinada, foram selecionadas amostras de cada caso. Na primeira, a oração subordinada aparece posposta à matriz, enquanto no segundo exemplo, ela aparece anteposta. Seguem suas análises abaixo:

(4) Die Deutschen greifen eher zu helleren Brotsorten, **weil** sie zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt haben. (HAZ12/JAN.00114)
'Os alemães preferem tipos mais claros de pães, porque eles conheceram em suas viagens, por exemplo, a baguete e o ciabatta.'

O primeiro passo para verificar quais leituras são possíveis ao conector em um determinado contexto é substitui-lo por cada uma das paráfrases, o que resulta nas seguintes combinações:

(4)' a. #[Die Deutschen] haben zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt **und das zeigt folgende Wirkung:** [sie] greifen eher zu helleren Brotsorten.
b. Die Deutschen greifen eher zu helleren Brotsorten **und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass** sie zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt haben.
c. [Die Deutschen] haben zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** [sie] eher zu helleren Brotsorten greifen.
d. #Die Deutschen greifen eher zu helleren Brotsorten **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** sie zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt haben.
e. #[Die Deutschen] haben zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt **und dies kann wie folgt umformuliert werden:** Die Deutschen greifen eher zu helleren Brotsorten.

O teste de paráfrase indica que duas leituras sejam mais prováveis para o conector *weil* nesse caso. A primeira é a em que ele codifica uma relação **causal voluntária**, pois a oração introduzida pelo conector descreve a partir de quais motivos para que um determinado sujeito de consciência aja. Na situação objetiva conceituada pelo período composto, encontram-se sujeitos de consciências conceituados como um grupo (*die Deutschen*) que agem de acordo com uma determinada experiência prévia que justifica seu atual padrão de comportamento. Dessa forma, a relação causal se dá a partir da perspectiva do sujeito de consciência que, desvinculado da função de escritor, age de acordo com suas experiências e conhecimento prévios. Nesse caso, portanto, o escritor apresentaria a função de mero relator da relação de causa e consequência, assumindo a perspectiva de outrem para expressá-la.

A segunda possibilidade é a de uma leitura **epistêmica causal**. Nesse caso, o sujeito de consciência responsável por estabelecer o vínculo causal entre os elementos descritos na situação objetiva não é um elemento participante da situação concretamente, mas o próprio escritor. É ele que estabelece o vínculo entre as partes da conceituação, avaliando-a a partir de sua experiência e de seu conhecimento prévio. Não é necessária uma codificação completa da participação do escritor como sujeito de consciência no papel de avaliador da situação, pequenos indícios de sua presença são suficientes. O advérbio *eher* pode ser considerado um desses indícios, ele introduz na conceituação um julgamento do escritor sobre a situação. Dessa forma, a possível leitura epistêmica causal do período acima se baseia no fato de que é o próprio escritor quem chega a conclusão de que, havendo viajado e conhecido outras variedades de pães, os alemães preferem as variedades mais claras.

A questão que ainda permanece nesse caso é: por que as outras leituras são excluídas ou, pelo menos, pouco prováveis? A leitura como causal involuntária implica que não haja a participação de um sujeito de consciência que estabeleça a relação de causa entre duas orações e, consequentemente, entre os eventos contidos na conceituação da situação objetiva entretida por elas. Ter viajado e conhecido outros tipos de pães não é condição suficiente ou necessária para que o sujeito de consciência contido na conceituação aja da maneira que age — outras poderiam levar a esse mesmo efeito. A situação descrita pela oração subordinada não tem em si força por si só para levar a cabo um efeito. Todavia, ao incluir a presença de um sujeito de consciência capaz de realizar escolhas e agir de acordo com elas, a leitura como relação causal voluntária sobressai, mas ainda é insuficiente, pois a presença do advérbio *eher* indica que há uma avaliação por parte do escritor e que não pode ser, em primeira linha, atribuída a um sujeito de consciência interno à situação objetiva. Dessa forma, uma leitura como relação epistêmica causal torna-se a candidata mais forte à leitura principal, pois nela está codificada não apenas a situação objetiva conceituada pelas orações, mas também está inclusa parte do *ground*, ou seja, o escritor, como sujeito de consciência, faz parte da conceituação. O fato de que uma leitura como causal voluntária seja possível, ainda que não seja a mais central, permite excluir uma leitura como epistêmica não causal. As leituras envolvendo atos de fala são excluídas porque o escritor que relata tal situação não procura motivar um ato de fala ou parafraseá-los. Não são

levados em consideração elementos relacionados ao decodificador que interpretará a relação. Antes, apoia-se ou na estrutura interna da situação objetiva descrita e atribui-se a origem do vínculo causal ao sujeito de consciência nele contido, ou leva-se em consideração o escritor e seu processo de raciocínio em que ele avalia as disposições de uma determinada situação e chega a suas próprias conclusões sobre o comportamento de outros indivíduos, possibilitando assim uma leitura epistêmica da relação de causa.

A segunda ocorrência analisada de *weil*, por sua vez, utiliza-se de uma outra configuração sintática para construir a relação de causa. Ainda introduzida por *weil*, desta vez, a oração subordinada aparece anteposta à oração-matriz:

(5) Den Occupy-Anhängern in Berlin droht die Räumung. **Weil** sie ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben haben, hat die Grundstücksverwalterin Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt. (HAZ12/JAN.00302)
'Os participantes do movimento "Occupy" estão ameaçados de despejo. Como eles não abriram mão de seu acapamento na antiga praia da Imprensa Federal, no bairro da sede do governo, a proprietária do terreno os denunciou e solicitou a reintegração de posse.'

Aplicando-se o teste de paráfrase à ocorrência, tem-se as seguintes possibilidades de combinação:

(5)' a. #Sie haben ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben, **und das zeigt folgende Wirkung:** die Grundstücksverwalterin hat Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt.
b. Die Grundstücksverwalterin hat Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt, **und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass** sie ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben haben.
c. ?Sie haben ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben, **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** die Grundstücksverwalterin Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt hat.
d. #Die Grundstücksverwalterin hat Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt, **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** sie ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben haben.
e. #Sie haben ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben, **und dies kann wie folgt umformuliert werden:** die Grundstücksverwalterin hat Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt.

O teste de paráfrase indica, neste caso, que a leitura mais provável à relação de causa e consequência introduzida por *weil* seja aquela em que ele relaciona as orações conectadas por meio de uma relação **causal voluntária**. A relação causal pode ser concebida nesta ocorrência como sendo uma de cunho voluntário, pois a oração introduzida por *weil* expressa uma causa para o

comportamento da administradora do terreno (*Grundstückverwalterin*) que, diante do fato de os membros do movimento *Occupy* não haverem deixado seu acampamento na propriedade, decide denunciá-los à polícia (*Strafanzeige erstatten*) e dar entrada com um pedido de reintegração de posse (*ein Räumungsgesuch stellen*). A relação causal voluntária justifica-se nessa ocorrência devido à possibilidade de aquilo que é assinalado como causa não desencadear nenhum efeito por si só ou ainda tem desencadeado outras reações na administradora do terreno: seria possível que houvesse solidariedade ao movimento e a permissão para que permanecessem ali por um período mais longo, ou a tentativa de negociar a saída dos manifestantes sem que se recorresse à Justiça.

Uma leitura como causal involuntária não é possível no caso de (5), pois, conforme já mencionado, a situação assinalada como causa não dispõe de força para gerar por si um efeito. Além disso, o próprio uso do conector parece ter influência sobre a impossibilidade de se estabelecer uma relação causal involuntária nesse caso. Uma vez que o emprego do conector torne explícita a relação de causa entre as partes de uma situação objetiva complexa, insere-se na conceituação dessa situação a figura de um sujeito de consciência, esteja ele sendo desempenhado pelo escritor ou por um indivíduo conceituado como participante direto da situação objetiva descrita pelas orações. A leitura como uma relação causal involuntária é excluída, portanto, diante da presença de um sujeito de consciência que estabelece a relação de causa e age de acordo com ela.

Uma leitura como relação epistêmica causal parece não ser a mais adequada a este caso, pois não há um elemento que codifique, ainda que de maneira indireta, um sujeito de consciência realizado pelo escritor ou terceira pessoa que entretenha uma avaliação sobre a situação objetiva conceituada em (5) e a partir dela crie uma relação de causa e consequência entre as suas partes. Ainda assim, uma leitura epistêmica poderia ser criada por meio de inferência, por meio de uma mudança na perspectiva. Seria preciso conceber uma conceituação da situação objetiva acima descrita sob o seguinte viés: o escritor, ao deparar-se com a execução do pedido de reintegração de posse, pressupõe que a administradora do terreno tenha denunciado os manifestantes e entrado com o pedido de reintegração de posse na Justiça; ou seja, diante da concretização do pedido de reintegração de posse, o escritor infere que um pedido tenha sido feito à Justiça e que naquele momento ele esteja sendo cumprido. Entretanto, não parece ser este o caso, dado que no segmento discursivo anterior à oração causal, o autor da matéria afirma que os manifestantes correm o risco de serem removidos do terreno, o que indica que o fato ainda não ocorreu no momento da produção da matéria, de forma que a leitura a partir da perspectiva da administradora do terreno e da explicação de seu comportamento é mais plausível nesse contexto.

Igualmente parecem ser improváveis as leituras em que os segmentos discursivos são relacionados por meio de relações entre atos de fala, seja por motivação ou paráfrase. A leitura como relação de motivação entre atos de fala pode ser excluída devido à falta de força ilocucional dos segmentos: o escritor não realiza um pedido, nem faz uma pergunta, nem responde a uma pergunta a ele realizada; ele apenas descreve uma situação objetiva a partir da perspectiva de

um outro indivíduo, o que em si é uma asserção, ou seja, um ato de fala por meio do qual se afirma a verdade de uma determinada situação no mundo. Entretanto, as combinações obtidas por meio do teste de paráfrase para as relações entre atos de fala parecem artificiais e um vínculo de motivação entre as duas orações parece não estar disponível, dado que o *locus* da relação causal é a própria situação objetiva e, por inferência, eventualmente, o domínio epistêmico do escritor, mas não a própria situação comunicativa em que se inserem escritor e leitor, nesse caso, escritor e leitor. A paráfrase também parece pouco plausível, já que a oração assinalada como causa não representa uma reformulação da oração assinalada como efeito, nem escritor parece levar em consideração o papel do decodificador que, diante da possibilidade de não haver compreendido o primeiro ato de fala, recorreria à paráfrase como maneira de fazer-se mais claro e levar a cabo mais facilmente suas intenções ilocucionais.

Passando às ocorrências do conector *denn*, é preciso considerar um elemento importante da estrutura sintática imposta pelo conector. Aos contrário de *da* e *weil*, o conector *denn* relaciona seus argumentos por meio de coordenação sintática, de forma que não possibilidade de anteposição para a oração assinalada como causa, devendo esta permanecer posposta à oração assinalada como efeito. Além disso, a oração introduzida por *denn* apresenta alto grau de independência, dado que pode aparecer graficamente desvinculada da oração assinalada como efeito, sendo introduzida após ponto final, o que também tem consequências para a intonação do grupo oracional. Essa relativa "frouxidão" estrutural é congruente com a constatação de Zifonun *et al.* (1997, p.) ao afirmarem que as orações introduzidas por *denn* tendem a ser ilocucionalmente independentes.

Tome-se por primeiro exemplo de conexão causal introduzida por *denn* a seguinte ocorrência extraída do *corpus*:

(6) Mit dieser Finanzspritze steht dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege. **Denn** auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, sind nahezu beisammen. (HAZ12/JAN.00363)

'Com a injeção de recursos financeiros, não há mais impedimentos à construção do museu no Maschsee. Pois os cinco milhões de euros que deveriam ser arrecadados juntos a patrocinadores já estão quase reunidos.'

Aplicando-se o teste de paráfrase à ocorrência, tem-se as seguintes possibilidades de combinação:

(6)' a. #Auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, sind nahezu beisammen **und das zeigt folgende Wirkung:** Mit dieser Finanzspritze steht dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege.

b. #Mit dieser Finanzspritze steht dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege, **und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass** auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, nahezu beisammen sind.

c. Auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, sind nahezu beisammen **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** mit dieser Finanzspritze dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege steht.

d. Mit dieser Finanzspritze steht dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege, **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, nahezu beisammen sind.

e. ?Auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, sind nahezu beisammen **und dies kann wie folgt umformuliert werden:** auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, nahezu beisammen sind.

O teste de paráfrase indica, no caso da ocorrência (6), que a leitura mais provável à relação de causa e consequência introduzida por *denn* seja aquela em que ele relaciona as orações conectadas por meio de uma relação **epistêmica**. É preciso, entretanto, determinar se se trata de uma relação epistêmica baseada em causalidade ou não.

No capítulo em que são descritos os fundamentos metodológicos da pesquisa, recorre-se ao seguinte recurso para que sejam diferenciadas as relações epistêmicas causais e não causais descrito por Pander Maat & Degand (2001): uma vez identificada como relação epistêmica, verifica-se se a relação introduzida pelo conector também poderia ser válido também como uma relação causal involuntária ou voluntária. Havendo tal possibilidade, trata-se de uma relação epistêmica causal; do contrário, é uma relação epistêmica não causal. Nesse caso, ambas as relações estão excluídas: por um lado, a presença do conector explicita a relação causal o que indica também a presença de um sujeito de consciência que estabelece a relação de causa; por outro lado, uma relação causal voluntária precisa ser igualmente descartada, pois não há a descrição de uma ação justificável por meio da oração introduzida pelo conector ou do comportamento de um agente, na função de sujeito de consciência, que age a partir da ciência sobre uma determinada relação causal. Uma relação epistêmica não causal se caracteriza por meio do destacamento da relação causal: seus meios linguísticos têm seu uso estendido para codificar relações de outra natureza. Nesse caso em particular, o escritor estabelece a relação entre os elementos da conceituação veiculada pelas orações. Ele avalia que com a injeção de fundos (*Finanzspritze*) não há mais impedimentos à sequência das obras da construção do museu e ele dá suporte à sua avaliação ao introduzir como justificativa o fato de que falta pouco para que os investidores particulares (*private Sponsoren*) consigam reunir os fundos necessários, na soma de cinco milhões de euros. A relação epistêmica introduzida por *denn* nesse caso se estabelece não como parte de uma situação objetiva descrita na conceituação entretida pelo escritor, mas em sua argumentação que faz parte da conceituação, porém em um outro nível, já relacionado indiretamente com o *ground* comunicativo e, mais especificamente, na porção do *ground* que em que o escritor se situa como sujeito de consciência e determina os vínculos entre os elementos da conceituação.

Conforme já mencionado, uma leitura como causal involuntária não é possível no caso de (6), pois, assim como nos casos anteriores, pode-se identificar a presença de um sujeito de consciência que se manifesta por meio do conector que permite a imposição de estrutura conceitual à situação objetiva. Nesse caso em particular, um sujeito de consciência estabelece a relação causal entre os elementos da situação objetiva. Igualmente, uma leitura como relação causal voluntária também parece não ser a mais adequada a este caso, pois não se trata do caso em que um sujeito de consciência enquadrado como parte da conceituação de uma situação objetiva estabelece um vínculo causal e age de acordo com ele, de forma que o conjunto que descreve a situação objetiva em que ele se encontra também descreve seus atos e sua motivação.

Uma leitura como relação motivação atos de fala parece plausível, enquanto a leitura por meio de paráfrase seja duvidosa. A relação entre atos de fala via motivação pode ser inferida ao serem levados em consideração estratégias comunicativas que o escritor teria à disposição para gerenciar a estrutura da conceituação que ele entretém. Nesse caso, a oração assinalada como efeito poderia ser compreendida como uma asserção em que o escritor realiza um ato de fala por meio do qual afirma a seu interlocutor estar convicto de que não há mais impedimentos à construção do museu e dá suporte a esse primeiro ato de fala por meio de um segundo em que afirma que os investidores particulares já conseguiram praticamente toda a parte dos fundos que lhes cabia levantar. Porém, esta é uma relação mais fraca, dado que, sendo aquele um texto escrito, tem caráter monológico, e o diálogo com o interlocutor é apenas simulado: ele não tem a possibilidade de intervir, contestar ou questionar. Dessa forma, a análise no nível da argumentação ganha força, pois trata-se do escritor estruturando sua cadeia de argumentos e alicerçando-a com as evidências que lhe estão disponíveis ou que ele julgue mais plausíveis de serem aceitas por seu interlocutor.

A segunda ocorrência de *denn* pode ser analisada da seguinte maneira:

(7) Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden. **Denn** dies stellt eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten da. (HAZ12/FEB.00217)

'Dados internos de empresas não devem ser enviados a contas particulares de e-mail. Pois isso representa uma quebra grave dos deveres trabalhistas.'

Aplicando-se o teste de paráfrase à ocorrência, tem-se as seguintes possibilidades de combinação a serem avaliadas:

(7)' a. #Dies stellt eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten da **und das zeigt folgende Wirkung:** Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden.

b. #Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden **und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass** dies

stellt eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten dastellt.

c. Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** dies eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten dastellt.

d. Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** dies eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten dastellt.

e. ?Dies stellt eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten da **und dies kann wie folgt umformuliert werden:** Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden.

Como no caso anterior, o teste de paráfrase indica a ocorrência (7) codifica uma relação de causa e consequência introduzida por *denn* cuja a leitura mais provável seja aquela em que ele relaciona as orações conectadas por meio de uma relação **epistêmica**. Novamente a questão é decidir em qual tipo de relação epistêmica a ocorrência pode ser enquadrada. Primeiramente, entretanto, é preciso explicar quais são os motivos para que as relações causais involuntárias e voluntárias sejam excluídas.

Uma leitura como relação causal involuntária é excluída essencialmente por dois motivos. O primeiro motivo diz respeito à explicitação da causalidade. Se a relação causal está expressamente codificada por meio do uso do conector *denn*, então há indícios de que existe um sujeito de consciência que dela está ciente e pode estabelecê-la. O segundo motivo tem sua razão de ser no fato de que a oração assinalada como causa não codifica uma ação, um evento ou um estado; antes, ela codifica um julgamento do escritor que atribui à oração anterior uma determinada qualidade, a saber: a de que enviar dados internos de uma empresa para um e-mail pessoal configura um grave rompimento dos deveres contratuais. Dessa maneira, pode-se excluir a leitura como relação causal involuntária.

Uma leitura como relação causal voluntária, por sua vez, pode ser excluída devido ao fato de que a conceituação veiculada por meio das orações do segmento discursivo não expressam o comportamento de um sujeito de consciência que na função de agente, identifica a relação causal e age de acordo com ela. O sujeito de consciência conceituado nessa ocorrência não é agente, mas avaliador, conforme já sugerido acima. Dessa forma, não está em jogo uma relação causal codificada diretamente no interior da situação objetiva conceituada pelo escritor, mas em elementos do *ground* que fazem parte da conceituação e são explicitados de maneira sutil na sua codificação linguística.

Portanto, a questão é decidir qual tipo de relação epistêmica está sendo codificado pelo conector *denn* na ocorrência acima. O critério para determinar se a relação epistêmica é baseada ou não em causalidade é que a ocorrência, uma vez submetida ao teste com as paráfrases das relações involuntárias e voluntárias, deve apresentar uma leitura possível, caso seja baseada em causalidade. Porém, como já foi apresentado, ambos os teste apresentam anomalias devido à

forma de codificação da relação causal. Assim, a leitura mais plausível, segundo os critérios de desambiguação, é que a conexão introduzida por *denn* seja preferencialmente apreendida como uma leitura epistêmica não causal. Elementos como o verbo modal *dürfen* (*ser lícito, permitido*) e o advérbio de negação (*nicht*) codificam aspectos do *ground* relacionados ao escritor. Por meio deles sua atitude em relação a uma determinada situação é evidenciada e conceituada. Dessa maneira, a leitura como epistêmica não causal se justifica devido ao seguinte fato: ao argumentar que enviar dados internos de uma empresa não devem ser enviados para um e-mail pessoal, o escritor pode entender-se na posição de que é preciso justificar a sua avaliação; para tanto, ele lança mão de um segundo argumento por meio do qual a negativa de seu primeiro argumento é interpretada e caracterizada como um grave rompimento dos deveres contratuais.

Por outro lado, é possível argumentar sobre a possibilidade de interpretar a relação introduzida por *denn* como sendo uma entre atos de fala e, mais especificamente, de motivação para atos de fala. É possível conceber que a presença do verbo modal *dürfen* licencie uma leitura desse tipo ao compreender que ele confere à primeira oração, aquela assinada como efeito, a força ilocucional suficiente para ser interpretada como uma ordem, por exemplo. Entretanto, para que essa leitura fosse possível, seria necessário que elementos do *ground*, como um possível receptor da ordem, fosse mencionado ou estivesse implícito na conceituação. Antes, o que se tem é o escritor explicando uma determinada relação lógica em que ele avalia e qualifica um enunciado.

Por fim, as amostras de ocorrências do conector *da* e sua análise básica a exemplificação dos procedimentos. Assim como o conector *weil*, também o conector *da* introduz orações subordinadas. Todavia, enquanto as orações introduzidas por *weil* tendem a ser pospostas à oração-matriz, aquelas introduzidas por *da* tendem à anteposição. Sendo assim, a primeira ocorrência de *da* pode ser analisada da seguinte maneira:

(8) **Da** die Streitlustige sich nicht an die Anweisung hielt, wurde sie zur Wache gebracht.
(HAZ12/JAN.00023)

'Dado que a encrenqueira não atendeu à advertência, ela foi levada à delegacia.'

Aplicando-se o teste de paráfrase à ocorrência, tem-se as seguintes possibilidades de combinação:

(8)' a. #Die Streitlustige hielt sich nicht an die Anweisung **und das zeigte folgende Wirkung:** sie wurde zur Wache gebracht.
b. Sie wurde zur Wache gebracht **und diese Handlungsweise begründete sich dadurch, dass** die Streitlustige sich nicht an die Anweisung hielt.
c. Die Streitlustige hielt sich nicht an die Anweisung **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** sie zur Wache gebracht wurde.
d. ?Sie wurde zur Wache gebracht **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** die Streitlustige sich nicht an die Anweisung hielt.
e. ?Die Streitlustige hielt sich nicht an die Anweisung **und dies kann wie folgt umfor-**

muliert werden: sie wurde zur Wache gebracht.

O teste de paráfrase indica que duas leituras sejam mais prováveis para o conector *da* nesse caso. A primeira é a em que ele codifica uma relação **causal voluntária**, nesse caso, há um sujeito de consciência que age a partir da ciência de uma determinada relação de causa e seu comportamento é descrito e justificado na conceituação da situação objetiva por meio da conexão estabelecida pelo conector. Isso não é novidade, em outros casos de possíveis leituras em que a causalidade voluntária estava em ação, era justamente essa a configuração que se mostrava na conceituação da cena: um sujeito de consciência, desempenhando o papel de agente, atua e comporta-se por estabelecer uma relação causal entre os elementos da situação em que se encontra. A ocorrência (8) apresenta uma característica importante que deve ser considerada na análise das relações de causalidade voluntária: o apagamento do papel de agente do sujeito de consciência. Isso se deve essencialmente ao uso da voz passiva, que permite ao participante focal secundário do verbo maior destaque (LANGACKER, 2000a, p.), ou seja, a perspectiva assumida para a caracterização da situação objetiva é a mulher que devido ao ser comportamento agressivo (*streitlustig*) foi abordada pela polícia e devido à sua recusa de acatar as instruções que lhe foram dadas, acabou sendo levada para a estação de polícia (*Wache*). Todavia, quem estabelece a relação causal e age de acordo com ela é a polícia, cuja presença na conceituação da situação objetiva não aparece explicitamente codificada no segmento discursivo; sua função de agente foi apagada por meio do uso da voz passiva na oração-matriz. Com o apagamento do papel de agente do sujeito de consciência, a leitura da conexão como sendo a de uma relação causal voluntária torna-se menos óbvia, mas ainda pode ser verificada se o papel do sujeito de consciência for levado em consideração.

A segunda possibilidade é a de uma leitura **epistêmica causal**. Nesse caso, o sujeito de consciência responsável por estabelecer o vínculo causal entre os elementos descritos na situação objetiva também não é um elemento participante da situação concretamente, mas o próprio escritor. Ele estabelece parte da premissa de que se a mulher abordada pela polícia devido a seu comportamento agressivo não acatou as instruções da autoridade, então ela foi levada para a estação de polícia. Assim, a premissa serve de evidência para estabelecer um vínculo causal entre o comportamento da mulher e a ação policial. Não se trata, portanto, de uma relação causal efetuada no contexto da situação objetiva descrita na conceituação, mas a conceituação abrange parte do *ground*, nesse caso, a cognição do sujeito de consciência, que estabelece o vínculo causal a partir da avaliação e julgamento de premissas das quais ele deduz uma conclusão assinalada como efeito para aquela causa. A diferença, novamente, é o *locus* da efetuação da relação causal. Na leitura volicional, ela faz parte da situação objetiva, enquanto na leitura epistêmica ela faz parte do *ground* subjetivamente construído na conceituação e deixado parcial ou totalmente implícito.

Estão excluídas as leituras tanto como relação causal involuntária quanto as relações entre atos de fala, seja via paráfrase ou via motivação. A relação causal involuntária se exclui

devido à presença de um sujeito de consciência esteja ele conceituado diretamente na situação objetiva ou construído implicitamente como parte da conceituação do *ground*. A presença do conector causal parece ter o efeito de impor uma estrutura conceitual à situação objetiva e aos demais elementos inseridos na conceituação entretida pelo escritor. Por sua vez, as relações entre atos de fala precisam acessar elementos do *ground* que estejam presentes na conceituação, implícita ou explicitamente, de forma que o leitor (ou o leitor) seja considerado parte do processo de conceituação, o que não parece ser o caso aqui, já que o foco da atenção do escritor está direcionado completamente para a construção conceitual da situação objetiva e não estabelece um movimento dialogal, simulado ou não, com seu interlocutor. Dessa forma, a interpretação como relação entre atos de fala é pouco favorecida nesse contexto.

A segunda ocorrência de *da*, por sua vez, pode ser analisada da seguinte maneira:

(9) **Da** die Regierung Rajoy die absolute Mehrheit hat, gilt die Annahme des Gesetzes als sicher. (HAZ12/JAN.01462)
'Como o governo Rajoy dispõe de maioria absoluta, a aprovação da lei é dada como certa.'

Aplicando-se o teste de paráfrase à ocorrência, tem-se as seguintes possibilidades de combinação:

(9)' a. #Die Regierung Rajoy hat die absolute Mehrheit **und das zeigt folgende Wirkung:** die Annahme des Gesetzes gilt als sicher.
b. #Die Annahme des Gesetzes gilt als sicher **und diese Handlungsweise begründet sich dadurch, dass** die Regierung Rajoy hat die absolute Mehrheit.
c. Die Regierung Rajoy hat die absolute Mehrheit **und dies führt zu der Schlussfolgerung, dass** die Annahme des Gesetzes als sicher gilt.
d. ?Die Annahme des Gesetzes gilt als sicher **und dieser Sprechakt begründet sich dadurch, dass** die Regierung Rajoy die absolute Mehrheit hat.
e. ?Die Regierung Rajoy hat die absolute Mehrheit **und dies kann wie folgt umformuliert werden:** die Annahme des Gesetzes gilt als sicher.

O teste de paráfrase indica, no caso da ocorrência (9), que a leitura mais provável à relação de causa e consequência introduzida por *da* seja aquela em que ele relaciona as orações conectadas por meio de uma relação **epistêmica**. É preciso, entretanto, determinar se aqui se trata de uma relação epistêmica baseada em causalidade ou não. Em parte, o próprio teste de paráfrase pode auxiliar na decisão. Estando excluídas as leituras como relação causal involuntária ou involuntária, a única leitura epistêmica possível é a não causal, a partir da qual o escritor estabelece um vínculo entre a premissa introduzida pela oração subordinada com *da* e uma conclusão codificada pela oração-matriz. É essencialmente a conceituação e posterior codificação linguística de um processo de inferência. A leitura epistêmica não causal justifica-se, portanto, ao tornar evidente que não se trata de conceituar uma situação puramente objetiva, mas de trazer

à tona também o processo de avaliação que o escritor tem sobre aquela determinada situação.

Os motivos para que sejam excluídas as leituras como relação causal involuntária e voluntária são semelhantes a outras amostras já mencionadas ao longo dessa exemplificação dos procedimentos de análise. A leitura como relação causal involuntária exclui-se devido à própria presença do conector oracional que impõe uma estrutura conceitual guarnecida de um sujeito de consciência. A leitura como relação causal voluntária, por sua vez, exclui-se devido ao fato de que o *locus* da relação causal não é a própria situação objetiva, mas a parcela do *ground* implicitamente construído na conceituação que permite compreender o vínculo causal como sendo estabelecido pelo escritor. As relações entre atos de fala são duvidosas por não apresentarem alguma forma de vínculo no *ground* com o leitor, nem por constituirem-se as orações conectadas de atos de fala outros que a asserção.

Havendo procedido dessa forma, espera-se ter sido apresentada uma amostra de como as ocorrências dos conectores causais aqui analisados foram processadas ao longo do trabalho de pesquisa. Os procedimentos analíticos basearam-se exclusivamente naqueles propostos por Pander Maat & Degand (2001) a fim de que o gradiente relacional da causalidade pudesse ser verificado na língua alemã da maneira mais fiel possível ao estudo original. Os resultados gerais da pesquisa serão apresentados na próxima seção.

4.4 Resultados

A presente seção tem por objetivo apresentar os resultados obtidos por meio da análise das ocorrências para os conectores oracionais causais selecionados. Os aspectos quantitativos dos resultados serão descritos na próxima subseção, enquanto as seguintes descreverão com relativo grau de detalhe as possibilidades de conexão entretidas por cada conector. Não há pretensão de elaborar uma descrição exaustiva das propriedade de cada um dos conectores; antes, pretende-se apresentar os principais aspectos da análise empreendida sob o viés da abordagem prática adotada por este trabalho.

4.4.1 Panorama das relações codificadas pelos conectores

Conforme descrito na última seção, a análise das ocorrência de cada conector foi empreendida por meio de uma adaptação do teste de paráfrases desenvolvidos por Pander Maat & Degand (2001). O teste de paráfrase teve por finalidade acessar possíveis interpretações relacionadas à conexão causal estabelecida pelo conector analisado. Cada categoria relacional do gradiente proposto pelos autores foi representado por uma paráfrase específica, sendo que as relações epistêmicas, divididas entre causais e não causais, dispõem apenas de uma única paráfrase. A diferenciação se dá por meio da aplicação das paráfrases vinculadas às relações causais involuntárias ou voluntárias que, se produzirem leituras plausíveis para uma determinada ocorrência, confirmam a possibilidade de uma leitura epistêmica causal; caso não sejam possíveis, trata-se,

portanto, de uma relação epistêmica não causal. As diferentes relações ligadas à causalidade demonstram que esta é uma área da categorização conceitual que ainda pode ser amplamente estudada, seja no estudo de uma língua em si, seja posteriormente na pesquisa contrastiva.

Os resultados encontrados na análise das ocorrências de cada conector causal da língua alemã revelam particularidades interessantes dessa categoria semântica dos conectores oracionais, diretamente relacionadas à sua disposição no gradiente relacional. A tabela abaixo apresenta os resultados obtidos ao longo da pesquisa:

Relação	Conector					
	da	(%)	*denn*	(%)	*weil*	(%)
Causal involuntária	—	0	—	0	—	0
Causal voluntária	16	32	—	0	26	52
Epistêmica causal	15	30	13	26	24	48
Epistêmica não causal	19	38	26	52	—	0
Atos de fala: motivação	—	0	11	22	—	0
Atos de fala: paráfrase	—	0	—	0	—	0
Total	50	100	50	100	50	100

Conforme indica a tabela acima, nenhum dos conectores analisados codificam relações causais involuntárias. Os motivos para que nenhum dos conectores oracionais analisados codifique relações causais involuntárias podem ser muitos. Existe a possibilidade de que as relações causais involuntárias sejam codificadas apenas por meio da justaposição de orações ou, eventualmente, por meio do uso de determinados conectores oracionais adverbiais; porém, a explicitação da causalidade por meio da presença de um conector oracional sintático inibe uma interpretação como relação causal involuntária. Um segundo motivo provável é que os conectores oracionais sintáticos da língua alemã imponham uma estrutura à conceituação em que são inseridos que necessariamente contenham um sujeito de consciência. Ou seja, a explicitação da causalidade e a imposição de uma estrutura conceitual em que há a participação de um sujeito de consciência codificado implícita ou explicitamente inibem a leitura como relação causal involuntária justamente porque ela deve ser deixada implícita para que o leitor chegue até ela por meio de inferências possíveis enquanto processa os vínculos entre os diferentes segmentos discursivos que codificam a conceituação de que ele participa.

Relações causais voluntárias, na língua alemã, são codificadas essencialmente pelos conectores *da* e *weil*. Elas representam, respectivamente, 32% e 52% das ocorrências analisadas para cada um dos conectores. Das relações codificadas no gradiente, as causais voluntárias são as primeiras a apresentar um sujeito de consciência em sua conceituação. Elas têm a particularidade de serem relações em que o escritor tendencialmente cede espaço para que a conceituação da relação causal seja entretida por um terceiro sujeito de consciência; ou seja, o *locus* da relação causal é a própria situação objetiva presente na conceituação e o responsável por estabelecer essa relação é um sujeito de consciência que participa dessa situação objetiva, sendo em muitos

casos identificado como o sujeito sintático da oração-matriz. É interessante o fato de que *da* e *weil* alternem-se na codificação das relações causais voluntárias. Isso provavelmente tem sua razão de ser no chamado **princípio da não sinonímia** (GOLDBERG, 1995, p. 67) que prediz que construções linguísticas sintaticamente diferentes necessariamente são semântica ou pragmaticamente distintas. Embora compartilhem da mesma estrutura sintática, a subordinação, *da* e *weil* preferem configurações diferentes dessa estrutura: *da* privilegia a anteposição à oração-matriz, embora também permita a posposição; enquanto *weil* privilegia a posposição à oração matriz, embora permita também a anteposição. Dessa forma, mesmo que codifiquem relações do mesmo tipo no gradiente, é possível que essas diferenças sintáticas decorram de outros elementos presentes na conceituação da causalidade e que estejam vinculados à estrutura da informação e às diferentes estratégias de gerenciamento comunicativo, o que certamente precisa ser estudado com mais detalhes por pesquisas específicas.

As relações epistêmicas causais são codificadas por todos os três conectores analisados. Elas representam 30% das ocorrências do conector *da*, 26% das ocorrências do conector *denn* e 48% das ocorrências do conector *weil*. E, embora o conector *weil* codifique relações epistêmicas causais, são os conectores *da* e *denn* que apresentam a maior parcela de ocorrências nessa porção do gradiente relacional. Como no caso das relações causais voluntárias, em que estão disponíveis dois conectores para a sua codificação, os conectores responsáveis por sua introdução devem apresentar componentes adicionais que permitam a diferenciação entre seus usos. Além disso, identificam-se diferentes graus de ambiguidades entre os conectores, dado que podem estabelecer relações causais em mais de uma porção do gradiente. Dessa maneira, não apenas devem estar disponíveis elementos adicionais na conceituação de cada relação que diferenciem os conectores numa mesma faixa do gradiente, mas também os diferenciem em seus outros usos. O mais provável é que se trata de configurações diferentes para cada tipo de situação objetiva conceituada e dos elementos agregados a ela como, por exemplo, a atribuição do papel de sujeito de consciência e de elementos relacionados à estrutura da informação e às estratégias de gerenciamento comunicativo; ou seja, estão associadas ao mesmo polo fonológico diversos esquemas conceituais interligados por meio de extensões e esquematizações.

As relações epistêmicas não causais, por sua vez, são codificadas apenas pelos conectores *da* e *denn*. Representam 38% das ocorrências do conector *da* e 52% das ocorrências do conector *denn*. Assim como nos casos anteriores, o grau de especialização dos conectores é variado. Nessa porção do gradiente relacional, encontram-se apenas os conectores *da* e *denn*. É possível que uma pesquisa que analise ocorrências oriundas de outros gêneros textuais apontem para uma igual especialização de *weil* nessa categoria, em especial no caso dos gêneros da língua falada. As relações epistêmicas não causais apresentam a particularidade de utilizarem-se do material linguístico prototipicamente empregado para a codificação das relações de base causal e reanalisá-las para que codifiquem também outros tipos de relação e de raciocínios. As relações epistêmicas causais, entretanto, apresentam a particularidade de que elas incluem, em alguma medida, a participação do leitor como elemento do *ground* juntamente com o escritor. Dessa maneira, o

escritor considera que seu papel na interação a partir da argumentação: mais importante que a situação objetiva são os elementos do *ground* que a acompanham, formando uma segunda camada conceitual em que elementos da interação também estão presentes. O escritor, como sujeito de consciência responsável por estabelecer o vínculo causal entre elementos da conceituação entretida por ele também leva em consideração o papel do leitor como sujeito de consciência secundário e procura proceder de maneira que a coordenação cognitiva entre ambos permaneça estável.

As relações entre atos de fala do tipo "motivação" são codificadas apenas por *denn*. Representam 22% das ocorrência de *denn*. As relações entre atos de fala parecem preferir o conector *denn* devido à sua versatilidade como coordenador, oferecendo liberdade estrutural para a codificação de atos de fala, em princípio, ilocucionalmente independentes, porém relacionados via causalidade. O papel do sujeito de consciência aqui passa a ser outro: a de agente ilocucional. Ele leva em consideração o escritor como sujeito de consciência secundário e acessa diretamente elementos do *ground* relacionados à interação entre ambos, embora esses elementos possam participar apenas implicitamente da conceituação. As relações entre atos de fala do tipo "motivação"apresentam um nível relativamente baixo de participação nas ocorrências do *corpus* de pesquisa, provavelmente devido ao fato de que este se compõe de textos jornalísticos e, portanto, de caráter essencialmente monológico, embora situações em que o escritor dirige-se diretamente ao leitor sejam possíveis, elas não são muito frequentes.

Por fim, as relações entre atos de fala do tipo "paráfrase" não foram encontradas no *corpus* de pesquisa. É possível que sua codificação linguística no alemão se dê por meio de outros itens lexicais não necessariamente relacionados ao grupo dos conectores causais. Um estudo mais aprofundado dessa porção do gradiente relacional mostra-se interessante e necessário.

O conector *da*, portanto, atua preponderantemente na porção epistêmica do gradiente relacional da causalidade, com uma parcela de 68% de suas ocorrências. Por outro lado, com 32% de suas ocorrências, ele também codifica relações causais voluntárias, concorrendo, portanto, com o conector *weil* nessa porção do gradiente.

O conector *denn*, por sua vez, também codifica preponderantemente relações de cunho epistêmico, apresentando 78% de suas ocorrências nessa porção do gradiente relacional. Os 22% restantes representam seu uso na introdução de relações entre atos de fala do tipo "motivação".

E, por fim, o conector *weil* codifica preponderantemente relações causais voluntárias, que somam 52% de suas ocorrências; embora concorra com o conector *da* na codificação de relações voluntárias, conformando a parcela restante de 48% das ocorrências totais do conector.

A tabela abaixo ilustra essa distribuição dos conectores no gradiente relacional a partir dos resultados obtidos e que serão brevemente consideradas e exemplificadas nas subseções posteriores.

Diante dos resultados obtidos por meio do teste de paráfrase, as subseções a seguir

[– SdC]	relação causal involuntária	escritor como relator; SdC ausente da conceituação	*weil* (*da*)
[+SdC]	relação causal voluntária	escritor e SdC desvinculados *ground* minimamente codificado	
[+SdC]	relação epistêmica	escritor e SdC próximos ou idênticos; *ground* implícito	(*weil*) *da* *denn*
	relação entre atos de fala	escritor e SdC idênticos; *ground* (parcialmente) explícito	

Tabela 4 – Distribuição encontrada para os conectores oracionais causais do alemão.

apresentam algumas considerações sobre as particularidades de conexão com cada um dos conectores analisado. Não se pretende uma descrição exaustiva, mas sim uma demonstração de como os elementos da causalidade podem interagir e serem complementados, a fim de estruturar a conceituação mediada pelos conectores.

4.4.2 Relações introduzidas por *weil*

O teste de paráfrase que o conector *weil* introduz tanto relações causais voluntárias quanto relações epistêmicas causais. A presente subseção apresenta de maneira concisa como se estruturam conceitualmente ambas as leituras e de que maneira o conector determina e impõe o acesso à base conceitual da causalidade.

4.4.2.1 Relações causais voluntárias

As relações voluntárias introduzidas por *weil*, conforme será apresentado mais adiante, concorrem com as relações da mesma categoria introduzidas pelo conector *da*. As relações causais voluntárias têm a particularidade de serem representações do comportamento de indivíduos e instituições que se justificam a partir da constatação de um vínculo causal. Ou seja, a relação causal é estabelecida no interior da situação objetiva, por um sujeito de consciência que nela esteja conceituado diretamente. Assim, o papel do falante, ou do escritor, é de relatar as ações desse sujeito de consciência presente na conceituação, de forma que o escritor e sua situação comunicativa (o *ground*) são codificados de maneira implícita, indicando alto grau de subjetificação de sua função, como pode ser visto em ambos os exemplos abaixo:

(10) Der 52-jährige gebürtige Hannoveraner hat vor wenigen Wochen den Abbau von 600 Stellen angekündigt, **weil** der Veranstalter bei der Produktion von Reisen sparen muss.
(HAZ12/JAN.00109)

'O organizador, nascido em Hanôver, 52, anunciou o corte de 600 vagas, por é preciso economizar na produção de viagens.'

(11) Der Nahrungshersteller Milupa ruft einen Babybrei zurück, **weil** dieser entgegen den Angaben Gluten und Weizen enthält. (HAZ12/JAN.00200)
'A fabricante de alimentos Milupa solicitou a retirada do mercado de uma papinha para bebês, porque esta continha, apesar das indicações, glúten e trigo.'

Nesse sentido, o exemplo (10) apresenta a causa para o comportamento do sujeito de consciência, um homem de 52 anos nascido em Hanôver (*Der 52-jährige gebürtige Hannoveraner*) que anunciou o fechamento de 600 vagas de trabalho. A razão para seu comportamento é codificada na oração introduzida por *weil* e trata-se da necessidade de economizar na produção/organização de viagens. Da mesma maneira, o exemplo (11) justifica as ações tomadas pela fabricante de alimentos *Milupa* que recolheu um lote de papinha para bebês devido ao fato de que continham glúten e traços de trigo, embora as indicações apontassem para o contrário.

Todavia, essa configuração é padrão para a relação causal voluntária e é compartilhada também pelo conector *da*. O princípio da não sinonímia indica que diferentes configurações sintáticas implicam estruturas semânticas ou pragmáticas diferentes. O conector *weil*, embora seja um subordinador e tenha a possibilidade tanto de anteposição quanto de posposição à oração-matriz, prefere a última configuração, enquanto *da* prefere a primeira. Dessa maneira, é necessário determinar de que maneira ambas as construções se diferenciam, apesar de compartilharem as mesmas possibilidades de organização. Blühdorn & Ravetto (2008) aponta para o seguinte fato:

> *Weil* ist bezüglich Bekanntheit und Neuheit seiner Konnekte nicht festgelegt. Es leitet Verbletztsätze ein, die voran- oder nachgestellt werden können. Nachstellung ist bevorzugt. (BLÜHDORN; RAVETTO, 2008, p. 27).

Assim, assume-se que o conector *weil* introduz preferencialmente relações causais em que a causa é marcada como informação nova ou que o falante/escritor assume não ser de conhecimento do ouvinte/leitor. Este deve ser um fator responsável também por diferenciar as construções com *weil* e *da* no caso das relações epistêmicas causais. Dessa forma, além da estruturação da situação objetiva por meio da causalidade, o conector *weil* também influencia a estrutura informacional da conceituação em que se encontra inserido.

4.4.2.2 Relações epistêmicas causais

Da mesma maneira, as relações epistêmicas causais introduzidas por *weil*, conforme também será apresentado mais adiante, concorrem com as relações da mesma categoria introduzidas pelo conector *da*. As relações epistêmicas causais assemelham-se às causais voluntárias devido ao fato de que apresentam uma estrutura conceitual semelhante, mas têm a particularidade de serem representações do comportamento mental de indivíduos e instituições que se justificam a partir da representação de um processo de raciocínio em que se estabelece um vínculo causal. Ou seja, a relação causal é estabelecida no exterior da situação objetiva, por um sujeito de consciência que esteja conceituado diretamente no *ground* comunicativo. Assim, o papel do

falante, ou do escritor, não é mais o de relatar as ações desse sujeito de consciência presente na conceituação, mas o de inferir a partir de uma situação objetiva as consequências de uma relação causal. Assim, o falante/escritor e sua situação comunicativa (o *ground*) são preferencialmente codificados de maneira implícita, embora divergências nessa configuração tendem a ser explicitamente codificadas, indicando grau intermediário de subjetificação de sua função, como pode ser visto em ambos os exemplos abaixo, dado que, apesar de implicitamente conceituados, o fator decisivo para a relação epistêmica causal é o fato de que o sujeito de consciência é responsável por avaliar a situação objetiva e não participa diretamente dela.

(12) **Weil** sich sein Chamäleon Edgar in einer Pension im westfälischen Werne perfekt der grünen Zimmertapete angepasst hatte, hat ein Mitarbeiter eines Reptilienhändlers das Tier bei der Abreise schlicht vergessen. (HAZ12/JAN.00992)

'Dado que seu camaleão, Edgar, camuflara-se prefeitamente no papel de parede verde do quarto de uma pensão na Vestifália, um funcionário de um negociante de répteis simplesmente esqueceu o animal ao ir embora.'

(13) Die Elbvertiefung gefährdet Experten zufolge die Frostschutzberegnung der Bäume mit Wasser aus der Elbe, **weil** die Vertiefung mehr Salzwasser in den Fluss geraten könnte. (HAZ12/FEB.00691)

'Segundo especialistas, o aprofundamento da calha do Elba põe em risco a irrigação das árvores como forma de proteção contra o inverno, porque, com o aprofundamento, mais água salgada poderia entrar no rio.'

O vínculo causal estabelecido pelo sujeito de consciência nos exemplos (12) e (13) ilustram de que maneira o conector *weil* contribui para a estruturação da conceituação ao impor uma determinada estrutura relacional. Em (12), o escritor infere a partir da situação objetiva que o funcionário (*Mitarbeiter*) de um estabelecimento comercial especializado em répteis esqueceu-se de seu camaleão Edgar devido ao fato de que o animal, ao camuflar-se de verde, adaptou-se perfeitamente à cor do carpete do cômodo. O exemplo (13), por sua vez, apresenta um caso de deslocamento do sujeito de consciência. Nesse exemplo, não se trata do falante/escritor que estabelece o vínculo causal, mas especialistas (*Experten*) consultados. Eles avaliam que o aprofundamento da calha do rio Elba seria prejudicial às árvores do entorno devido ao fato de que o aumento da quantidade de água salgada no rio influenciaria negativamente na proteção das árvores contra o congelamento no inverno.

Comum a ambos os exemplos, entretanto, é justamente o fato de que o conector *weil* introduz uma relação causal epistêmica em que o falante/escritor assume que o ouvinte/leitor desconhece as causas para o seu julgamento da situação objetiva, de forma que a relação é introduzida como informação nova no contexto daqueles segmentos discursivos. Confirmada essa possibilidade de conexão entre a estruturação da causalidade e a inclusão de elementos qualificadores do estatuto informacional que a relação apresenta no contexto discursivo em

que ela é utilizada, as relações causais introduzidas por *weil* apresentam a peculiaridade de introduzirem relações causais ainda supostamente desconhecidas para o ouvinte/leitor, ou seja, elas auxiliam na construção e ampliação do conhecimento de uma das partes da interação linguística ao disponibilizar informações novas sobre uma determinada situação objetiva ou sobre o julgamento de um sujeito de consciência sobre uma situação específica.

4.4.3 Relações introduzidas por *da*

Quanto às relações introduzidas pelo conector *da*, o teste de paráfrase mostrou que ele introduz relações em três níveis: as causais voluntárias, as relações epistêmicas causais e as epistêmicas não causais. A presente subseção apresenta de maneira concisa como se estruturam conceitualmente cada uma das leituras e de que maneira o conector determina e impõe o acesso à base conceitual da causalidade. O foco das considerações elaboradas aqui é a distinção entre os usos do conector *da* em contraposição aos usos de *weil* para codificar relações das mesmas parcelas do gradiente causal.

4.4.3.1 Relações causais voluntárias

Em mais de uma ocasião foi exposta e explicada a configuração geral das relações causais voluntárias. Conforme já mencionado quando eram tratados os exemplos de ocorrências com o conector *weil*, as relações causais voluntárias são estabelecidas no interior da situação objetiva conceituada e a relação propriamente dita é oriunda da mente de um sujeito de consciência participante da referida situação objetiva. A oposição entre as relações causais voluntárias introduzidas por *weil* e *da* reside no fato de que o primeiro introduz relações causais marcadas como supostamente desconhecidas pelo ouvinte/leitor, enquanto o segundo introduz relações causais assinaladas com o estatuto de informação compartilhada.

(14) 2010 bat er um eine Neuausfertigung, da sein Zeugnis nicht mehr auffindbar sei.
(HAZ12/JAN.00640)

'Em 2010, ele solicitou uma nova via de seu certificado, pois o original não fora mais encontrado.'

É o caso, por exemplo, da relação causal introduzida por meio da amostra em (14), em que o comportamento de um sujeito de consciência é justificado a partir da relação causal que ele estabelece entre os elementos da situação em que ele se encontra. Não havendo encontrado seu certificado, ele solicitou a emissão de uma nova via. Dado que a amostra foi retirada de uma reportagem sobre a situação de muitos trabalhadores na Alemanha que, havendo perdido seus certificados de trabalho, precisa solicitar novas emissões, a informação introduzida na relação causal pode ser compreendida como compartilhada ou como esperada no contexto discursivo em que o período composto é apresentado. Essa posição quanto ao estatuto informacional das causas introduzidas por *da* já é de conhecimento amplo e pode ser descrito da seguinte maneira:

> Ein *da*-Satz führt als Erklärung Information an, von der angenommen wird, dass sie dem Adressaten schon bekannt ist. Die Wirkung ist dagegen neue Information. Die Bedeutungskomponente der Bekanntheit begünstigt bei *da*-Verknüpfungen epistemische Interpretationen. Wenn ihm ein Sachverhalt bekannt ist, so kann sich der Interpret ohne weiteres davon überzeugen, dass eine Proposition, die diesen Sachverhalt beschreibt, wahr ist. (BLÜHDORN; RAVETTO, 2008, p. 24)

Dessa maneira, constata-se que além do valor informacional conferido pelo conector à causal por ele introduzida, justifica-se também a partir disso o fato de que preponderantemente a atuação do conector *da* na porção epistêmica do gradiente relacional. Essas relações serão exemplificadas na subseção seguir. Por outro lado, a possibilidade de introduzir relações causais voluntárias exemplifica a versatilidade dos meios linguísticos de codificação da causalidade, de forma que as relações do gradiente não constituem uma escala de relações isoladas, mas um contínuo em que as diferentes possibilidade de conexão indicam diferentes estágios de especialização dos conectores na estrutura do gradiente.

4.4.3.2 Relações epistêmicas causais

A propriedade de introduzir causas marcadas como compartilhadas ou supostamente conhecidas também pode ser encontrada na codificação das relações epistêmicas causais. Nesse caso, há um deslocamento do *locus* em que ocorre o estabelecimento da relação causal. Ele passa da situação objetiva propriamente dita e passa para a porção do *ground* comunicativo construído implicitamente na conceituação da situação objetiva. Essa passagem leva à transferência do papel de sujeito de consciência para o falante/escritor, que assume a função de avaliador da situação objetiva.

(15) Das Schweißen des gebrochenen Gleises war schwierig, **da** es mehr als minus 20 Grad kalt war und erst langsam erwärmt werden musste. (HAZ12/FEB.00442)
'A solda do trilho quebrado foi difícil, porque fazia menos vinte graus e o metal precisava ser aquecido lentamente.'

A ocorrência de uma relação epistêmica causal codificada pelo conector *da* é representada pelo exemplo acima, em que o escritor julga a situação de soldagem dos trilhos da via férrea e a caracteriza como difícil. Essa caracterização deve-se ao fato de que em fevereiro, em pleno inverno europeu, as temperaturas estavam abaixo de vinte graus negativos e o metal aquecia apenas lentamente. O vínculo causal estabelecido pelo escritor constrói-se a partir de uma informação supostamente compartilhada por seus leitores, a saber: as baixas temperaturas de fevereiro e os problemas que podem causar à manutenção das vias férreas. Dessa maneira, as relações epistêmicas causais introduzidas por *da* diferenciam-se daquelas introduzidas por *weil*, na medida em que cada conector seleciona um determinado estatuto informacional para as

causas que introduzem. O primeiro marca as causas como informações dadas no contexto ou compartilhadas, enquanto o segundo as assinala como informação não compartilhada.

4.4.3.3 Relações epistêmicas não causais

Diferentemente de *weil*, o conector *da* pode introduzir relações epistêmicas não causais. Nesse caso específico, não há uma mudança no *locus* do estabelecimento da relação causal — o sujeito de consciência associado ao escrito ainda exerce o papel de avaliador de uma situação. A mudança ocorre, entretanto, no tipo de relação que se estabelece entre as orações. Na relação epistêmica não causal, conforme já mencionado em outras ocasiões, a causalidade em si perde força e cede lugar para outros tipos de inferência a partir de premissas. No caso das premissas introduzidas pelo conector *da*, são premissas que dispõem do estatuto de informação dada ou compartilhada contextualmente. A partir dessas premissas, um sujeito de consciência julga e avalia aspectos situacionais e chega a conclusões específicas que necessariamente não contam com a participação da causalidade. Há, portanto, uma transposição dos meios de codificação da causalidade para a codificação de outras formas de raciocínio.

(16) **Da** der 24-Jährige die Feuer nachts, als alle schliefen, gelegt habe, handele es sich "geradezu um versuchten Mord". (HAZ12/JAN.00278)
'Dado que o jovem de vinte e quatro anos sobreviveu ao incêndio enquanto todos dormiam à noite, trata-se justamente de uma tentativa de assassinato.'

No exemplo (16), acima, a construção da relação de causa na forma do *Konjunktiv I* — modo verbal utilizado na língua alemã na codificação do discurso indireto — indica que o sujeito de consciência que estabelece o vínculo entre premissa e conclusão não é o próprio escritor, mas um terceiro a quem o escritor cede espaço na conceituação para estabelecer um vínculo entre os elementos da cena avaliada. Nesse caso, a relação se estabelece a partir da constatação de que, havendo o jovem de vinte e quatro anos iniciado um incêndio à noite enquanto todos os demais dormiam, então se trata de uma tentativa de assassinato. Não é a situação em si que é explicada ou motivada pelo sujeito de consciência, mas a tentativa de avaliar um aspecto da situação objetiva a partir dos dados disponíveis a ele. Trata-se, portanto, de uma tentativa de definir e qualificar as ações do jovem a partir do ponto de vista jurídico/criminal.

As relações epistêmicas em geral constituem a maior parte das ocorrências encontrada nos *corpus* para o conector *da* — uma representação de cerca de 68% do total das ocorrências. A propriedade de assinalar a oração introduzida como causa com o estatuto informacional de compartilhada ou dada permite às relações codificadas por *da* servirem de pano de fundo para as avaliações entretidas pelo sujeito de consciência, de forma que é coerente a perspectiva de que *da* atue preponderantemente na porção epistêmica do gradiente relacional da causalidade, dado que assim existe a possibilidade diferenciação entre as relações introduzidas por *weil* e ao mesmo tempo estabelece-se uma progressão nas relações que compõem o gradiente, ampliando seu

escopo e capacidade de categorização relacional no âmbito da causalidade. No caso específico das relações epistêmicas causais seria interessante determinar quais tipos de inferências são permitidos e quais não, além de especificar se esses padrões são compatíveis de alguma forma com a base conceitual.

4.4.4 Relações introduzidas por *denn*

Por fim, quanto às relações introduzidas pelo conector *denn*, o teste de paráfrase mostrou que ele também introduz relações em três níveis: as epistêmicas causais, as relações epistêmicas não causais e as de motivação entre atos de fala. Esta subseção final apresenta de maneira concisa como se estruturam conceitualmente cada uma das leituras e de que maneira o conector determina e impõe o acesso à base conceitual da causalidade. O foco das considerações elaboradas aqui é a distinção entre os usos do conector *denn* em contraposição aos usos de *da* e *weil* para codificar relações das mesmas parcelas do gradiente causal.

Para que sejam diferenciadas as relações introduzidas pelos conectores causais da língua alemã que concorrem na porção epistêmica do gradiente relacional, é preciso levar em consideração um aspecto importante do significado do conector *denn* já descrito em outra ocasião por Zifonun *et al.* (1997), conforme ilustra-se abaixo:

> Der Konjuntor *denn* leistet eine Reorientierung, unterbricht also einen nahtlos linearen Fortgang der Informationsübermitteilung zugunsten der Stützung des Anspruch und der Sicherung des Nachvollzugs durch den Adressaten. Basis ist eine Antezipation oder reale Wahrnehmung eines Problems mit der Vorgängeräußerung, das vom Zweifel an der Geltung bis in den Bereich des Unverständnisses reichen kann, so daß der Zweck der Vorgängeräußerung verfehlt zu werden droht. Die Begründung soll den Erfolg der Vorgängeräußerung sicherstellen und zugleich ein problematisierendes, den Ablauf hemmendes Zwischenspiel vermeiden. (ZIFONUN *et al.*, 1997, p. 2438)

Dessa maneira, é possível constatar que o conector causal *denn* apresenta uma propriedade que o distingue dos outros conectores da língua alemã: *denn* apresenta uma função de suporte à compreensão das informações veiculadas por meio do falante/escritor; ele permite que sejam antecipadas novos dados ao fluxo informacional, de modo que se evite que o ouvinte/leitor apresente situações problemáticas de compreensão sobre a situação descrita e impede que, no caso do uso oral da linguagem, haja interrupções na contribuição de quem detém o turno. No uso escrito da linguagem, o uso do conector *denn* mostra a preocupação do escritor em veicular informações adicionais que deem suporte àquelas que ele já introduziu em sua contribuição, de forma que seja suprida a necessidade do leitor por argumentos que sustentem informações apresentadas a ele. Não parece, portanto, por acaso que a zona de atuação do conector *denn* sobre o gradiente relacional seja justamente aquela em que as relações fundamentam-se sobre avaliações empreendidas pelo sujeito de consciência e na motivação de seus atos de fala diante do interlocutor.

4.4.4.1 Relações epistêmicas causais e não causais

As relações epistêmicas causais introduzidas por *denn* seguem a mesma estrutura conceitual daquelas introduzidas por *da* e *weil*. Elas apresentam, entretanto, o componente diferencial mencionado acima: o sujeito de consciência que estabelece a relação causal entre os eventos descritos na situação objetiva procura dar suporte a afirmações sobre a situação descrita, de forma que o papel do ouvinte/leitor como sujeito de consciência secundário é relativamente mais saliente nesses casos, dado que o sujeito de consciência primário procura estabelecer uma relação entre os elementos da conceituação para que o sujeito de consciência secundário esteja apto a acompanhar o fluxo informacional sem que haja interrupções para questionamentos ou dúvidas. No caso do uso escrito da linguagem, as interrupções não têm consequências para a continuidade do fluxo informacional entretido pelo escritor, mas leitor, ao deparar-se com pontos delicados da conceituação, pode perguntar-se qual o fundamento para aquelas afirmações, daí a possibilidade do uso do conector *denn*.

(17) Dass diese Downloads tatsächlich strafrechtlich verfolgt werden, ist aber unwahrscheinlich. **Denn** dazu müsste der Anbieter die Daten seiner Nutzer gespeichert haben, wofür es keinen Grund gibt. (HAZ12/JAN.01074)
'É improvável que esses downloads sejam realmente investigados criminalmente. Pois para isso seria necessário que o provedor armazenassem os dados dos usuários — e não existe motivo para que isso seja feito.'

Nos exemplos (17), acima, ilustra o uso de *denn* como conector responsável por estabelecer nexo entre orações por meio da relação epistêmica causal. No primeiro exemplo, o sujeito de consciência estabelece um vínculo entre seu julgamento como *improvável* (*unwahrscheinlich*) de que haja investigação criminal por conta de downloads realizados ilegalmente. Esse julgamento é justificado por meio da introdução de uma causa para tal avaliação, que seria a necessidade de que os provedores do serviço armazenassem as informações dos usuário. A conexão segue, portanto, o sentido inverso daquelas introduzidas por *da*, em que as premissas, preponderantemente já conhecidas e compartilhadas contextualmente, sustentavam a derivação de conclusões e avaliações do sujeito de consciência. Aqui trata-se do inverso, as conclusões são lançadas ao leitor e as premissas são incluídas como suporte ao fluxo informacional.

No caso das relações epistêmicas não causais, o procedimento de construção e conceituação das avaliações do sujeito de consciência são os mesmos descritos acima. Entretanto, há um completo destacamento da relação causal de base, a partir da qual os exemplos prototípicos são construídos. Permanece, entretanto, a função de "socorro" ao ouvinte/leitor ao procurar fundamentar as constatações realizadas pelo sujeito de consciência. As relações epistêmicas não causais introduzidas por *denn* estão no limite entre a porção epistêmica do gradiente relacional e aquela em que as relações são estabelecidas entre os atos de fala. Em geral, as relações epistêmicas dessa categoria poderiam, inclusive, ser consideradas como motivação para um ato

de fala assertivo, conforme ilustra os exemplos abaixo:

(18) Bei vielen Schülern darf ein Apfel als Pausensnack nicht fehlen. **Denn** er ist nicht nur gesund und schmackhaft, ihm wird auch nachgesagt, müde Menschen wieder munter zu machen. (HAZ12/JAN.00462)
'Para muitos estudantes não pode faltar uma maçã no lanche do intervalo. Pois a fruta não é somente saudável e saborosa, mas também se diz que ela pode devolver o vigor a quem está cansado.'

(19) In der Innenstadt wartet auf sie die meiste Arbeit, **denn** dort sind sie nicht nur für die Reinigung von Fahrbahnen, sondern auch für die Sauberkeit der Gehwege und der Plätze zuständig. (HAZ12/JAN.00079)
'É no centro da cidade que lhes espera a maior parte do trabalho, pois ali não são responsáveis apenas pela limpeza das vias, mas também das calçadas e das praças.'

Em ambos os exemplos (18) e (19) é possível verificar um significativo afrouxamento do vínculo causal estabelecido pelo conector, como era de se esperar para as relações epistêmicas não causais. O vínculo mais significativo introduzido pelo conector é a justificativa para o uso de um determinado argumento ao longo da cadeia de segmentos discursivos. Não é possível estabelecer um vínculo causal direto entre a necessidade de muitos estudantes levarem consigo maçãs para o lanche e as propriedades atribuídas à fruta. Antes, a relação introduzida por *denn* serve essencialmente para dar suporte à constatação do fato realizada pelo sujeito de consciência e convencer o leitor de que tal avaliação é pertinente. O mesmo processo de avaliação e sua subsequente justificativa é exemplificada pela segunda amostra citada, em que o sujeito de consciência primário, o escritor, avalia ser o centro da cidade o local em que os funcionários municipais da limpeza encontrarão mais trabalho e justifica essa avaliação ao apresentar as atribuições de trabalho desses funcionários responsáveis não apenas pela limpeza das vias de circulação de veículos, mas também das calçadas e das praças.

4.4.4.2 Relações entre atos de fala: motivação

Por fim, as relações de motivação entre atos de fala introduzidas por *denn* servem-se da mesma base das relações epistêmicas não causais, com uma mudança significativa na conceituação do *ground*: São levados em consideração aspectos da interação comunicativa entre ambos os sujeitos de consciência, o primário e o secundário. Um exemplo de simulação monológica de uma interação dialógica entre os sujeitos de consciência pode ser ilustrada com a ocorrência abaixo:

(20) Vielleicht lernt man den Traumpartner ja auch bei einem Improvisationstheaterabend kennen? In der "Menagerie" könnte das am Freitag tatsächlich passieren, **denn** zwei

> Theaterspielerinnen laden zum gemütlichen Singleabend ins Café am Kötnerholzweg 47 ein. (HAZ12/JAN.00196)
> *'E seria talvez possível encontrar o parceiro dos sonhos em uma noite de teatro de improviso? Na "Menagerie" isso poderia acontecer, pois duas atrizes convidam a uma aconchegante noite de solteiros no café [...]'*

O sujeito de consciência primário, ou seja, o escritor, simula por meio de um jogo de pergunta e resposta a interação entre ele e o sujeito de consciência secundário. O ponto decisivo para o uso do conector *denn* é a tentativa de justificar perante o leitor a resposta oferecida à pergunta anterior. Ainda que se trate apenas de uma reprodução da interação entre os sujeitos de consciência, torna-se visível a possibilidade de estabelecer vínculos de motivação entre atos de fala por meio do conector *denn*, o que mostra a versatilidade de *denn* para abranger as conexões das zonas epistêmica e pragmática do gradiente, em oposição a *da* e *weil*.

4.5 Considerações sobre o gradiente relacional da causalidade

Diante da fundamentação metodológica e dos resultados apresentados deste e do capítulo anterior, é possível avaliar de maneira relativamente segura a abordagem desenvolvida por Pander Maat & Degand (2001) para o estudo da causalidade como relação gradual. A presente seção elabora alguns aspectos pertinentes à avaliação da teoria e do método utilizado, a fim de delinear um argumento em prol da continuidade dos estudos envolvendo o gradiente relacional da causalidade, apesar das dificuldades encontradas ao longo do processo de pesquisa. Serão levados em consideração tanto o ponto de vista teórico quanto o metodológico, como a seguir.

Do ponto de vista **teórico**, o gradiente pode ser considerado um grande avanço na compreensão sobre a forma como as relações causais são categorizadas e sobre como elas são lexicalizadas em diferentes línguas. Abaixo estão elencados alguns motivos para que o gradiente relacional proposto por Pander Maat & Degand (2001) seja considerado um instrumento analítico viável a partir do ponto de vista de sua estrutura teórica:

— Maior grau de detalhe na categorização das relações causais;

— Motivação das relações e de seus diferentes níveis a partir da interação entre base conceitual, sujeito de consciência e operações de perspectivação conceitual;

— Possibilidade de explicitar os vínculos categoriais entre os usos das diferentes relações de causa e de interrelação entre os conectores que as introduzem;

— Enquadramento em uma teoria linguística já bem estruturada e fundamentada em elementos da cognição humana e do funcionamento da faculdade linguística.

Ao especificar uma escala de possibilidades de relações em que a causalidade serve de base ou de modelo para sua conceituação, o gradiente relacional ganha forte apelo como instrumento analítico, pois permite determinar com maior grau de detalhe e precisão em quais os níveis de conexão uma determinada unidade lexical pode ser utilizada. Além disso, as possibilidade de emprego do gradiente não se restringem, obviamente, apenas aos conectores oracionais sintáticos, mas também pode ser utilizada na categorização das relações introduzidas por preposições, conectores adverbiais, entre outros.

O gradiente também apresenta a vantagem de ser baseado em aspectos cognitivos que subsidiam a faculdade linguística e permitem assumir que a categorização das relações causais não é propriamente binária (semântica vs. pragmática) ou ternária (nível do conteúdo, nível epistêmico, nível dos atos de fala), mas uma continuidade gradual de relações que interligam-se numa rede de significados e que categorizam diferentes aspectos da experiência causal humana e passível de codificação linguística.

Do ponto de vista **metodológico**, entretanto, foi possível identificar alguns aspectos complicadores na operacionalização do gradiente relacional da causalidade como instrumento de análise das conexões introduzidas pelos conectores da língua alemã.

— A base conceitual é de difícil manipulação para averiguar de que forma causa e consequência se relacionam;

— Difícil manipulação do teste de paráfrases;

— As paráfrases utilizadas revelam apenas parcialmente as possibilidades de conexão;

As dificuldades encontradas no momento da adaptação e reelaboração dos procedimentos de análise não constituem essencialmente um impedimento para o uso do gradiente relacional como instrumento analítico. Antes, evidenciam que o aparato metodológico pode e deve ser expandido e aperfeiçoado, de forma que possam ser analisados não apenas as relações causais introduzidas por conectores diversos, mas também por outras unidades lexicais e em casos em que haja apenas a justaposição de elementos que permitam inferências causais. Além disso, ampliação do instrumentário metodológico deve levar em consideração não apenas o alinhamento subjetividade/objetividade, mas igualmente outras operações de perspectivação conceitual, de maneira que possam ser apreendidos detalhes mais refinados sobre a conceituação da causalidade e da estrutura conceitual subjacente à relação em seus diversos níveis.

5 Considerações finais

Partindo da proposta de Pander Maat & Degand (2001), o presente trabalho promoveu o levantamento bibliográfico do aparato teórico necessário à descrição cognitiva da causalidade a partir da adapção dos métodos utilizados pelos autores do estudo original. A base teórica foi elaborada a partir do que foi apresentado no artigo de 2001 e contraposta a diferentes abordagens e propostas teóricas de descrição da causalidade no âmbito linguístico. A análise procedeu por meio da adapção do aparato metodológico às condições encontradas para a descrição das interpretações e usos dos conectores oracionais sintáticos causais da língua alemã: *da*, *denn* e *weil*. Diante disso, o presente trabalho estruturou-se da seguinte maneira:

O capítulo 1 estabeleceu a relação entre os três grandes movimentos de pesquisa linguística que abordam a temática da causalidade. Dessa maneira, em 1.2 apresentaram-se os fundamentos básicos da construção do significado linguístico no âmbito da Semântica Formal e caracterizou-se a relação causal a partir deste viés. Argumentou-se que, apesar de uma preocupação em determinar quais as proposições melhor descreveriam as propriedades da relação causal a partir de uma perspectiva objetivista, a tradição formalista deixa de lado aspectos importantes da linguagem humana como, por exemplo, a constituição biológica do indivíduo, que determinaria a configuração de seu sistema cognitivo. Dessa forma, apesar de seus méritos em relação à descrição formalizada da causalidade, o autor do presente trabalho argumentou e defendeu que, por não levar em conta importantes aspectos da cognição humana, a abordagem formalista não deve ser considerada um modelo adequado à descrição da codificação linguística da causalidade.

Em oposição à tradição formalista, a chamada tradição funcionalista, apresentada em 1.3, dispõe de meios mais adequados, embora insuficientes para a descrição da causalidade. Se, por um lado, a tradição funcionalista leva em consideração aspectos negligenciados pelo formalismo (enquadramento sócio-cultural do falante e aspectos relativos à interação linguística como atividade complexa), por outro lado, não se faz evidente uma preocupação por estabelecer os critérios básicos que delimitam a causalidade a partir de elementos cognitivos. Dessa forma, argumenta-se que a tradição funcionalista dá um passo importante no avanço do estudo da causalidade ao incluir elementos antes considerados pouco significativos, mas deixa de lado justamente a definição do fenômeno: afinal, o que é causalidade?

A essa questão o conjunto formado pelas abordagens cognitivistas parecem ter uma resposta mais adequada. Ao levar em consideração a constituição cognitiva humana, os aspectos interativos da linguagem e a contextualização sócio-cultural dos usuários de uma língua, a Linguística Cognitiva lançou as bases para uma compreensão mais profunda da faculdade linguística e, consequentemente, para um estudo mais complexo da causalidade em suas diversas facetas.

Introduzida em 1.4, a Linguística Cognitiva alia pesquisa empírica de diferentes áreas das Ciências Cognitivas para explorar diferentes formas de interação entre o sistema conceitual humano e a faculdade linguística. São apresentadas nessa seção as premissas que pautam a pesquisa e alguns de seus desdobramentos; apresenta-se também a Gramática Cognitiva, de Langacker, uma das abordagens acerca do estudo da estrutura gramatical desenvolvida no âmbito dessa vertente teórica. Foi exatamente esta abordagem de Langacker que ofereceu os fundamentos analíticos e estruturais do presente trabalho e permitiu encontrar mecanismos cognitivos capazes de abordar a relação causal de maneira mais adequada e profunda ao demonstrar que os significados linguísticos são constituídos por uma base conceitual e operações de perspectivação que permite acessar a base a partir de diferentes ângulos e, assim, criar uma gama de possibilidades de graus de detalhe e pontos de vista conceituais.

O capítulo 2, por sua vez, apropriou-se do aparato teórico desenvolvido pela Linguística Cognitiva e pela Gramática Cognitiva para elaborar a descrição de uma das abordagens cognitivas para a causalidade, a saber: o gradiente relacional postulado por Pander Maat & Degand (2001). Em primeira linha, o presente trabalho constituiu-se como uma réplica desse estudo primeiramente idealizado para a descrição das possibilidades de conexão causal por meio de conectores oracionais adverbiais da língua neerlandesa. O presente trabalho diferenciou-se, entretanto, ao aplicar o gradiente desenvolvido no estudo original aos conectores oracionais sintáticos da língua alemã e investigar de que maneira as relações introduzidas pelos conectores *da*, *denn* e *weil* poderiam ser categorizadas nos termos do gradiente relacional de Pander Maat & Degand (2001). Alguns pontos obscuros do estudo original foram desenvolvidos com um grau maior de detalhe ao longo desse capítulo. É o caso da base relacional da causalidade, apresentada de forma muitíssimo breve e que necessitava de uma elaboração mais explícita. Assim, a seção 2.2 descreveu as possibilidades de constituição da base conceitual da causalidade como relação linguística e tratou tanto da dinâmica de forças de Talmy (2000a) quanto da abordagem lógica de Mackie (1965). Embora esta fosse a base preferida pelos autores do estudo original, incluiu-se também a abordagem da dinâmica de forças pelo fato de que se apresentava como uma alternativa interessante e pautada em mecanismos cognitivos e padrões esquemáticos de interações de forças, sendo a definição abstrata de Mackie (1965), ainda que possível, difícil de ser analisada a partir dos princípios da Gramática Cognitiva, uma vez que tem base essencialmente algorítmica e não corporeada. Por fim, a seção 2.3 descreveu os mecanismos utilizados por Pander Maat & Degand (2001) para a construção do gradiente relacional, bem como definiu quais as relações que o compõem. Partiu-se da ideia de que a causalidade é um fenômeno essencialmente mental e de que há a necessidade de um **sujeito de consciência**, ou seja, um indivíduo dotado de habilidades cognitivas que o permitam assumir o papel de **conceituador** de uma dada **situação objetiva**, capaz de estabelecer a relação causal entre eventos e estados no mundo, a abordagem gradual da causalidade assume que os diferentes tipos de relação causal surgem a partir da manifestação desse sujeito de consciência na conceituação de uma determinada situação objetiva e de como essa parte da conceituação pode estar ou não diretamente identificada com o falante.

Mais adiante, o capítulo 3 foram descritos os fundamentos metodológicos que pautaram a análise empreendida pelo presente trabalho, bem como os princípios de seleção das ocorrências dos conectores no *corpus* de pesquisa. Foram apresentadas as paráfrases que compunham o teste a ser aplicado nas ocorrências e também a descrição e explanação da função semântica de casa paráfrase, a fim de deixar claro de que maneira poderiam ser de serventia para elucidar as diferentes interpretações possíveis a cada um dos conectores analisados.

E, por fim, o capítulo 4 descreveu os objetivos e as hipóteses de trabalho da pesquisa aqui apresentada pautaram-se em diferentes aspectos do estudo dos conectores oracionais. Embora a pesquisa em si tenha objetivos práticos de análise e verificação da validade dos dados apresentados, ela também dispõe de objetivos teóricos e de cunho bibliográfico. Essencialmente, procurou-se estabelecer um aparato teórico que fosse além daquele apresentado por Pander Maat & Degand (2001), pois o autor partiu do princípio de que o levantamento bibliográfico aprofundado de certas questões que envolvem a causalidade poderiam lançar luz sobre a forma como essa relação é conceituada e utilizada linguisticamente. O capítulo 4, portanto, apresentou os aspectos práticos da pesquisa. Eles certamente não representam algo secundário na constituição do presente trabalho, mas desenvolveu-se a partir da reflexão sobre o estudo da causalidade de acordo com Pander Maat & Degand (2001), sem que aspectos do trajeto teórico sobre o tema tenham influenciado diretamente a análise dos dados.

A partir dos resultados obtidos por meio da análise dos dados, sobre a distribuição dos conectores no gradiente relacional da causalidade foi possível observar que:

- O conector **da** codifica preferencialmente relações da porção epistêmica do gradiente relacional, embora também possa estabelecer relações causais voluntárias;
- O conector **denn** codifica preferencialmente relações da porção epistêmica do gradiente relacional, mas, em contrapartida, não estabelece relações na causais involuntárias ou voluntárias. Com ele, entretanto, é possível estabelecer relações de motivação entre atos de fala, situadas na porção final do gradiente;
- O conector **weil** codifica preferencialmente relações causais voluntárias, embora possa ser utilizado para estabelecer relações epistêmicas causais entre os segmentos oracionais que conecta;
- Os conectores **da** e **weil** concorrem na codificação de relações causais voluntárias e epistêmicas causais, sendo que sua diferenciação está relacionada a diferentes configurações da estrutura conceitual que impõem à situação objetiva que descrevem e a diferentes disposições da estrutura informacional que agregam à conceituação;
- As relações **causais involuntárias** e as **relações de paráfrase entre atos de fala** não são codificadas por meio dos conectores analisados.

Além disso, foi possível observar que o gradiente relacional da causalidade permite um intricando sistema de categorização das relações nele contidas.

- Os conectores **da** e **weil** alternam-se na codificação de relações causais voluntárias por imporem diferentes estruturas informacionais aos segmentos conectados. O conector **da** introduz preferencialmente causas já conhecidas a partir do cotexto ou que o escritor assume ser de conhecimento geral. O conector **weil**, por sua vez, introduz preferencialmente causas que se assumem ser desconhecidas para o leitor. Na relação causal voluntária, o sujeito de consciência apresenta-se como participante da situação objetiva e o falante cede-lhe espaço em sua conceituação para que a relação causal seja construída a partir de sua perspectiva.

- Os conectores **da**, **denn** e **weil** alternam-se na codificação de relações epistêmicas. Os conectores **da** e **weil** licenciam diferentes disposições na configuração da função do sujeito de consciência, o que lhes permite conectar segmentos discursivos em mais de um nível do gradiente. As relações epistêmicas apresentam uma configuração para o arranjo do sujeito de consciência de tal forma que este é associado primariamente ao escritor e secundariamente ao leitor, de maneira que nas relações epistêmicas o sujeito de consciência não faz parte da situação objetiva descrita, mas compõe elementos do *ground* comunicativo construídos de maneira mais ou menos implícita na conceituação entretida pelo escritor. O conector **denn**, por sua vez, introduz relações epistêmicas em que o escritor procura impor um determinado argumento, ainda desconhecido pelo leitor, como causa ou motivação para um argumento anterior. Fossem os textos jornalísticos dotados de caráter dialógico mais significativo ou tratasse o presente trabalho de gêneros textuais da língua falada, seria possível perceber que o conector **denn** funciona essencialmente como estratégia para evitar assalto ao turno.

- O conector **da** e **denn** alternam-se na codificação de relações epistêmicas não causais, o que essencialmente indica que o conector **da** permanece com sua função de introduzir causas que são presumidamente conhecidas ao leitor, enquanto o conector **denn** introduz causas que o escritor presume não ser de domínio de seu leitor. Há caráter essencialmente argumentativo e as relações introduzidas por tais conectores não estão vinculadas diretamente ao molde de causalidade da base conceitual prototípica, mas são utilizados para codificar outros tipos de relação de inferência.

Foi possível ao longo do processo de pesquisa verificar quais vantagens e desvantagens a proposta de análise via gradiente relacional apresenta. O gradiente relacional mostrou-se eficiente e benéfico ao estudo das relações causais introduzidas por conectores oracionais sintáticos da língua alemã pelos seguintes motivos:

— Maior grau de detalhe na categorização das relações causais;

— Motivação das relações e de seus diferentes níveis a partir da interação entre base conceitual, sujeito de consciência e operações de perspectivação conceitual;

— Possibilidade de explicitar os vínculos categoriais entre os usos das diferentes relações de causa e de interrelação entre os conectores que as introduzem;

— Enquadramento em uma teoria linguística já bem estruturada e fundamentada em elementos da cognição humana e do funcionamento da faculdade linguística.

Todavia, é preciso ressaltar que do ponto de vista metodológico encontram-se algumas desvantagens em relação a outras propostas de análise e categorização das leituras e interpretações dos conectores causais da língua alemã, dentre elas é possível mencionar:

— A base conceitual é de difícil manipulação para averiguar de que forma causa e consequência se relacionam;

— Difícil manipulação do teste de paráfrases;

— As paráfrases utilizadas revelam apenas parcialmente as possibilidades de conexão;

— São deixadas de lado as possibilidade de conexão em que o sujeito de consciência não está diretamente vinculado ao falante nas relações epistêmicas.

Ainda assim, o gradiente causal revela-se como uma interessante abordagem à causalidade que merece ser aprofundada e mais bem elaborada ao longo dos próximos anos de pesquisa na área. Deixá-lo de lado significaria abandonar uma das poucas abordagens ao tema que levam em consideração aspectos importantes da cognição humana e fundamentam-se em pesquisa teórica e empírica em diferentes áreas das Ciências Cognitivas. Para que a abordagem possa ser utilizada com mais precisão e versatilidade é preciso, entretanto, que sejam feitas reelaborações sistemáticas em sua estrutura e em seus métodos de obtenção de dados relevantes.

Uma dessa modificações necessárias tange a constituição da base relacional da causalidade. Seria interessante averiguar de que maneira a substituição da base definida por Mackie (1965) por uma base como a dinâmica de forças poderia beneficiar o estudo da causalidade e mostrar como essas esquematizações de interações de força permeiam os mais variados sistemas relacionais da cognição humana e da faculdade linguística. Além disso, reelaborar o teste de paráfrases e refiná-lo para que possa captar o maior número de sutilezas das possíveis leituras de cada conector seria de fundamenta importância, bem como a inserção de outros testes e artifícios metodológicos que complementem o uso do teste de paráfrases.

Outra modificação a ser levada em consideração é a inclusão de outras operações de perspectivação conceitual no gradiente e a averiguação de como essas outras operações influenciam a conceituação e construção da causalidade por meios linguísticos nos diferentes eventos de uso dos conectores oracionais. Essa modificação poderia ser acompanhada de uma ampliação tanto

do número de conectores oracionais analisados e das categorias semânticas de conexão, quanto também dos gêneros textuais analisados, de forma que o maior número de tipos de eventos de uso de cada conector possa ser considerado para a elaboração de um modelo de investigação mais refinado.

Por fim, é importante ressaltar que a causalidade permeia os mais diferentes aspectos da vida cotidiana dos seres humanos e está relacionada diretamente à aquisição de conhecimento e de sua estruturação. Elaborar um modelo descritivo que seja adequado e eficiente não apenas a partir do ponto de vista linguístico, mas também conceitual é suma importância para que se compreenda de maneira mais aprofundada de que forma a causalidade pode ser concebida como elemento estruturador de conhecimento na cognição.

Referências

ABREU, A. S. *Linguística Cognitiva: Uma visão geral e aplicada*. Cotia (SP): Ateliê, 2010.

BLÜHDORN, H. Kausale Satzverknüpfungen im Deutschen. *Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos*, 2006. FFLCH/USP, São Paulo, v. 10, p. 253–82, 2006. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum-/site/images/pdf/ed2006/Kausale_Satzverknpfungen_im_Deutschen.pdf>. Acesso em: 17/08/2012.

____. Epistemische Lesarten von Satzkonnektoren: Wie sie zustande kommen und wie man sie erkennt. In: POHL, I. (Ed.). *Semantik und Pragmatik – Schnittstellen*. Frankfurt am Main: Lang, 2008. Disponível em: <http://www1.ids-mannheim.de/fileadmin/gra/texte/epistemisch.pdf>. Acesso em: 05/01/2011.

____. *Syntax und Semantik der Konnektoren — Ein Überblick*. Mannheim: IDS, 2008. Disponível em: <http://www1.ids-mannheim.de/fileadmin/gra/texte/blu_ueberblick.pdf>. Acesso em: 17/11/2011.

____. *A semantic typology of sentence connectives*. Mannheim: IDS, 2009. Disponível em: <http://www1.ids-mannheim.de/fileadmin/gra/texte/blu_semantic_typology.pdf>. Acesso em: 20/02/2011.

BLÜHDORN, H.; RAVETTO, M. *Die Kausalkonnektoren denn, weil, da im Deutschen und poiché, perché, siccome im Italienischen*. Mannheim: IDS, 2008. Disponível em: <http://www1.ids-mannheim.de/fileadmin/gra/texte/rav_blu_kausalkonnektoren.pdf>. Acesso em: 17/11/2011.

BUSCHA, J. *Lexikon deutscher Konjunktionen*. Munique, Berlim, Viena, Zurique: Langenscheidt, 1989.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DANCYGIER, B. Causes and consequences: Evidence from Polish, English, and Dutch. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). *Causal Categories in Discourse and Cognition*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2009, (Cognitive Linguistics Research, 44). p. 91–118.

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar - Part I: The Structure of the clause*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 1997. (Publicado originalmente em 1989).

DIRVEN, R. The construal of cause: The case of causal prepositions. In: TAYLOR, J. R.; MACLAURY, R. E. (Ed.). *Language and the Cognitive Construal of the World*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2005, (Trends in Linguistics: Studies and Monographs, 82). p. 95–118.

DUDEN. *Dudenband 4 — Die Grammatik*. 8. ed. Mannheim, Leipzig, Viena, Zurique: Bibliographisches Institut, 2009.

EVANS, V.; BERGEN, B.; ZINKEN, J. *The cognitive linguistics reader*. Londres, Oakville: Equinox Publishing Limited, 2007. (Advances in Cognitive Linguistics Series).

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: An introduction*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2006.

FAGARD, B.; DEGAND, L. Cause and subjectivity, a comparative study of French and Italian. *Lingvisticæ Investigationes*, 2010. v. 33, n. 2, p. 179–193, 2010. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/jbp/li/2010/00000033/00000002/art00003>.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Nova York: Basic Books, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure.* Chicago: Chicago University Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. Londres, Nova York: Arnold Publishers; Oxford University Press, 2004.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Malden (MA): Blackwell Publishing Ltd, 1998.

HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Tradução para o português por José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

____. *An Enquiry Concerning Human Understanding and Other Writings*. Cambridge: University Press, 2007. (Cambridge Texts in the History of Philosophy).

KHLENTZOS, D. Challenges to metaphysical realism. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Spring 2011. Stanford: Stanford University Press, 2011. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2011/entries/realism-sem-challenge>.

KLEENE, S. C. *Mathematical Logic*. Mineola, Nova York: Dover Publications, Inc., 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire, and other dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANG, E. *Semantik der koordenativen Verknüpfung*. Berlim (RDA): Akademie-Verlag, 1977.

LANGACKER, R. W. Space grammar, analysability, and the english passive. *Language*, 1982. Linguistic Society of America, v. 58, n. 1, p. pp. 22–80, 1982. ISSN 00978507. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/413531>.

____. *Foundations of Cognitive Grammar*: Volume 1 — Theoretical Prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

____. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, 1990. v. 1, n. 1, p. 5–38, 1990.

____. *Foundations of Cognitive Grammar*: Volume 2 — Descriptive Application. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

____. *Grammar and Conceptualization*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2000. (Cognitive Linguistics Research, v. 14).

____. Subjectification and gramaticization. In: *Grammar and Conceptualization*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2000, (Cognitive Linguistics Research, 14). p. 297–315.

____. Discourse in cognitive grammar. *Cognitive Linguistics*, 2001. v. 12, n. 2, p. 143–188, 2001. Disponível em: <http://www.wam.umd.edu/~israel/LangackerDiscourse2002.pdf>.

____. Dynamicity in grammar. *Axiomathes*, 2001. Springer Netherlands, v. 12, n. 1-2, p. 7–33, 2001. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1012701031022>. Acesso em: 05/01/2013.

____. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. 2. ed. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2002. (Cognitive Linguistics Research, 1).

____. Subjectification, grammaticalization, and conceptual archetypes. In: ATHANASIADOU, A.; CANAKIS, C.; CORNILLIE, B. (Ed.). *Subjectification: Various Paths to Subjectivity*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2006, (Cognitive Linguistics Research, 31). p. 17–40.

____. Cognitive grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2007. p. 421–462.

____. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEWIS, D. Causation. *The Journal of Philosophy*, 1973. Journal of Philosophy, Inc., v. 70, n. 17, p. 556–567, 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2025310>. Acesso em: 05/01/2011.

LOHNSTEIN, H. *Formale Semantik und natürliche Sprache: Einführendes Lehrbuch*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1996.

____. Variable und invariante Strukturmerkmale von Satzkonnektoren. In: BLÜHDORN, H.; BREINDL, E.; WASSNER, U. H. (Org.). *Brücken schlagen — Grundlagen der Konnektorensemantik*. Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2004, (Linguistik — Impulse & Tendenzen, 5). p. 137–160.

MACKIE, J. L. Causes and conditions. *American Philosophical Quarterly*, 1965. University of Illinois Press on behalf of the North American Philosophical Publications, v. 2, n. 4, p. 245–264, 1965. ISSN 00030481. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20009173>.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical structure theory: Toward a functional theory of text organization. *Text*, 1988. v. 8, n. 3, p. 243–281, 1988.

MEYER, P. G. The relevance of causality. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause-Condition-Concession-Contrast. Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2000, (Topics in English Linguistics, 33). p. 9–34.

NEVES, M. H. de M. As construções causais. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado*: Volume 7: Novos estudos. São Paulo: Editora Unicamp, 1999. p. 461–96.

PANDER MAAT, H.; DEGAND, L. Scaling causal relations and connectives in terms of speaker involvement. *Cognitive Linguistics*, 2001. v. 12, n. 3, p. 211–245, 2001.

PANDER MAAT, H.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connectives explained. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause-Condition-Concession-Contrast. Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2000, (Topics in English Linguistics, 33). p. 57–82.

____. Subjectivity in causal connectives: an empirical study of language in use. *Cognitive Linguistics*, 2001. v. 12, n. 3, p. 247–273, 2001.

PASCH, R. *et al. Handbuch der deutschen Konnektoren*: Linguistische Grundlagen der Beschreibung und syntaktische Merkmale der deutschen Satzverknüpfer (Konjunktionen, Satzadverbien und Partikeln). Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 2003.

PEARL, J. *Causality*: Models, reasoning and interface. Cambridge: University Press, 2000.

PIT, M. *How to Express Yourself with a Causal Connective: Subjectivity and Causal Connectives in Dutch, German and French*. Amsterdã: Rodopi, 2003. (Utrecht Studies in Language and Communication Series, 17).

____. Cross-linguistic analyses of backward causal connectives in Dutch, German and French. *Languages in Contrast*, 2007. v. 7, n. 1, p. 53–82, 2007. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/jbp/lic/2007/00000007/00000001/art00003>.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic Logics*. Nova York: The Free Press, 1966. (Publicado originalmente em 1947).

REIS JÚNIOR, F. M. Análise da organicidade tópica em dois textos jornalasticos sobre o mesmo evento: *Folha de S. Paulo* (Brasil) e *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (Alemanha). In: NOMURA, M.; BATTAGLIA, M. H. (Orgs.). *Estudos lingüísticos contrastivos em Alemão e Português*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 187–203.

RUSSELL, B. On the notion of cause. *Proceedings of the Aristotelian Society*, 1913. v. 13, p. 1–26, 1913.

SANDERS, J.; SPOOREN, W. Perspective, subjectivity, and modality from a cognitive linguistic point of view. In: LIEBERT, W.-A.; REDEKER, G.; WAUCH, L. (Ed.). *Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997, (Current Issues in Linguistic Theory, 151). p. 85–112.

SANDERS, T.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: A mental espace analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). *Causal Categories in Discourse and Cognition*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2009, (Cognitive Linguistics Research, 44). p. 19–61.

SANDERS, T.; SPOOREN, W.; NOORDMAN, L. G. M. Toward a taxonomy of coherence relations. *Discourse Processes*, 1992. v. 15, p. 1–35, 1992.

____. Coherence relations in a cognitive theory of discourse representation. *Cognitive Linguistics*, 1993. v. 4, n. 2, p. 93–133, 1993.

SANDERS, T.; SWEETSER, E. Causality in language and cognition: What causal connectives and causal verbs reveal about the way we think. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). *Causal Categories in Discourse and Cognition*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2009, (Cognitive Linguistics Research, 44). p. 1–18.

SHIBATANI, M. Introduction: Some basic issues in grammar of causation. In: SHIBATANI, M. (Ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 1–22.

SHOHAM, Y. Nonmonotonic reasoning and causation. *Cognitive Science*, 1990. v. 14, p. 213–252, 1990. Disponível em: <http://www.cogsci.rpi.edu/csjarchive/1990v14/i02-/p0213p0252/main.pdf>. Acesso em: 25/04/2012.

SILVA, A. S. da; BATORÉO, H. J. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, A. M. (Ed.). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto, 2010. p. 229–251. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8319.pdf>.

STUKKER, N. M. *Causality marking across levels of language structure: A cognitive semantic analysis of causal verbs and causal connectives in Dutch*. Tese (Doutorado) — Universiteit Utrecht, 2005.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, 1988. v. 12, n. 1, p. 49–100, 1988. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1207-/s15516709cog1201_2/pdf>.

____. *Toward a Cognitive Semantics. Volume 1: Concept Structuring Systems*. Cambridge (MA), Londres: The MIT Press, 2000.

____. *Toward a Cognitive Semantics. Volume 2: Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge (MA), Londres: The MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge (MA), Londres: Harvard University Press, 1999.

VERHAGEN, A. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax, and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

____. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2007. p. 48–81.

WEINRICH, H. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. 4. ed. revisada. Hildesheim, Zurique, Nova York: Georg Olms Verlag, 2007.

WOODWARD, J. *Making things happen*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, 1997. The MIT Press, v. 28, n. 1, p. 27–68, 1997.

ZIFONUN, G. *et al. Grammatik der deutschen Sprache*. Berlim, Nova York: Walter de Gruyter, 1997. (3 volumes).

ANEXO A – Ocorrências dos conectores analisados

A.1 Ocorrências do conector *da*

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
1	HAZ12/JAN.00023	Die Beamten erteilten der 46-Jährigen einen Platzverweis.	**Da**	die Streitlustige sich nicht an die Anweisung hielt, wurde sie zur Wache gebracht.
2	HAZ12/JAN.00050	Die Behörden zeigten sich über den neuen Fall von Vogelgrippe beunruhigt,	**da**	der Mann offenbar in dem Monat vor seiner Erkrankung keinen direkten Kontakt mit Geflügeltieren hatte.
3	HAZ12/JAN.00061	Bei den Niedersachsen trainierten mit dem Tschechen Petr Jiracek, dem mazedonischen Stürmer Ferhan Hasani und dem serbischen Mittelfeldspieler Slobodan Medojevic gleich drei neue Spieler mit.	**Da**	Trainer Felix Magath von Geldgeber Volkswagen grünes Licht für weitere Neuzugänge bekommen hat, darf man gespannt sein, mit wie vielen neuen Gesichtern der VfL am Sonnabend in Richtung Dubai abfliegen wird
4	HAZ12/JAN.00070	Spaziergänger wurden gegen 15.30 Uhr auf die verzweifelte Situation des Greifvogels aufmerksam und holten die Feuerwehr zu Hilfe.	**Da**	die Einsatzkräfte den Bussard weder mit einer Drehleiter noch mit anderen Gerätschaften erreichen konnten, wurden die Höhenretter hinzugezogen.
5	HAZ12/JAN.00278	Sollte sich der Vorwurf bestätigen, dass die Brände mit Brandbeschleuniger gelegt wurden, “könnte das zusätzliche Haft bedeuten”, erklärte Staatsanwalt Steve Cooley.	**Da**	der 24-Jährige die Feuer nachts, als alle schliefen, gelegt habe, handele es sich “geradezu um versuchten Mord”.
6	HAZ12/JAN.00640	2010 bat er um eine Neuausfertigung,	**da**	sein Zeugnis nicht mehr auffindbar sei.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
7	HAZ12/JAN.00680	Opferanwälte forderten ein neues Gutachten,	**da**	mehrere Nebenkläger das Vorgehen Behring Breiviks während des Massakers auf der Insel Utøya als methodisch und rational wahrnahmen.
8	HAZ12/JAN.00756	Der Täter betrat das Geschäft in der Pattenser Straße gegen 20 Uhr und richtete sofort die Pistole auf eine 54-jährige Kassiererin.	**Da**	die Frau nicht wie verlangt sofort das Bargeld herausgab, feuerte der Maskierte einmal in die Luft.
9	HAZ12/JAN.00808	Schon heute (19.30 Uhr) muss sie im Viertelfinale des Pokalwettbewerbs beim Oberligisten Löwen Frankfurt antreten.	**Da**	es für die Indians das dritte Spiel binnen fünf Tagen ist und schon am Freitag (20 Uhr) Zweitliga-Tabellenführer Landshut Canibals zum Punktspiel an den Pferdeturm kommt, wird Künast im sportlich bedeutungslosen Pokalwettbewerb einige Spieler schonen.
10	HAZ12/JAN.00821	Betroffen seien Höfe in den Kreisen Oldenburg, Cuxhaven, Diepholz und Wesermarsch, teilte das Landesamt für Verbraucherschutz und Lebensmittelsicherheit in Oldenburg gestern mit.	**Da**	es aber noch keine Meldepflicht gebe, seien wahrscheinlich deutlich mehr Tiere erkrankt, sagte eine Sprecherin.
11	HAZ12/JAN.00825	Die Großraumdiskothek “Capitol” in Oyten (Kreis Verden) ist in der Nacht zu Montag vollständig abgebrannt.	**Da**	sie geschlossen war, wurde niemand verletzt.
12	HAZ12/JAN.00854	Die Deutsche Bahn als Nachfolgerin der Deutschen Reichsbahn sei der falsche Adressat für diese Ansprüche, sagte ein Gerichtssprecher.	**Da**	die betriebliche Altersversorgung der Reichsbahner schon 1974 von dem gesetzlichen Rentenversicherungsträger der DDR übernommen wurde, müssten sich die Forderungen auch jetzt an die gesetzliche Rentenversicherung richten.
13	HAZ12/JAN.01016	Die Frau forderte vom Vermieter die Beseitigung und behielt einen Teil der Miete ein. Die Richter des Landgerichts Düsseldorf gaben ihr recht,	**da**	die Wohnung optisch beeinträchtigt sei.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
14	HAZ12/JAN.01035	Datenschützer kritisieren seit Langem, dass für diese Art der Publikation in Deutschland die rechtliche Grundlage fehle,	**da**	Facebook seine Server ausschließlich in den USA aufgestellt hat
15	HAZ12/JAN.01063	Danach legte Harald Petersen seine Ämter bei der SdK nieder, um Interessenkonflikte zu vermeiden,	**da**	er in dem Prozess den Hauptangeklagten und früheren SdK-Vize Markus Straub vertritt
16	HAZ12/JAN.01067	Hinzu kommen einige Teilnehmer aus anderen Bundesländern,	**da**	die Veranstaltung für Behindertensportler deutschlandweit ausgeschrieben wurde.
17	HAZ12/JAN.01099	Die Richter müssen dann prüfen, ob die Antwort falsch war und seine Rechte verletzt wurden.	**Da**	die SPD-Fraktion am Donnerstag zum selben Vorgang eine falsche Antwort von Finanzminister Hartmut Möllring erhielt, könnte sie sich Bartlings Klage anschließen.
18	HAZ12/JAN.01128	Laut asiatischem Kalender ist das Jahr des Drachen angebrochen — und es verspricht traditionell ein Glücksjahr zu werden.	**Da**	dieses gebührend begrüßt werden muss, lud Renate Schaadt, Vorsitzende der Deutsch-Japanischen Gesellschaft Chado-Kai, am Sonnabend zu einem Neujahrsfest ins Maritim Grand Hotel ein.
19	HAZ12/JAN.01196	Dem Votum der Döhrener kommt besonders große Bedeutung zu,	**da**	sie die meisten Delegierten in jene Konferenz entsenden, die am 21. März endgültig über die Landtagskandidatur entscheidet.
20	HAZ12/JAN.01314	Wir wissen davon nichts, aber es ist seine freie Entscheidung,	**da**	sein Vertrag am 30. Juni ausläuft."Adler hat seit einer Knie-Operation im Juli 2011 kein Spiel mehr bestritten.
21	HAZ12/JAN.01331	Der Abbau der Werbetafel könne allerdings noch einige Tage dauern,	**da**	zunächst ein Spezialgerüst beschafft werden müsse.
22	HAZ12/JAN.01439	Das Testturnier heute in Potsdam musste die TSV indes absagen,	**da**	durch das Fehlen der EM-Teilnehmer, Krankheit und Blessuren nur sechs gesunde Feldspieler zur Verfügung stehen.
23	HAZ12/JAN.01462	Die Norm gilt für den Zentralstaat und alle Regionen und Kommunen.	**Da**	die Regierung Rajoy die absolute Mehrheit hat, gilt die Annahme des Gesetzes als sicher.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
24	HAZ12/JAN.01529	Der Namen des Erregers leitet sich vorläufig von der gleichnamigen Stadt im Sauerland ab.	**Da**	das Virus am Friedrich-Loeffler-Institut (FLI) erstmals bei Rindern aus Schmallenberg nachgewiesen wurde, kam der Name ins Spiel.
25	HAZ12/JAN.01560	Am Sonntag hatten die Arbeiten erneut unterbrochen werden müssen,	**da**	sich die “Costa Concordia” bei starkem Wind und Seegang bewegt hatte.
26	HAZ12/FEB.00032	Der Trend werde sich auch 2012 fortsetzen,	**da**	die Nachfrage wegen der konjunkturellen Abkühlung nachlasse.
27	HAZ12/FEB.00332	In der Tabelle machte sich Lazios (39 Punkte) Ausrutscher nicht bemerkbar,	**da**	auch alle anderen Topklubs gestern nicht gewannen.
28	HAZ12/FEB.00341	Roma müssten dort derzeit in zumeist provisorischen Hütten bei bis zu minus 28 Grad ohne fließendes Wasser leben,	**da**	die Leitungen eingefroren seien. Die Organisation forderte ein Bleiberecht für Roma aus dem Kosovo.
29	HAZ12/FEB.00420	Die junge Frau wollte laut gefundenen Tagebucheinträgen das Verhältnis beenden,	**da**	sie einen gleichaltrigen Mann kennengelernt hatte.
30	HAZ12/FEB.00442	Das Schweißen des gebrochenen Gleises war schwierig,	**da**	es mehr als minus 20 Grad kalt war und erst langsam erwärmt werden musste
31	HAZ12/FEB.00488	Hubschrauber bringen Fracht und Menschen vom Festlandhafen Neuharlingersiel zur Insel hin und zurück.	**Da**	Spiekeroog keinen eigenen Flugplatz hat, können aber nur Hubschrauber den kleinen Landeplatz für Rettungsdienste am Inselhafen anfliegen.
32	HAZ12/FEB.00701	Mit schwarzer Farbe hatte er die Schachtel angemalt, um sie so vor Entdeckung zu schützen.	**Da**	der 71-Jährige nicht angeben konnte, woher die Patronen stammen, und über keine gültige Waffenbesitzkarte verfügt, wurde die Munition beschlagnahmt.
33	HAZ12/FEB.00904	An das, was anschließend geschehen ist, hat sie keinerlei Erinnerungen.	**Da**	die Handtasche der 39-Jährigen fehlt, vermutet die Polizei, dass die Frau Opfer eines brutalen Straßenräubers geworden ist.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
34	HAZ12/FEB.00973	Die Grünen schließen einen späteren Untersuchungsausschuss zwar nicht aus, doch die dafür noch zur Verfügung stehende Zeit wird knapp:	**Da**	schon in elf Monaten die Landtagswahlen stattfinden, ein solcher Ausschuss aber frühestens im Mai starten könnte, wäre der Zeitraum der Untersuchung eng begrenzt.
35	HAZ12/FEB.00974	Auf den Bundestag muss Eimterbäumer dabei nicht weiter warten:	**Da**	Wulff nicht mehr Bundespräsident ist, gilt für ihn auch nicht mehr der Schutz vor strafrechtlicher Verfolgung.
36	HAZ12/FEB.01041	Bulimie ist im Gegensatz zu anderen Essstörungen oft nicht erkennbar,	**da**	die Betroffenen oft normalgewichtig sind.
37	HAZ12/FEB.01214	Gebirgspässe mit Grenzübergängen zu Argentinien und Bolivien seien teilweise geschlossen.	**Da**	mit weiterem Regen zu rechnen sei, sollten Touristen mit ihren Reiseveranstaltern Kontakt halten und sich vor Ort über die aktuelle Lage informieren.
38	HAZ12/FEB.01294	Zur gleichen Zeit versuchte sein Komplize, der Frau die Handtasche zu entreißen.	**Da**	das Opfer die Tasche nicht loslassen wollte, griff er schließlich hinein und zog die Geldbörse der 90-Jährigen heraus.
39	HAZ12/FEB.01347	Er sei zweifelhaft,	**da**	er sehr unterschiedliche Phänomene bezeichne.
40	HAZ12/FEB.01375	Der Zug mit 321 Passagieren war auf der Fahrt von Stuttgart nach Hamburg.	**Da**	der Schaden vor Ort nicht behoben werden konnte, mussten die Reisenden im Leinebuschtunnel in einen zweiten Zug umsteigen, der auf das Nebengleis geleitet wurde.
41	HAZ12/MAR.00070	Die von der Regierung erlassene Verordnung verstoße gegen das Grundgesetz,	**da**	Bundestag und Bundesrat missachtet worden seien, erklärten die Verkehrspolitiker Sören Bartol (SPD) und Anton Hofreiter (Grüne) am Donnerstag bei der Vorstellung der Klage.
42	HAZ12/MAR.00101	Als ÖPP-Vorhaben werden Bau- und Verkehrsprojekte bezeichnet, die normalerweise als Aufgabe der öffentlichen Hand entstehen würden.	**Da**	sie aber mithilfe von privaten Finanzierungsgesellschaften gestemmt werden, werden diese Großprojekte als Öffentlich-private Partnerschaften (ÖPP) bezeichnet.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
43	HAZ12/MAR.00131	Zwei weitere Schüler wurden verletzt. Laut Staatsanwaltschaft hat der Angeklagte seine Tat gestanden.	**Da**	er ebenfalls erst 17 Jahre alt ist, wurde die Klage am Donnerstag zunächst bei einem Jugendgericht eingereicht.
44	HAZ12/MAR.00135	Im vergangenen Jahr sind beim höchsten deutschen Gericht mehr als 6000 Verfassungsbeschwerden eingegangen.	**Da**	jede Beschwerde von einer Kammer aus drei Richtern geprüft werden muss, seien das 1200 Beschwerden für jeden Richter.
45	HAZ12/MAR.00283	Bei dem Unfall platzten einige der 600 Kilogramm schweren Kartons, sodass sich die Nägel im Laderaum verteilten.	**Da**	die Polizei alle Nägel per Hand auflesen musste, bevor der Lkw auf die Fahrbahn gehoben werden konnte, musste die A 1 stundenlang gesperrt werden.
46	HAZ12/MAR.00366	An der Debatte über Wahlfälschungen wolle er sich nicht beteiligen,	**da**	er keine eigenen Erkenntnisse darüber habe, sagte Schröder. Zugleich wies der Altkanzler darauf hin, dass Russland endlich den verabredeten Modernisierungskurs intensivieren müsse.
47	HAZ12/MAR.00437	In meiner Jugend habe ich mir die Frage nach Selbstfindung nicht gestellt,	**da**	ich mich als angekommen empfand", sagte Makatsch in Hamburg bei der Präsentation von Jo Baiers Fernsehfilm "Die Heimkehr" (zu sehen am 2. Mai, 20.15 Uhr, in der ARD) nach einer Novelle von Hermann Hesse, in der es um Identitätssuche geht.
48	HAZ12/MAR.00687	Auch als Entwöhnungsmittel für starke Raucher sei die E-Zigarette nicht geeignet,	**da**	dem Körper in der Regel nach wie vor Nikotin zugesetzt werde.
49	HAZ12/MAR.00731	Das ist in der Hauptstadt nicht so leicht möglich", sagte sie dieser Zeitung.	**Da**	ihre Eltern aus Köslin (heute Koszalin) stammen, habe sie seit jeher eine enge Bindung zur Ostsee.
50	HAZ12/MAR.00984	Damit stehen allen Beschäftigten 30 Tage Urlaub zu. Die Regelung gilt ab sofort für die Angestellten beim Bund und den Kommunen.	**Da**	der Tarifvertrag für die Beschäftigten der Länder einen gleichen Passus enthält, dürfte die Entscheidung auch Auswirkungen auf die Landesangestellten haben.

A.2 Ocorrências do conector *denn*

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
001	HAZ12/JAN.00079	In der Innenstadt wartet auf sie die meiste Arbeit,	**denn**	dort sind sie nicht nur für die Reinigung von Fahrbahnen, sondern auch für die Sauberkeit der Gehwege und der Plätze zuständig.
002	HAZ12/JAN.00167	So können etliche Betriebe in Hannover auch Fahrzeuge ohne grüne Plakette nach Osnabrück schicken, so sie über eine Ausnahmegenehmigung verfügen.	**Denn**	insbesondere kleine Handwerksbetriebe hat die Stadt Hannover vom Plakettenzwang befreit, wenn der Kauf eines neuen Fahrzeugs oder der Einbau eines Filters wirtschaftlich nicht zumutbar war.
003	HAZ12/JAN.00191	Die Altaktionäre sollen dabei eine bittere Pille schlucken.	**Denn**	die neuen Aktien werden zu knapp 2 Euro angeboten — ein Abschlag von 43 Prozent, wie die Bank am Mittwoch mitteilte.
004	HAZ12/JAN.00196	Vielleicht lernt man den Traumpartner ja auch bei einem Improvisationstheaterabend kennen? In der “Menagerie” könnte das am Freitag tatsächlich passieren,	**denn**	zwei Theaterspielerinnen laden zum gemütlichen Singleabend ins Café am Kötnerholzweg 47 ein.
005	HAZ12/JAN.00363	Mit dieser Finanzspritze steht dem Museumsbau am Maschsee nichts mehr im Wege.	**Denn**	auch die fünf Millionen Euro, die private Sponsoren übernehmen sollten, sind nahezu beisammen.
006	HAZ12/JAN.00462	Bei vielen Schülern darf ein Apfel als Pausensnack nicht fehlen.	**Denn**	er ist nicht nur gesund und schmackhaft, ihm wird auch nachgesagt, müde Menschen wieder munter zu machen.
007	HAZ12/JAN.00468	“Wir haben das gemeinsam überwunden, auch wenn diese Zeit zum Teil wie ein langer, dunkler Tunnel war. Und ich wusste, dass wir es schaffen werden,	**denn**	ich bin absoluter Optimist.”
008	HAZ12/JAN.00749	Für Per Mertesacker war dieser 21. Spieltag in der Premier League einer zum Vergessen.	**Denn**	für seinen FC Arsenal gab es einen herben Rückschlag im Kampf um die Champions-League-Plätze — und der Pattenser hatte auch nicht seinen besten Tag.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
009	HAZ12/JAN.00986	Der Verteidiger des im Februar entmachteten ägyptischen Präsidenten sagte am Donnerstag in seinem Schlussplädoyer, Mubarak dürfe nicht von einem Zivilgericht verurteilt werden.	**Denn**	der 83-Jährige sei bis heute Angehöriger der Streitkräfte im Rang eines Kommandeurs der Luftwaffe.
010	HAZ12/JAN.01009	Vier Wochen vor der Fußball-Europa-League-Partie zwischen Hannover 96 und dem FC Brügge hat die Polizei mit den Vorbereitungen auf das Spiel begonnen.	**Denn**	die szenekundigen Beamten der Behörde stufen die Anhänger des belgischen Klubs als Problemfans ein.
011	HAZ12/JAN.01074	Wer Raubkopien von Filehostern wie Megaupload herunterlädt, macht sich strafbar. Dass diese Downloads tatsächlich strafrechtlich verfolgt werden, ist aber unwahrscheinlich.	**Denn**	dazu müsste der Anbieter die Daten seiner Nutzer gespeichert haben, wofür es keinen Grund gibt.
012	HAZ12/JAN.01080	Ein solcher Ausschuss könnte Einsichtnahme in Akten nehmen und auch Zeugen vorladen, diese dürften gar vereidigt werden. Riskant für die Opposition ist der Weg dennoch,	**denn**	die CDU/FDP-Mehrheit kann den Untersuchungsauftrag erweitern und auch die Reihenfolge der Zeugenvernehmung festlegen.
013	HAZ12/JAN.01307	Was Aktionäre anderswo auf die Barrikaden brächte, ertragen sie bei Apple lächelnd,	**denn**	der Aktienkurs bringt ihnen Rendite genug.
014	HAZ12/JAN.01401	Neil Simons Theaterstück “Oscar und Felix — das seltsame Paar im 21. Jahrhundert” zeigt genau diese Verlorenheit in all ihrer humoristischen Bandbreite:	**Denn**	die beiden eigensinnigen Männer leben nach dem Ende ihrer Ehen auf einmal gemeinsam in einer ganz besonderen Wohngemeinschaft.
015	HAZ12/JAN.01436	Ermittler vermuten, dass sich die Adressaufkleber gelöst haben — oder die Schmuggler schlicht vergessen haben, sie aufzukleben.	**Denn**	beide Säcke waren ohne Adresse und Absender.
016	HAZ12/FEB.00122	Dort sollte eigentlich aufgeführt sein, wie viel Energie im Abrechnungszeitraum tatsächlich verbraucht wurde, erklärt Ulrich Ropertz vom Deutschen Mieterbund.	**Denn**	laut BGH-Urteil vom Mittwoch müssen Mieter nur für den verbrauchten Brennstoff zahlen.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
017	HAZ12/FEB.00122	In diesem Fall sei in der Regel der Ölstand zu Beginn und am Ende des Abrechnungszeitraums in der Heizkostenabrechnung angegeben. Schwieriger sei es bei Gaszentral- oder Fernwärmeheizungen,	**denn**	hier tauche der tatsächliche Verbrauch in den Abrechnungen nicht immer auf.
018	HAZ12/FEB.00122	Mieter sollten in einem solchen Fall misstrauisch werden,	**denn**	dann rechne der Vermieter möglicherweise nach dem sogenannten Abflussprinzip ab.
019	HAZ12/FEB.00216	Mit ihr werde es für Schüler einfacher, Ausbildungsplätze zu finden, erklärt Markus Kiss vom Deutschen Industrie- und Handelskammertag.	**Denn**	bislang bieten die rund 80 Kammern in Deutschland jeweils eine eigene regionale Lehrstellenbörse an.
025	HAZ12/FEB.00217	Interne Firmendaten dürfen nicht ohne Weiteres an ein privates E-Mail-Postfach übermittelt werden.	**Denn**	dies stellt eine schwerwiegende Verletzung der arbeitsrechtlichen Pflichten da.
020	HAZ12/FEB.00275	Trotzdem dürfte es am Wochenende voll werden,	**denn**	die Winterlandschaft bietet reizvolle Aussichten für Wanderer und Spaziergänger.
021	HAZ12/FEB.00760	Dort versteckt er sich im Baumhaus der kleinen Pia, die den ungewöhnlichen Gast vor van Sneider und dem Zoodirektor Kellermann beschützt. Wenn es doch bloß nicht so warm wäre!	**Denn**	ein Yeti mag es nun mal eiskalt.
022	HAZ12/FEB.00788	Direkte Folgen für mögliche TV-Expansionspläne dürfte das Urteil aber vorerst nicht haben.	**Denn**	auch das Bundeskartellamt hatte 2006 die Übernahme der Sender untersagt.
023	HAZ12/FEB.00898	Maximilian ist häufig im Zoo, und dies ist einer seiner Lieblingsplätze: Von der Balustrade, direkt an der Scheibe sieht er den eleganten Raubkatzen bei ihren Tauchgängen zu. Gerade bei diesem Wetter ist das ein wunderbarer Platz.	**Denn**	hier ist es trocken, relativ warm und es gibt immer was zu schauen.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
024	HAZ12/FEB.00913	Freilich wird es ein hartes Stück Arbeit werden,	**denn**	die Hauptstädter sind Tabellenzweiter der Nachwuchs-Bundesliga, während die “Roten” mit fünf Punkten Rückstand auf dem 7. Platz stehen.
025	HAZ12/FEB.01088	Im Gespräch ist der Kabarettist Georg Schramm. “Schramm wäre sicherlich der bessere Bundespräsident,	**denn**	er stünde nicht auf der Seite der Banken und Finanzmärkte, sondern auf der Seite ihrer Kritiker”, sagt Linken-Fraktionsvize Sahra Wagenknecht
026	HAZ12/FEB.01147	Die Polizei vermutet, dass die beiden Insassen des Fahrzeugs den Kraftstoff gestohlen hatten.	**Denn**	im Kofferraum stießen die Ermittler zudem auf eine Absauganlage.
027	HAZ12/FEB.01324	Am Wochenende muss dort den zahlreichen Spaziergängern das Eisvergnügen von vor zwei Wochen schon unendlich weit weg erschienen sein.	**Denn**	bei herrlichem Sonnenschein zeigten sich die ersten bunten Frühlingsvorboten.
028	HAZ12/MAR.00119	Also gehören sämtliche Schnittstellen der Unterhaltungs- und Kommunikationstechnik ins Fahrzeug, und sie sollten auf Sprache gehorchen,	**denn**	manchmal muss die Hand ja auch ans Steuer. Aber die Möglichkeiten reichen viel weiter.
029	HAZ12/MAR.00123	Der Siegeszug der Tablet-Computer hat Microsoft ein paar Schrecksekunden beschert,	**denn**	der Software-Marktführer lebte lange in der Welt von Maus und Tastatur.
030	HAZ12/MAR.00165-1	Allergiker sehen den Wetterumschwung allerdings mit zwiespältigen Gefühlen.	**Denn**	mit den ersten warmen Tagen nach der winterlichen Frostperiode beginnt auch die Zeit der Pflanzenblüte.
031	HAZ12/MAR.00165-2	Im weiteren Verlauf des Frühjahrs müssen sich Allergiker nach Angaben von Experten dann vor allem auf eine starke Belastung mit Birkenpollen einstellen.	**Denn**	Birken setzen aus bislang nicht restlos geklärten Gründen alle zwei Jahre mehr Pollen frei als üblich, wie die Europäische Stiftung für Allergieforschung mitteilte.
032	HAZ12/MAR.00302	Sängerin Katie Melua gibt nach ihrer Auszeit wegen Erschöpfung besser auf sich Acht. “Musik ist alles, was ich bin, alles was ich liebe”, sagte die 27-Jährige der Zeitschrift “Freundin”. “Aber ich passe jetzt auf mich auf.	**Denn**	schließlich ist das, was ich tue, nur ein Job.”

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
033	HAZ12/MAR.00341	Das könnte das Bild der CeBIT im Ausland nachhaltig positiv beeinflussen,	**denn**	Widmer ist als Journalist zur CeBIT angereist.
034	HAZ12/MAR.00438-2	Zweimal in der Woche geht Angelika Ohlms im Nord-Ost-Bad schwimmen. Auch an diesem Donnerstag. Sie hatte Glück,	**denn**	das Bad war das einzige, das gestern geöffnet hatte.
035	HAZ12/MAR.00506	Wer am G-Tec-Stand in Halle 26 unter die Haube kommt, darf nicht sehr eitel sein. Das Ding ist nicht nur gräulich, es sieht auch greulich aus. Doch der Nutzen ist immens.	**Denn**	die löchrige Sturmkappe dient nur dazu, Gehirnströme zu messen.
036	HAZ12/MAR.00553	Hintergrund für die Produktionsänderung ist ein kalifornisches Gesetz.	**Denn**	bliebe der amerikanische Getränkemulti tatenlos, müsste Coca-Cola in dem US-Bundesstaat Warnhinweise auf seine Flaschen und Dosen drucken.
037	HAZ12/MAR.00648	CDU, FDP und Linke könnten so die Koalition unter Führung von Ministerpräsidentin Hannelore Kraft (SPD) zu Fall bringen,	**denn**	dann wäre nach Ansicht der Landtagsverwaltung mit dem Votum der Gesamthaushalt der Koalition gescheitert.
038	HAZ12/MAR.00666	Verdient hätte es der Kanadier, der erst im Saisonverlauf zum ECH gestoßen ist,	**denn**	er hat der Abwehr deutlich Stabilität verliehen.
039	HAZ12/MAR.00691	Das können vor allem die hören, die vor ihrem Schlafzimmerfenster ein paar Bäume oder Büsche haben:	**Denn**	dort sitzen schon vor Sonnenaufgang die ersten Vögel und trällern nach Herzenslust.
040	HAZ12/MAR.00782	Doch wie lange die auf der Vulkaninsel heimische Sprache Daakaka noch existiert, steht in den Sternen.	**Denn**	Daakaka ist vom Aussterben bedroht. Mit dem DoBeS-Programm unterstützt die Volkswagenstiftung internationale Wissenschaftler, die sich für die Rettung bedrohter Sprachen einsetzen.
041	HAZ12/MAR.00954	“Es ist für uns der schwere Auftakt für die Spiele gegen die drei Profimannschaften der Liga”, sagt Sprecher Bert Oltersdorf.	**Denn**	nach dem Tabellenzweiten aus Heidelberg bekommen es die Hannoveraner bei ihren vier verbleibenden Spielen bis zum Saisonende auch noch mit Spitzenreiter TV Pforzheim und dem Dritten SC Frankfurt 1880 zu tun.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
042	HAZ12/MAR.00955	Das Geld sollte für die großen Zukunftsvisionen im Unternehmen bleiben — zumal es oft jahrelang am Gewinn für die Ausschüttung fehlte. Die Aktionäre waren trotzdem zufrieden,	**denn**	die rapiden Kurssteigerungen sicherten ihren Vermögenszuwachs, Dividenden wären daneben kaum ins Gewicht gefallen.
043	HAZ12/MAR.00974	Mit “natürlichem Süßstoff” können Lebensmittelproduzenten allerdings nicht für Stevia-Produkte werben,	**denn**	der Extrakt wird chemisch gewonnen.
044	HAZ12/MAR.00975	Nach der Kinderzeit hätten sich die beiden beinahe aus den Augen verloren.	**Denn**	1933 zog der damals 13-jährige Rudi mit seiner Familie nach Kirchrode, sie verloren sich aus den Augen.
045	HAZ12/MAR.01035	”Im Moment sind wir leider von Baustellen umzingelt”, sagt Schlossküchen-Chef Dietmar Althof.	**Denn**	nicht nur in der Küche des Restaurants wird gehämmert und gebohrt.
046	HAZ12/MAR.01053	Sollte das Sanierungskonzept vor Gericht nicht durchgehen, habe das Unternehmen aus dem bayerischen Neumarkt die Pflicht, beim Amtsgericht Nürnberg einen Insolvenzantrag zu stellen, sagte Vorstandsmitglied Hans-Joachim Ziems gestern in München. Schon in wenigen Tagen könnte es so weit sein.	**Denn**	bis Ende März wird mit einer Entscheidung des Oberlandesgerichts Frankfurt gerechnet.
047	HAZ12/MAR.01213	“Totalitarismus, den bekämpft man nicht, wenn er schon die Macht an sich gerissen hat;	**denn**	dann ist es für den Einzelnen, für den kleinen Mann zu spät. [...]”
048	HAZ12/MAR.01237	In den Alpen herrscht bald etwas mehr Ruhe.	**Denn**	in diesem Jahr wird der Münchener Privatsender PRO7 auf die ursprünglich geplante Neuauflage der Trash-Show “Die Alm” verzichten.
049	HAZ12/MAI.00166	Die Unaufgeregtheit, die ihn auszeichnet, ist derzeit ganz hilfreich.	**Denn**	der CDU-Landeschef kann sich vor Terminen kaum retten.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
050	HAZ12/MAI.00181	Es sei sinnvoll, den Verbrauch erst einmal ein bis zwei Jahre lang zu beobachten.	**Denn**	die Kilowattstunden, die den festgelegten Lieferumfang überschreiten, seien bei den fraglichen Tarifen oft besonders teuer.

A.3 Ocorrências do conector *weil*

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
001	HAZ12/JAN.00010	“Die Chancen, dass Präsident Obama wieder nach Berlin kommt, stehen gut,	**weil**	er das auch selbst unbedingt will,” sagte US-Botschafter Philip D. Murphy der “Berliner Morgenpost”.
002	HAZ12/JAN.00041	Für Ortsbrandmeister Ralf Dankenbring lag die Lösung des Problems schnell auf der Hand: “Wir hatten keine Chance, mit einer Drehleiter oder einem Kran das Pferd von der Mauer zu heben,	**weil**	wir sonst das Dach des Stalls hätten abdecken müssen.”
003	HAZ12/JAN.00109	Der 52-jährige gebürtige Hannoveraner hat vor wenigen Wochen den Abbau von 600 Stellen angekündigt,	**weil**	der Veranstalter bei der Produktion von Reisen sparen muss.
004	HAZ12/JAN.00114	“Die Deutschen greifen eher zu helleren Brotsorten,	**weil**	sie zum Beispiel Baguette und Ciabatta auf ihren Reisen kennengelernt haben,” hieß es.
005	HAZ12/JAN.00117	Die Geschichte um den Badearzt Stockmann, gespielt von Aljoscha Stadelmann, der sich gegen Diffamierungen durch Politiker in dem Kurort zur Wehr setzen muss,	**weil**	er für demokratische Werte kämpft, könnte sich heute irgendwo auf der Welt auch im richtigen Leben so abspielen.
006	HAZ12/JAN.00160	Zum Schluss kommt noch ein Deckel drauf:	**Weil**	Bubble Teas eigentlich zum Mitnehmen gedacht sind, wird der Becher mit Plastikfolie versiegelt. Die ist mit asiatischen Comicfiguren bedruckt.
007	HAZ12/JAN.00197	Alle Einnahmen werden zugunsten verschiedener Projekte der Diakonie Hannover gespendet.	**Weil**	der Winter vermutlich doch noch kalt wird, werden beim Konzert auch gespendete Schlafsäcke entgegengenommen.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
008	HAZ12/JAN.00200	Der Nahrungshersteller Milupa ruft einen Babybrei zurück,	**weil**	dieser entgegen den Angaben Gluten und Weizen enthält.
009	HAZ12/JAN.00281	Die Stadt hat dies bislang nicht getan.	**Weil**	sich, wie es auf Nachfrage heißt, alle Mitarbeiter, die sich mit der Vorgeschichte des Verfahrens auskennen, noch im Urlaub befinden.
010	HAZ12/JAN.00293	Ein Anstieg der Grundsteuer sei “unsozial,”sagt Verbandschef Rainer Beckmann,	**weil**	auch die Mieter zur Kasse gebeten werden.
011	HAZ12/JAN.00302	Den Occupy-Anhängern in Berlin droht die Räumung.	**Weil**	sie ihr Camp am alten Bundespressestrand im Regierungsviertel nicht aufgegeben haben, hat die Grundstücksverwalterin Strafanzeige erstattet und ein Räumungsgesuch gestellt.
012	HAZ12/JAN.00304	Ihre Partei teilte am Freitag mit, Alexander Timoschenko habe sich zu einer Flucht gezwungen gesehen,	**weil**	die Behörden über ihn Druck auf seine Frau ausüben wollten.
013	HAZ12/JAN.00336	325 Verfahren seien eingestellt worden,	**weil**	die Unterzeichner nicht hinreichend sicher identifiziert werden konnten.
014	HAZ12/JAN.00342	Der Standort in Kolenfeld gilt als interessant,	**weil**	dort ein sogenanntes trimodales Konzept umgesetzt werden könnte: Es gibt den Mittellandkanal als Wasserstraße, die Anbindung an die Autobahn und die Möglichkeit, einen Gleisanschluss zu legen.
015	HAZ12/JAN.00386	De Villiers und von Zitzewitz kämpften sich in ihrem unterlegenen Toyota auf den 419 äußerst anspruchsvollen Kilometern zeitweise sogar auf Rang 2 bei den Automobilen vor.	**Weil**	das Duo aus Südafrika und Karlshof aber keinen technischen Defekt riskieren wollte, fuhr es nicht volles Tempo.
016	HAZ12/JAN.00461	Der Apfelkuchen sei deshalb so beliebt,	**weil**	er nie zu süß sei.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
017	HAZ12/JAN.00469	Texanische Polizisten verstehen keinen Spaß: US-Rapper Snoop Dogg (40) wurde am Wochenende vorübergehend festgenommen,	**weil**	in seinem Tourbus Marihuana gefunden wurde.
018	HAZ12/JAN.00508-1	Das berichtete Claudia Göttler von der Stadtverwaltung im Bezirksrat Mitte.	**Weil**	die Tiere unter Naturschutz stehen, sei eine Gefährdung keine Ordnungswidrigkeit, sondern eine Straftat.
019	HAZ12/JAN.00508-2	Kritik gab es von Grünen-Politiker Martin Nebendahl,	**weil**	49 Bäume auf dem Bunkergrundstück gefällt werden sollen, die Ersatzpflanzungen dafür aber offenbar erneut nicht im Bezirk Mitte vorgenommen werden.
020	HAZ12/JAN.00617	Und das ist auch deshalb ärgerlich,	**weil**	die Stadt lange Zeit so getan hat, als rechne sich das Schlossmuseum allein über seine Besucherzahlen.
021	HAZ12/JAN.00624	Die Naturschutzbehörden hatten allerdings Auflagen erteilt,	**weil**	Anwohner Fledermäuse gesichtet hatten.
022	HAZ12/JAN.00627	Bacher ist den Gemeinden und Landkreisen gut bekannt,	**weil**	er von 2007 bis Ende Januar 2011 an der Spitze des Landeskommandos Niedersachsen die zivil-militärische Kooperation in Katastrophenfällen aufgebaut und organisiert hat.
023	HAZ12/JAN.00647	Hintergrund war der Fall eines Kochs, dem von einem Edel-Restaurant gekündigt worden war,	**weil**	er nach fünf Jahren an dieser Arbeitsstelle plötzlich mit Ohrringen erschien.
024	HAZ12/JAN.00698	Lehrer hatten gegen 12.15 Uhr die Polizei in die Loccumer Straße gerufen,	**weil**	der Jugendliche einer Mitschülerin verbal mit dem Tod gedroht hatte.
025	HAZ12/JAN.00731	Nicht nur in der Innenstadt, auch in vielen Stadtteilen gibt es Ärger,	**weil**	vermeintliche Tierschützer Stadttauben füttern.
026	HAZ12/FEB.01125	Klarsfeld wurde durch eine Ohrfeige berühmt: Im Alter von 29 Jahren schlug sie 1968 auf einem CDU-Parteitag Bundeskanzler Kurt Georg Kiesinger ins Gesicht,	**weil**	der früher Mitglied der NSDAP war.
027	HAZ12/JAN.00847	Die Zusammenarbeit werde auf die Trinkwasserversorgung und Abwasserentsorgung beschränkt,	**weil**	dieser Bereich für die Armutsbekämpfung wichtig sei.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
028	HAZ12/JAN.00864	Danach gab es hitzige Diskussionen,	**weil**	Greipel dem Altmeister aus Italien unsaubere Fahrweise vorwarf.
029	HAZ12/JAN.00882	Die Kommission erklärte, auf die rein rechnerisch notwendige Anhebung von 18 Cent zu verzichten,	**weil**	die Folgen des neuen Gebührenmodells, das 2013 kommt, noch nicht abzuschätzen seien.
030	HAZ12/JAN.00888	Der im tschechischen Budweis geborene Senft werde als einer der Pioniere des Neuen Deutschen Films sowie als unermüdlicher Aktivist des deutschen Kinderfilms ausgezeichnet, teilten die Veranstalter am Mittwoch mit.	**Weil**	Senft nicht mehr reisen könne, habe Berlinale-Chef Dieter Kosslick ihm die Auszeichnung bereits an seinem Wohnort in München übergeben, hieß es.
031	HAZ12/JAN.00943	Zudem waren in Listen viele Wähler registriert, die eigentlich gar nicht wahlberechtigt waren — etwa deshalb,	**weil**	sie im Gefängnis saßen.
032	HAZ12/JAN.00950	Ältere Patienten in Krisensituationen sollten nicht in Kliniken eingewiesen werden,	**weil**	Ärzte gerade Stoßzeit in ihrer Praxis hätten.
033	HAZ12/JAN.00973	Mit im Boot sitzt die Stadt,	**weil**	zwischen ihr und Hannover 96 ein über neun Jahrzehnte laufender Erbpachtvertrag für das Sportgelände in der Eilenriede besteht.
034	HAZ12/JAN.00992		**Weil**	sich sein Chamäleon Edgar in einer Pension im westfälischen Werne perfekt der grünen Zimmertapete angepasst hatte, hat ein Mitarbeiter eines Reptilienhändlers das Tier bei der Abreise schlicht vergessen.
035	HAZ12/JAN.01032	Sitz des Unternehmens ist nicht Schulenburg, sondern das Brunnenkopp-Gelände in Ronnenberg-Empelde,	**weil**	es größer ist.
036	HAZ12/JAN.01141		**Weil**	sie deutsch miteinander sprachen, sind ein 71-jähriger Engländer und seine Tochter aus einem Pub geworfen worden.
037	HAZ12/JAN.01291	Böhlmann zeigt sich irritiert,	**weil**	der Vorstoß nicht mit ihm abgestimmt wurde.

Continua na próxima página

No.	Identificação	Contexto precedente	Expressão	Contexto subsequente
038	HAZ12/JAN.01327	Denn in den vergangenen Monaten hatte es zwischen Stadt und Region Unstimmigkeiten gegeben,	**weil**	die Region trotz des neuen gemeinsamen Logos auch ihr altes Erkennungszeichen künftig weiterverwenden will.
039	HAZ12/JAN.01344	Ein katholischer Priester aus Salzgitter muss für sechs Jahre ins Gefängnis,	**weil**	er über Jahre hinweg mehrere Jungen sexuell missbraucht hat.
040	HAZ12/JAN.01375	Ein Künstler fordert sie von seiner ehemaligen Galerie zurück,	**weil**	er sie für Kunst hält. Die Galerie aber konnte die alten Fritten nicht mehr finden.
041	HAZ12/JAN.01384	Es zeigt den Kirchenvorsteher Peter Kretschmer vor der Elisabethkirche in Langenhagen und den Slogan “Er ist im Kirchenvorstand,	**weil**	ein Kirchendach sich nicht von allein deckt.”
042	HAZ12/JAN.01435	Die Rolle einer Polizeipsychologin habe sie vor allem deshalb fasziniert,	**weil**	die Produzenten wirklich rund 60 Meter über der Straße drehen wollten.
043	HAZ12/JAN.01436	Die Post hatte sie bei den Vereinten Nationen abgeliefert,	**weil**	auf den weißen Säcken ein UN-Symbol prangte.
044	HAZ12/JAN.01464	Ärger gab es,	**weil**	der Pavillon während des Maschseefestes aus diesem Grund mit Folien verhüllt war.
045	HAZ12/JAN.01469	Aus drei Anzeigen wegen Verunglimpfung habe sich kein Anfangsverdacht ergeben.	**Weil**	Wenzel seine Aussage im Rahmen einer politischen Debatte gemacht habe, sei sie durch die Meinungsfreiheit geschützt.
046	HAZ12/JAN.01480	Wirtschaftskreise warnen seit langem vor der Bettensteuer,	**weil**	sie den Messestandort Hannover belaste.
047	HAZ12/JAN.01522	Etwa 20 Pferde entgingen dem Flammentod offenbar nur,	**weil**	sie die Nacht auf einer Weide verbracht hatten.
048	HAZ12/FEB.00013	“Ich bin schon oft runtergemacht worden,	**weil**	ich ‘Peace and Love’ sage. Aber ich mach’ das halt. Ich hätte gern, dass es auf der Welt nur Frieden und Liebe gibt,” sagte Starr.
049	HAZ12/FEB.00025	Laut Regierung nimmt die Bevölkerung seit 2003 praktisch kontinuierlich ab,	**weil**	mehr Menschen sterben als geboren werden.
050	HAZ12/FEB.00053	Die Kinder müssen zumindest zeitweise auf bestimmte Nahrungsmittel verzichten,	**weil**	sie allergisch darauf reagieren.